

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO AGROPECUÁRIO
NÚCLEO DE ESTUDOS INTEGRADOS SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR
EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA -
AMAZÔNIA ORIENTAL
CURSO DE MESTRADO EM AGRICULTURAS FAMILIARES E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

Lucilda Maria Sousa de Matos

**AGRICULTURA FAMILIAR E INFORMAÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO RURAL NOS MUNICÍPIOS DE IGARAPÉ-AÇU
E MARAPANIM**

Belém
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO AGROPECUÁRIO
NÚCLEO DE ESTUDOS INTEGRADOS SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR
EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA -
AMAZÔNIA ORIENTAL
CURSO DE MESTRADO EM AGRICULTURAS FAMILIARES E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

Lucilda Maria Sousa de Matos

**AGRICULTURA FAMILIAR E INFORMAÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO RURAL NOS MUNICÍPIOS DE IGARAPÉ-AÇU
E MARAPANIM**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal do Pará e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadoras: Prof^a Dr^a Lena Vania Ribeiro Pinheiro
Doutora em Comunicação e Cultura,
UFRJ

Prof^a Dr^a Maria do Socorro A. Kato
Embrapa Amazônia Oriental
Dr^a em Ecologia Tropical, Universidade
de Gottingen, Alemanha

Belém
2005

Matos, Lucilda Maria Sousa de

Agricultura familiar e informação para o desenvolvimento rural nos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim / Lucilda Maria Sousa de Matos. – Belém, PA: UFPA-Centro Agropecuário : Embrapa Amazônia Oriental, 2005. Orientada por Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Maria do Socorro Andrade Kato.

147 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Curso de Pós-Graduação em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável.

1. Agricultura familiar. 2. Informação agrícola. 3. Necessidade e demanda por informação. I. Pinheiro, Lena Vania Ribeiro Pinheiro - orientadora. II. Kato, Maria do Socorro Andrade - orientadora. III. Título.

CDD 630.98115

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO AGROPECUÁRIO
NÚCLEO DE ESTUDOS INTEGRADOS SOBRE AGRICULTURA FAMILIAR
EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA -
AMAZÔNIA ORIENTAL
CURSO DE MESTRADO EM AGRICULTURAS FAMILIARES E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

Lucilda Maria Sousa de Matos

**AGRICULTURA FAMILIAR E INFORMAÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO RURAL NOS MUNICÍPIOS DE IGARAPÉ-AÇU
E MARAPANIM**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal do Pará e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadoras: Prof^a Dr^a Lena Vania Ribeiro Pinheiro
Prof^a Dra^a Maria do Socorro A. Kato

Data da Defesa: 16/02/2005

Conceito: _____ Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Prof^a Dr^a Maria do Socorro Andrade Kato

Prof^a Dr^a Maria de Nazaré Ângelo-Menezes

Prof^o Dr. Iran Pereira Veiga Júnior (Suplente)

Belém
2005

“[...] eles dão informação pra nós e ajuda e nós damos as informações culturais da gente também. Nós estamos aqui fazendo aquilo que vocês sabem, nós estamos passando aquilo que nós sabemos e estamos recebendo de vocês aquilo que vocês sabem, que é pra gente começar a trabalhar em cima daquilo que vocês sabem, das deficiências que vocês têm”.

(Agricultor Parceiro Alcântara)

Aos meus pais **Francisco** (*In memoriam*) e **Lucimar**,
“*seres iluminados*” na minha vida e responsáveis
pela base da minha formação.

Ao meu esposo **Grimoaldo**, pelo carinho, amor,
compreensão e por me fazer acreditar sempre nas
minhas potencialidades.

Aos meus filhos **Brenno** e **Gustavo**, pela ausência
sentida e reclamada, mas com a compreensão das
possibilidades que o conhecimento nos proporciona.

Aos meus **familiares** e **amigos** pela compreensão e
apoio constantes.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida;

À Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa e ao Projeto Tipitamba pela oportunidade concedida;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Edital COAGR 04-01 e ao programa SHIFT do Bundesministerium für Bildung und Forschung – BMBF, Alemanha, pelo apoio financeiro ao desenvolvimento desta pesquisa.

Às minhas orientadoras: Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Maria do Socorro Andrade Kato, pelo conhecimento compartilhado, apoio, incentivo, orientação, aconselhamento e amizade, que me permitiu trilhar caminhos ainda não trilhados.

À Rubenise, pela amizade, acompanhamento acadêmico, incentivo, ensinamentos e por fazer parte da minha construção acadêmica e profissional.

Aos doutores Miguel Simão e Francisco Figueiredo, pelo apoio recebido e por acreditarem na nossa proposta de estudo.

À minha família, pela ausência sentida, principalmente nos eventos familiares, e pelo apoio incondicional durante o período do curso.

Aos agricultores parceiros do projeto, com quem convivi e presenciei a sua força e luta constantes e sem eles não teria realizado essa pesquisa.

À Minelvina, amiga que apesar da distância geográfica, sempre está presente me incentivando.

À professora Gilda Braga pelos aconselhamentos que me permitiram grandes reflexões.

À Luciene Figueiredo, pela amizade e diálogo permanente, especialmente nas horas de inquietações.

Aos professores do MAFDS, Delma, Gutemberg, Maria de Nazaré, Laura, Iran, Heribert, Sérgio, Tatiana, Socorro Kato, Orlando, Jane Beltrão, Rosa Acevedo, que através de suas aulas permitiram ampliar minha base teórica sobre a agricultura familiar.

Aos colegas do curso Dvandro, Anderson, Tonildes, James, Luciene, Soraya, Lira, Jorge e Paulo pela boa convivência estabelecida durante o curso, assim como, pelo conhecimento compartilhado.

Aos motoristas da Embrapa que trabalham no Projeto Tipitamba, Edílson da Silva (Malar) e Luiz Gonzaga Aviz (Gonzaga), pela paciência com que nos conduziam às comunidades.

A Secretária do MAFDS, Marina, Marizete e Rodrigo; Stela (Serviço de Xerox) e Vera Fadul, bibliotecária do Centro Agropecuário.

À equipe do Setor de Informação da Embrapa Amazônia Oriental, Rubenise, Rosa, Célia, Sílvio, Isanira, Lenir, José Ribamar, Dioberto, Valdomiro, José Maria, Maria José, Graça, Ana Mirtes, Michell, Afonso e Helena pelo pronto atendimento às minhas solicitações.

Às amigas Valdirene e Célia pela companhia em Igarapé-Açu.

À bibliotecária Célia Santana, da Universidade da Amazônia pela concessão de material bibliográfico para realização desta pesquisa.

Às pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS
LISTA DE TABELAS
LISTA DE SIGLAS
RESUMO
ABSTRACT

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. PROJETO EM AGRICULTURA FAMILIAR E INFORMAÇÃO NA AMAZÔNIA.....	17
2. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SEU OBJETO – INFORMAÇÃO.....	25
2.1 ESTUDOS, APLICAÇÕES E PROJETOS DE INFORMAÇÃO NAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS.....	30
2.2 NECESSIDADES, DEMANDAS E USOS DE INFORMAÇÃO.....	36
3. OBJETIVOS.....	38
3.1. OBJETIVO GERAL.....	38
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	38
4. HIPÓTESES.....	40
5. AMBIENTE DE ESTUDO.....	41
6. METODOLOGIA.....	44
6.1 INSTRUMENTO E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	45
6.1.1 Amostra.....	49
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	51
7.1. PERFIL DOS AGRICULTORES FAMILIARES.....	51
7.1.1 Perfil individual dos agricultores parceiros do Projeto.....	51
7.1.2 Perfil familiar dos agricultores parceiros.....	56
7.1.3 Perfil dos agricultores vizinhos.....	62
7.1.4 Perfil dos formadores de opinião.....	64
7.2 CONSTRUINDO O CONCEITO DE INFORMAÇÃO NO AMBIENTE DA AGRICULTURA FAMILIAR.....	65
7.2.1 Conceito de informação do ponto de vista dos “agricultores parceiros”.....	66
7.2.2 Conceito de informação do ponto de vista dos “agricultores vizinhos”.....	75
7.2.3 Conceito de informação do ponto de vista dos “formadores de opinião”.....	77
7.3 O PROCESSO DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES.....	80
7.3.1 Atores sociais e institucionais como fontes de informação.....	82
7.3.2 Conhecendo e reconhecendo os canais de comunicação preferenciais ou utilizados pelos agricultores parceiros.....	88

7.4 TIPOLOGIA DE INFORMAÇÕES DEMANDADAS PELOS AGRICULTORES.....	90
7.4.1 Tipologia de informações demandadas pelos agricultores parceiros.....	90
7.4.1.1 Demanda por informações sobre Agricultura.....	92
7.4.1.1.1 Demanda de informação sobre maracujá.....	93
7.4.1.1.2 Demanda de informação sobre financiamento (crédito agrícola).....	95
7.4.1.1.3 Demanda de informação sobre mandioca.....	99
7.4.1.1.4 Demanda de informação sobre milho.....	100
7.4.1.2 Demanda por informações sobre Educação.....	101
7.4.1.3 Demanda por informações sobre outros temas: Direito, Previdência Social, Meio Ambiente e Utilidade Pública.....	102
7.4.2 Tipologia de informações demandadas pelos agricultores vizinhos.....	103
7.4.3 Tipologia de informações demandadas pelos formadores de opinião.....	105
7.5 AÇÕES PARTICIPATIVAS PROMOVIDAS PELO PROJETO.....	107
7.6 ESTÍMULOS E BARREIRAS NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO.....	111
7.6.1 Estímulos ao processo de comunicação e informação.....	111
7.6.1.1 Confiabilidade nos membros do Projeto e comunicação informal.....	111
7.6.1.2 Experiência e conhecimentos adquiridos sobre a tecnologia.....	113
7.6.1.3 Culturas melhor desenvolvidas em área triturada.....	114
7.6.2 Barreiras ao processo de comunicação e informação.....	116
7.7 AUDIÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA.....	119
7.7.1 Audiência dos meios de comunicação de massa entre agricultores parceiros.....	120
7.7.2 Audiência dos meios de comunicação de massa entre agricultores vizinhos.....	125
7.7.3 Audiência dos meios de comunicação de massa entre formadores de opinião.....	126
7.8 TÉCNICA DO INCIDENTE CRÍTICO.....	127
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	140
ANEXOS.....	147

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa de localização das propriedades	42
Figura 2	Local de nascimento dos agricultores parceiros	53
Figura 3	Distribuição dos agricultores parceiros por faixa etária	54
Figura 4	Nível de escolaridade dos agricultores parceiros	55
Figura 5	Número de pessoas da família por comunidade	58
Figura 6	Distribuição das pessoas por comunidade	58
Figura 7	Distribuição das pessoas por sexo	59
Figura 8	Faixa etária por sexo	60
Figura 9	Nível de escolaridade da família	61
Figura 10	Emissoras de rádio de maior audiência entre agricultores parceiros	121
Figura 11	Programas de televisão de maior audiência entre agricultores parceiros	123
Figura 12	Leitura de jornais e revistas por agricultores parceiros	124
Figura 13	Programas de televisão de maior audiência entre formadores de opinião	126
Figura 14	Atores sociais e institucionais fornecedores de informações	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Participação dos agricultores parceiros em entidades associativas	56
Tabela 2	Participação dos agricultores vizinhos em entidades associativas	64
Tabela 3	Informação na visão dos agricultores parceiros	75
Tabela 4	Informação na visão dos agricultores vizinhos	76
Tabela 5	Informação na visão dos formadores de opinião	77
Tabela 6	Atores sociais e institucionais participantes da rede de comunicação interna e externa dos agricultores parceiros	83
Tabela 7	Atores sociais e institucionais participantes da rede de comunicação interna e externa dos agricultores vizinhos	86
Tabela 8	Atores sociais e institucionais participantes da rede de comunicação interna e externa dos formadores de opinião	87
Tabela 9	Tipologia de informações demandadas pelos agricultores parceiros, por grandes temas	90
Tabela 10	Tipologia de informações demandadas pelos agricultores parceiros, por sub-temas ou assuntos	91
Tabela 11	Tipologia de informações demandadas pelos agricultores vizinhos	104
Tabela 12	Tipologia de informações demandadas pelos formadores de opinião	106
Tabela 13	Culturas plantadas em área triturada	115
Tabela 14	Culturas melhor desenvolvidas na área triturada	115
Tabela 15	Informações obtidas pelos agricultores parceiros na busca mais recente	128
Tabela 16	Informações não obtidas pelos agricultores parceiros	132

LISTA DE SIGLAS

BASA	Banco da Amazônia
CAMP	Cooperativa Agrícola Mista de Produtores
CEPLAC	Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
INFORMAM	Sistema de Informação Científica e Tecnológica da Amazônia
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
NAEA	Núcleo de Altos Estudos da Amazônia
NEAF	Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar
NUMA	Núcleo de Meio Ambiente
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
REBAM	Rede de Bibliotecas da Amazônia
SAGRI	Secretaria de Agricultura do Estado do Pará
SIA	Serviço de Informação Agrícola
SEICT	Sistema Estadual de Informação Científica e Tecnológica
SEMAM	Secretaria Municipal de Agricultura de Marapanim
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SHIFT	Studies of Human Impact in Forests and Floodplains in the Tropics
SIAMAZ	Sistema de informação da Amazônia
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia

RESUMO

A pesquisa foi feita com o objetivo de identificar e analisar as necessidades, demandas e usos de informação por agricultores parceiros do projeto de pesquisa “Adaptação e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense”, desenvolvido nos municípios de Igarapé - Açu e Marapanim, pela Embrapa, no processo de comunicação e de informação para ação. Com base em entrevistas e observação foi traçado o perfil dos agricultores parceiros, agricultores vizinhos e formadores de opinião e identificadas as suas demandas de informação, sendo a mais significativa relacionada à Agricultura (cultivo, doenças, pragas, financiamento / crédito agrícola), seguida de informações sobre Educação, Previdência Social, Direito etc. O conceito de informação foi construído a partir de percepções dos entrevistados e foram estudados, ainda, ações participativas promovidas pelo projeto, meios de comunicação de massa de maior audiência, além de estímulos e barreiras na informação. Entre os atores sociais e institucionais atuantes no processo há forte participação dos familiares e agricultores vizinhos, como fonte de informação para as comunidades e, entre as diversas instituições, a Embrapa. Através da aplicação da técnica do incidente crítico foi analisada a busca de informação mais recente, quando agricultores parceiros precisaram de informação para desenvolver suas atividades, se a obtiveram ou não, e o que isso ocasionou nas suas atividades na agricultura familiar e nas suas vidas.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Informação agrícola; Necessidades e demandas de informação; Usos de informação; Incidente crítico.

ABSTRACT

The research was done with the objective of identifying and analysing the needs, demands and uses of information from partner farmers of the research project, "Adaptation and participative validity of an area preparation without burning in northern Pará", developed in the cities of Igarapé-Açu and Marapanim, by Embrapa, in the communication process and information for action. Based on interviews and observations, it was outlined the profile of partner farmers and opinion makers and identified their demands of information, being the most significant ones related to agriculture (cultivation, diseases, pests, financing/agricultural credit), followed by information on Education, Social Security, Law etc. The concept of information was constructed from the interviewed perceptions and were studied, still, participative actions developed by the project, means of mass communication of wider audience; besides support and information barriers. Among the social and institutional actors acting in the process, there is strong participation of relatives neighboring farmers, as a source of information for the communities and, among the several institutions, and Embrapa. Through the application of the technique of the critical incident the search of more recent information was analyzed, when agriculturist partners had needed information to develop their activities, if they had gotten it or not, and what this caused in their activities in familiar agriculture and their lives.

Key-words: Family farming; Agricultural information; Needs and demands of information; Uses of information; Critical incident.

1. INTRODUÇÃO

Para satisfazer suas necessidades alimentares, a população que vive nas cidades precisa da agricultura, daí sua importância na produção de alimentos e na economia do país.

A agricultura emprega, no Brasil, cerca de 24,5% da população economicamente ativa e dessa grande maioria da população rural, em torno de 70% pertencem à família e o restante, 30%, tem ocupação fora dela, inclusive como assalariados (ALVES, 2001).

Em nível regional, mais especificamente no Estado do Pará, na década de 80 teve início o processo de mudança de base produtiva da agricultura familiar, através da implantação de culturas permanentes nas estruturas familiares de produção (VILAR e COSTA, 2000).

Atualmente a agricultura familiar na região Norte abrange 82% do total de estabelecimentos agrícolas, e sua importância está pautada fortemente na geração de emprego e na produção de alimentos.

Os dados existentes e a literatura na qual a questão é abordada, bem como os autores citados, comprovam a crescente importância da agricultura familiar no Estado.

O conceito de agricultura familiar compreende diferentes interpretações e Abramovay (1997) expressa uma delas: “a agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade, e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento”. A definição é clara e contém três atributos básicos: gestão, propriedade e trabalho familiares.

Wanderley também define agricultura familiar como aquela em que “a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo” (WANDERLEY, 1997, p.10).

Para compreensão do contexto do futuro da agricultura familiar, Veiga (1996) afirma que, paulatinamente, as instituições regionais vêm sinalizando alguns avanços com relação às políticas públicas e traça o perfil de dois modelos que permitem visualizar as duas principais formas de produção agropecuária.

“Modelo Patronal

- *Completa separação entre gestão e trabalho*
- *Organização centralizada*
- *Ênfase na especialização*
- *Ênfase em práticas agrícolas padronizáveis*
- *Trabalho assalariado predominante*
- *Tecnologias dirigidas à eliminação das decisões de “Terreno” e de “momento”*
- *Tecnologias voltadas principalmente à redução das necessidades de mão-de-obra*
- *Pesada dependência de insumos comprados*

Fonte: Veiga (1996, p.396)

Modelo Familiar

- *Trabalho e gestão intimamente relacionados*
- *Direção do processo produtivo assegurada diretamente pelos proprietários*
- *Ênfase na diversificação*
- *Ênfase na durabilidade dos recursos naturais e na qualidade de vida*
- *Trabalho assalariado complementar*
- *Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo*
- *Tomada de decisão in loco, condicionada pelas especificidades do processo produtivo*
- *Ênfase no uso de insumos internos”*

O autor ressalta algumas características que concorrem para que a agricultura familiar se torne o modelo mais importante, entre as quais a diversificação de seus produtos, a integração da gestão e trabalho, decisão imediata e *in loco*, realização de serviços com insumos internos, durabilidade dos recursos naturais e, conseqüentemente, melhor qualidade de vida.

Assim, trabalhando na Embrapa Amazônia Oriental há aproximadamente quinze anos, com atividades desenvolvidas no Setor de Informação, tendo como público alvo o pesquisador, ou melhor, a comunidade técnico-científica, percebemos

a partir da experiência vivida, a possibilidade de visualizar para além deste ambiente, onde a atividade principal da empresa é gerar conhecimentos para os diversos segmentos da sociedade e cujo resultado caracteriza-se por informação, proveniente dessa geração de conhecimentos disseminados e disponíveis em diferentes suportes informacionais¹.

Percebemos, através do papel desempenhado na Empresa que precisávamos ir até a outra ponta, identificar e reconhecer na prática, o principal usuário da empresa, propagado tanto no discurso, quanto em documentos oficiais gerados pela Embrapa, e que na prática talvez encontre sérias lacunas no atendimento das necessidades² e/ou demandas por informação, inclusive os agricultores familiares.

A sinalização das dificuldades encontradas no atendimento das necessidades de informação dos agricultores, talvez esteja caracterizada pela questão da linguagem, formato e acima de tudo, no desconhecimento por parte dos técnicos, da ambiência onde estão localizados esses agricultores familiares.

Essa realidade precisa ser conhecida para não correremos o risco de estar oferecendo serviços que não irão satisfazer as necessidades dos agricultores familiares e, conseqüentemente, comprometendo recursos disponibilizados pela própria sociedade.

Esta dissertação prevê uma análise do componente informação como fonte para o desenvolvimento rural. O interesse em estudar a informação na agricultura familiar, partiu da necessidade do entendimento de como o projeto de Pesquisa e Desenvolvimento no âmbito da Embrapa Amazônia Oriental tem trabalhado a questão da informação, considerando a visão sistêmica e, acima de tudo, subsidiar

¹ São as diversas formas como o material pode ser apresentado: folder, cartilha, cd-room, fita de vídeo, artigo, livro, relatório visando atender os diversos segmentos da sociedade.

² O conceito é entendido por informações potenciais capazes de provocar mudanças ou alterações na vida dos agricultores parceiros e suas famílias.

com informação, essa categoria que a Embrapa reconhece como um cliente especial.

O empenho em estudar essa categoria política³, a agricultura familiar, no atendimento de suas demandas e/ou necessidades de informação dos agricultores familiares, surge como forma de aumentar o acesso às informações, ajudando as comunidades rurais a conhecer sua história, a entender a razão de seus principais problemas sociais.

Esse estudo se insere nas atividades do projeto de pesquisa e desenvolvimento da Embrapa Amazônia Oriental denominado “Adaptação e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense”⁴.

Para nortear os objetivos da proposta pretende-se obter respostas para as seguintes perguntas: o projeto de pesquisa gerou serviços e produtos de informação? Os agricultores participam na produção do material informacional gerado pelo projeto? A transferência de informação⁵ ocorre oralmente ou através de documentos impressos como um folder, por exemplo, ou as duas formas se complementam? Há outras formas de divulgação, como a áudio-visual, rádio, vídeo, filme, televisão? Os membros do projeto atendem às necessidades de informação dos agricultores parceiros⁶ e suas famílias? Como os agricultores demandam informação ao projeto? O projeto estimula a demanda e uso de informação? Como esse processo acontece?

³ Ver Neves (2002)

⁴ Projeto financiado pelo CNPq-edital COAGR004/2001.

⁵ Este conceito está relacionado à Ciência da Informação, com foco no paradigma participativo, onde a demanda parte de quem necessita da informação, no caso o agricultor familiar e suas famílias, pois os mesmos assumem um papel ativo no processo de comunicação e informação.

⁶ O referido termo é utilizado pelo projeto para o agricultor que atende a pré-requisitos como: liderança e comprometimento, disponibilidade de terra entre outros.

Espera-se que, com base em todo conhecimento adquirido junto aos agricultores parceiros do projeto juntamente com suas famílias, além dos seus vizinhos e dos formadores de opinião, em relação às necessidades, demandas e usos de informação, possam ser sinalizadas propostas que visem ao desenvolvimento dos atores envolvidos no processo de comunicação da informação.

1.1 PROJETO EM AGRICULTURA FAMILIAR E INFORMAÇÃO NA AMAZÔNIA

Alguns projetos que visam a atender, de forma efetiva, a agricultura familiar merecem destaque no Estado do Pará, pelo envolvimento interinstitucional e desenvolvimento de pesquisas interdisciplinar participativas, como é o caso dos projetos a seguir:

- Desenvolvimento de uma Agricultura Familiar Sustentável na Transamazônica, o qual desenvolve ação junto a agricultores familiares assentados em lotes de reforma agrária;
- Pesquisa-Desenvolvimento em Produção Animal em Uruará, na Transamazônica, tendo suas ações realizadas conjuntamente com criadores familiares assentados em lotes da reforma agrária;
- Pesquisa Participativa na Mesorregião Nordeste Paraense, tendo como foco as ações voltadas para a melhoria dos atuais sistemas de produção em uso pelos agricultores; e
- Alternativas Tecnológicas Sustentáveis para Assentamentos Rurais no Sudeste Paraense, com ações desenvolvidas junto os agricultores, em lotes de reforma agrária e reservas agroextrativistas, no sudeste do Pará.

Na década de 90 a Embrapa Amazônia Oriental, Unidade Descentralizada da Embrapa, sediada em Belém do Pará, redirecionou sua programação de pesquisa, visando a atender as demandas da agricultura familiar na região sob sua jurisdição. Surgem, nessa época, projetos que se destacam no desenvolvimento de pesquisas participativas em comunidades rurais. Este redirecionamento enseja mudanças nas ações relacionadas à agricultura familiar, permitindo alcançar o padrão de visão sistêmica, inversamente ao modelo anterior reducionista.

Entre os projetos com essa abordagem, em 1991 teve início o projeto Shift - Studies of Human Impact on Forests and Floodplains in the Tropics, estabelecido em convênio com os governos brasileiro e alemão, desenvolvido em parceria entre a Embrapa Amazônia Oriental e as universidades de Bonn e Göttingen na Alemanha.

Devido SHIFT ser o nome do programa na Alemanha e pela dimensão alcançada pelo projeto (projeto capoeira, sócioeconomia e pecuária), buscou-se um nome que integrasse os três projetos. Assim o projeto foi denominado Tipitamba, que significa na língua indígena Tiriyo – roça abandonada ou capoeira.

O projeto Tipitamba abrange três linhas de atuação: capoeira, pecuária e socioeconomia, sendo as duas primeiras gerenciadas pela Embrapa Amazônia Oriental e, a terceira, pela Universidade Federal do Pará – Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA), cada uma com desdobramentos em subprojetos.

O projeto “Adaptação e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense”, segmento do Projeto Tipitamba, ao qual esta dissertação está vinculada, foi implantado com o objetivo de adaptar e validar a alternativa tecnológica de preparo de área sem o uso do fogo em unidades agrícolas familiares, através de metodologias apropriadas que envolvam a

participação efetiva dos agricultores (KATO *et al.* 2001), com ações desenvolvidas nos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim, no Estado do Pará.

Com relação ao projeto, no primeiro momento houve a apresentação e discussão da proposta de validação de tecnologia, buscando-se a legitimação junto às instituições locais.

Para seleção das comunidades, a equipe do projeto e o Conselho de Desenvolvimento Municipal levaram em consideração alguns critérios básicos como:

- tradição e representatividade da comunidade em termos dos sistemas de produção familiares;
- nível de organização dos agricultores;
- atuação do serviço de extensão rural na área; e
- distância em relação à sede do município e a facilidade de acesso.

Os critérios citados acima são definidores da seleção, contudo, devem estar ligados à vontade de experimentar dos agricultores, à necessidade de envolvimento mais amplo das unidades familiares, além da presença sistemática da equipe do projeto nas comunidades.

Algumas das características importantes exigidas das unidades de referência foram: fácil acesso, interesse e comprometimento do proprietário (denominado pelo projeto de agricultor parceiro), liderança do proprietário na comunidade, disponibilidade de terra e mão-de-obra.

A equipe do projeto é formada por pesquisadores da Embrapa Amazônia Oriental, Universidade Federal do Pará, através do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, do Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar e por produtores rurais da Comunidade São João e Nossa Senhora Aparecida

(Marapanim), Comunidade São Matias, Nossa Senhora do Rosário e Nova Olinda (Igarapé-Açu).

Considerando a agricultura familiar como uma unidade produtiva organizada, há necessidade de adaptações às mudanças que ocorrem em seu ambiente sócioeconômico, levando em consideração as expectativas em relação à qualidade de seus produtos e serviços, bem como custos, avanços tecnológicos, economia instável, realidade da globalização e políticas governamentais.

No desenvolvimento desse projeto da Embrapa foi possível perceber iniciativas de mudanças e o emprego do método de pesquisa participativa, cuja finalidade é, especialmente, incluir o agricultor familiar como agente transformador importante no processo de validação tecnológica.

Nesse contexto, a informação assume papel relevante na comunicação entre os atores envolvidos no projeto. Assim, entender como o agricultor familiar vive em seu ambiente, identificar as suas necessidades potenciais e demandas expressas de informação, compreender como são estabelecidas as relações sociais na comunidade rural, são questões que necessitam ser estudadas.

Entretanto, é oportuno esclarecer três aspectos da questão:

- Na Ciência da Informação necessidade e demanda são conceitos distintos e que para estudos nesse enfoque contribuem áreas como a Sociologia e a Psicologia, especialmente a Psicologia do Trabalho;
- na sua evolução os estudos de usuários, também denominados estudos de necessidades, demandas e usos de informação; e
- esses estudos foram inicialmente aplicados em Ciência e Tecnologia, mas, embora continuem privilegiando esses setores, foram gradativamente se estendendo a outros contextos.

Estas questões serão explicitadas no tópico específico sobre o assunto, nesta pesquisa, para clarificar conceitos e contextos.

Para cumprir com sua responsabilidade social, bibliotecas, centros, redes e sistemas de informação, principalmente se vinculadas a organismos mais amplos, de atuação mais diversificada, como é o caso da Embrapa, com atividades de comunicação e informação em comunidades agrícolas, entre outras, devem tornar-se disseminadores de informação a diferentes segmentos da sociedade. Nesse ciclo de comunicação e informação interferem fatores políticos, educacionais, culturais, econômicos e sociais do próprio Estado do Pará, além dos fatores nacionais e até do exterior, como o nível de escolaridade, a dispersão populacional e, especificamente em relação à informação, o volume, a dispersão e as dificuldades de sua localização e acesso.

Leite (1996, p.58), ressalta que:

Um dos principais problemas do retorno social da Ciência está na deficiência de mecanismos de comunicação e transferência da informação. Apesar dos avanços tecnológicos dos meios de comunicação e do crescente acúmulo de informações nas várias áreas do conhecimento, a informação sempre foi um recurso inacessível para muitos e uma forma de poder apenas ao alcance de minorias privilegiadas.

Dessa forma, para tornar eficientes os mecanismos de comunicação, o processo também exige conhecimento da realidade dos usuários que necessitam e demandam informações.

A autora afirma, também, que:

“[...] o conhecimento gerado - retratado nas publicações e coleções científicas e concentrado em poucos especialistas, sob forma de know-how - representa recursos informacionais que não podem ficar nos limites dos campos de pesquisa, acervos e laboratórios, tampouco pode continuar como simples objeto de contemplação, ou com a função restrita de dar subsídios científicos a comunidades

especializadas, em seu trabalho de gerar novos conhecimentos, igualmente especializados. Este saber só tem valor e alcança seu objetivo no momento em que pode ser utilizado pela sociedade como um todo, ajudando as comunidades a conhecer sua história, a entender a razão de seus principais problemas sociais, de saúde, alimentação, educação, moradia, degradação do meio ambiente” (LEITE, 1996, p.60).

Não basta conhecer e entender esses problemas, faz-se necessário identificar indicadores que possam facilitar uma solução.

Disseminar informações a todos os segmentos da sociedade requer estudar o público a quem se destina à informação. No caso específico dos agricultores familiares de Igarapé-Açu e Marapanim, implica em compreender e vivenciar a sua realidade local, sua cultura e seus hábitos. A partir dessa perspectiva, as instituições de ensino, pesquisa e extensão estarão cumprindo seu papel e justificando sua existência junto à sociedade.

Essa abordagem segundo o grande pensador Paulo Freire implica:

“o conhecer na dimensão humana, [...] não é um ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. Conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade” (FREIRE, 1985, p.27).

Atualmente, as instituições de Ciência e Tecnologia estão passando por profundas mudanças e igualmente aparecem novas exigências quanto à orientação e às formas de intervenção dos distintos agentes econômicos, governamentais e da sociedade em geral. Surgem também demandas de políticas e instrumentos de regulação, tanto públicos, como privados. Os principais desafios segundo Lastres & Ferraz (1999) são:

- facilitar o acesso a informações e conhecimentos científicos e tecnológicos, o que delimita fronteiras cada vez mais rígidas entre economias avançadas e periféricas, bem como entre segmentos sociais mais e menos capacitados, inviabilizando a responder às exigências do novo padrão de desenvolvimento; e

- desenvolver novas formas de produzir e comercializar novos e antigos bens e serviços, promover, estimular e financiar o desenvolvimento industrial e inovativo, bem como as questões éticas, políticas e sociais que caracterizam a emergência de uma era - sociedade ou economia da informação e do conhecimento.

Na região amazônica, a literatura tem apontado inúmeras dificuldades para obtenção de informação e, com a finalidade de superar esse problema, algumas iniciativas foram planejadas na região, na tentativa de tornar disponíveis informações em Ciência e Tecnologia. Devem ser citados (PONTE, 2000; SILVA SOBRINHO, 2000), como exemplos:

- a Rede de Bibliotecas da Amazônia - REBAM, criada no início da década de 70 como a primeira iniciativa de institucionalização de um trabalho cooperativo em informação, na região amazônica;
- o Sistema de Informação Científica e Tecnológica da Amazônia – INFORMAM, implantado nos anos 80, praticamente dando continuidade à REBAM, com objetivo de reunir, tratar e disseminar informações nas diversas áreas do conhecimento, tendo como abrangência geográfica na Amazônia;
- o Sistema de Informação da Amazônia – SIAMAZ, iniciado na década de 90, formado por uma rede composta por oito países que geram informações sobre a Pan-Amazônia (Colômbia, Bolívia, Brasil, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela); e

- o Sistema Estadual de Informação Científica e Tecnológica – SEICT/PA, que começou em 1996, com o objetivo de estabelecer e a integração de redes de informação em nível nacional.

Sobre esses projetos, Ponte (2000), em sua dissertação de mestrado aborda as atividades de informação coordenadas ou centralizadas no Estado do Pará, ao estudar o ciclo de comunicação e transferência de informação técnico-científica no Núcleo de Meio Ambiente – NUMA. Tais iniciativas visaram a atender às demandas e necessidades de informação de um público específico, de Ciência & Tecnologia e inovação. Porém, há necessidade da divulgação da ciência a toda sociedade, composta de vários segmentos e, conseqüentemente, oferecer serviços e recursos, bem como elaborar produtos de informação de qualidade, adequados e relevantes, respondendo às peculiaridades dessas comunidades – este é o grande desafio.

2. CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SEU OBJETO - INFORMAÇÃO

Antecedem as discussões sobre informação, objeto de estudo da Ciência da Informação, a abordagem, ainda que de forma sucinta, da própria área.

A Ciência da Informação, embora tenha seus indícios no final do século 19, a partir de Otlet⁷ e do Instituto Internacional de Bibliografia, somente em 1961/62 foi formulado o seu conceito, pela primeira vez, em reunião no Georgia Institute of Technology, nos Estados Unidos (PINHEIRO, 1997). Seu nascimento ocorre em função da chamada “explosão bibliográfica” (Bush)⁸ ou “caos documentário” (Bradford), decorrente das pesquisas em função da Segunda Grande Guerra e das tecnologias de informação.

A Ciência da Informação, portanto, é um campo científico novo, interdisciplinar e contemporâneo de também novas áreas como a Comunicação e a Ciência da Computação, entre outras. Reconhecendo a sua interdisciplinaridade Wersig (1993) propôs uma "estratégia metodológica" de interação com modelos de outras áreas científicas.

Entre os inúmeros conceitos existentes Saracevic (1992) apud Pinheiro (1997, p.155) define Ciência da Informação como:

“... um campo devotado a investigação científica e prática profissional que trata dos problemas de efetiva comunicação de conhecimentos e de registros do conhecimento entre seres humanos, no contexto de usos e necessidades sociais, institucionais e/ou individuais de informação. No tratamento desses problemas tem interesse particular em usufruir, o mais possível, da moderna tecnologia da informação”.

⁷ Paul Otlet advogado e documentalista é considerado precursor e fundador da Documentação e da Ciência da Informação, por alguns autores.

⁸ Autor que identificou no final da Segunda Grande Guerra um evento que iria modificar a vida das pessoas, denominado “explosão bibliográfica”. Ver Saracevic (1997).

Sobre informação, é conveniente iniciar o quadro conceitual pela etimologia: “informação” se origina do latim *informare*, que tem por significado “dar forma, ou aparência, por em forma, formar” ou de “representar, apresentar, criar uma idéia ou noção” sobre alguma coisa (ZEMAN, 1970, p.156).

Existem diferentes enfoques que, segundo Pinheiro (2004, p.2) “... vão desde o cognitivista, que relaciona informação a conhecimento, administrativo ou gerencial, no qual a informação para tomada de decisão; econômico, quando informação é mercadoria (“commodity”) e adquire valor agregado e serve para a ação, numa visão mais política e social, na formação da cidadania”. Esta autora alerta para a distinção entre informação e conhecimento, ressaltando que não são sinônimos, mas com seguinte ressalva: informação, tal como pensada na Ciência da Informação, está muito relacionada ao processo cognitivo e à produção do conhecimento (PINHEIRO, 1997).

Dois importantes autores, Wersig e Nevelling (1975, p.130), identificaram seis abordagens de informação, “pensando a estrutura geral de relações entre seres humanos e o mundo”:

- Abordagem estrutural (orientada à matéria);
- Abordagem do conhecimento;
- Abordagem da mensagem;
- Abordagem do significado (orientada à característica da mensagem);
- Abordagem do efeito (orientada ao receptor),

- Abordagem do processo.

Esses mesmos teóricos alertam para a ambigüidade do conceito de informação, que consideram o "... mais extremo caso de polissemia na comunicação técnica da informação e documentação".

A abordagem utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa está centrada na do "efeito", desde que sejam respeitadas as necessidades, demandas e usos de informação de quem dela se apropriar, no caso específico deste projeto, os agricultores parceiros e suas famílias, não dissociando comunicação e informação.

A abordagem do efeito, segundo Wersig e Nevelling (1975, p.132), em Ciência da Informação, significa que "informação somente ocorre como um efeito específico de um específico (ou inespecífico) processo".

Sobre a complexidade do conceito de informação, Brookes (1980 apud Pinheiro 2004, p.3), aponta que "os problemas básicos da informação não são novos..." e o seu conceito apresenta "dificuldades peculiares para os cientistas teóricos..." e mesmo para o senso comum, porque informação é uma entidade que pervaga todas as atividades humanas. O problema maior está em observar isoladamente os fenômenos de informação "...com o tipo de detalhamento que a investigação científica tradicionalmente demanda". A questão crucial é superar a separação de efeitos objetivos de efeitos subjetivos porque, diferentemente das ciências naturais, "nas ciências sociais não podemos presumir que o comportamento humano não seja afetado pela observação ou pelas reações inconscientes do observador em relação ao comportamento daquele que ele observa".

Outro importante teórico da área é Michel Menou que, ao abordar "o uso real da informação", identifica " externalidades" e " internalidades", fatores intervenientes nesse processo, cujos principais componentes são: a base interna de

conhecimento, seja intelectual ou coletiva, combinada com os recursos interiores e influenciada por fatores como personalidade, cultura, emoção, lógica, inteligência. (MENOUE, 1995 apud PINHEIRO, 1997).

Informação, por outro lado, é parte de uma cadeia de conceitos, iniciada por dado e finalizada pelo conhecimento, conforme o entendimento de diferentes autores, entre os quais Hoshovsky e Massey (1969 apud PINHEIRO 2004), que consideram impossível o estudo isolado de informação, sem englobar dado e conhecimento. Estes três conceitos são assim estabelecidos:

- Dados "denotam fatos não avaliados para qualquer uso específico. São passíveis de ser avaliados para validação";
- Informação é "o dado mais a avaliação para uso futuro antecipado", ou, mais especificamente "...o processo que ocorre, na mente humana, quando um problema e um dado útil para sua solução estão juntos numa união produtiva." (HOSHOVSKY e MASSEY, 1969 apud PINHEIRO, 2004, p.9).
- O conceito de conhecimento, considerado por esses autores foi buscado em McDonough e é restritivo, pois "equivale ao termo informação comumente usado na discussão técnica".

Essa relação de conceitos é explicitada e ampliada por Hayes (1992), abrangendo: fato (aspectos do fenômeno), dado (representação), informação (processamento do dado), compreensão (comunicação), conhecimento (integração e acumulação) e decisão (uso da informação).

Ainda nesse contexto, González de Gómez (1984, p.112), destaca a importância das atividades informacionais, quando afirma que "o trabalho

informativa favoreceria o acesso à informação suficiente e adequada para a solução de situações-problemas”.

O conceito de informação que será adotado nesta pesquisa é o de Wersig (1993), onde informação é conhecimento para ação, fundamentado na idéia de conhecimento como estrutura capaz de transformar e ser transformada, no processo de produção e comunicação social, e historicamente.

As definições de informação estudadas neste capítulo, sob o enfoque da Ciência da Informação, foram selecionadas de acordo com a natureza e abordagem adotada na pesquisa.

Especialistas de outras áreas têm estudado a informação, e este é o caso de Thiollent (2000), no campo das metodologias participativas, no seu reconhecimento de que a sociedade passaria por grandes transformações, e nela três elementos assumiriam importância nunca vista antes - educação, informação e conhecimento. Thiollent percebe, nessas transformações, que os projetos passam a ter um caráter interdisciplinar, tentando se aproximar da complexidade das situações sociais, assim como dando ênfase ao conhecimento empírico.

O mesmo autor reforça que é necessário um olhar diferenciado, ao ressaltar que “as pessoas atendidas não são vistas como simples público-alvo e sim como atores em suas situações de vida” (THIOLLENT, 2000, p.20). Daí a necessidade de vê-las como participantes do processo de construção social, respeitando seu saber local.

Em virtude da sua importância, sobretudo política, estratégica, educacional, social e cultural, a informação assume um papel preponderante na construção de uma sociedade mais democrática, e os resultados desta pesquisa podem contribuir

para subsidiar políticas públicas adequadas aos problemas sociais vivenciados pelos agricultores familiares na região amazônica, especificamente nos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim.

2.1 ESTUDOS, APLICAÇÕES E PROJETOS DE INFORMAÇÃO NAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Informação, conforme explicitado neste estudo, é objeto de estudo da Ciência da informação, mas perpassa todas as áreas, no que podemos chamar horizontalidade, na medida em que o processo de geração de conhecimento dela depende. Em decorrência dessa característica, suas aplicações são tantas quantas são as áreas científicas: informação em Medicina, informação em Geociências, informação em Agricultura, informação em Arte, e assim por diante (PINHEIRO, 1997).

A partir da segunda Guerra Mundial, a informação dirigida ao meio rural no Brasil ganhou impulso. O Ministério da Agricultura cria, nas décadas de 40 e 50, um sistema de Serviços de Informação Agrícola – SIA, que tinha por função produzir o material didático utilizado pelos extensionistas. O referido sistema utilizava diversos meios de comunicação como o rádio, cinema e jornais, visando estruturar uma rádio rural e instalações cinematográficas próprias (DIAZ BORDENAVE, 1983).

O processo de levar informações às populações rurais passa pelos meios de comunicação de massa e ficou caracterizado como uma atividade que fortalece a tarefa persuasivo-comunicativa, adotada nas atividades de extensão. Assim, o modelo de “Extensão Rural” empregado com sucesso na agricultura americana é

introduzido no Brasil, onde os agricultores familiares vivem uma outra realidade. Por esta e outras diversas razões, entre as quais o difusionismo, este modelo foi muito criticado e, atualmente, qualquer atividade nesse sentido, não pode repetir os equívocos do passado.

O modelo do SIA é confirmado por Diaz Bordenave (1983), como um modelo que preconizava a difusão de informações por mecanismos impessoais, o qual foi empregado com sucesso na agricultura americana.

Na lógica cartesiana, o profissional da extensão rural era aquele que acumulava mais conhecimentos e tinha a habilidade em transferir conhecimentos aos agricultores, sendo os conhecimentos dos agricultores obsoletos, vistos como atrasados e, conseqüentemente, como responsáveis pelo atraso também da sociedade.

Diferentemente dessa lógica, a visão antropológica do saber local é condição essencial para realização de estudo dessa natureza.

Nesse sentido, Caporal e Costabeber (2000, p.32) afirmam que "portanto é preciso reconhecer que entre os agricultores e suas famílias existe um saber, um conjunto de conhecimentos que, embora não sendo de natureza científica, é tão importante quanto os nossos saberes." Faz-se necessário adotar uma postura democrática com base em metodologias e princípios pedagógicos libertadores.

Segundo Caporal e Costabeber (2000, p.32):

"O enfoque a ser adotado pela Nova Extensão Rural exigirá dos extensionistas a capacidade de compreender os aspectos relacionados à vida dos indivíduos e suas relações sociais, assim como os aspectos da história dos diferentes atores individuais e coletivos com os quais atuamos."

Estudar e entender a agricultura familiar equivale adentrar o meio natural no qual a categoria de agricultores familiares estão integrados, o que requer conhecimento da sua realidade local, para entender quais as suas estratégias e como a mesma percebe a visão de mundo.

Permitindo entendimento desta categorização Roué (1997, p.187) afirma que “a compreensão das categorias semânticas, permite o acesso, não somente ao conhecimento que uma sociedade adquiriu sobre o meio natural no qual ela vive, mas igualmente à sua visão de mundo”.

Estudar as necessidades, demandas e usos de informação dos agricultores parceiros requer entender a lógica por eles estabelecida, na participação do projeto.

Estudos desenvolvidos nessa temática, como o de Ploeg (2000), abordam o sistema local de conhecimento de práticas utilizadas por agricultores do altiplano andino, onde de um lado o sistema está baseado no conhecimento empírico e do outro o conhecimento científico no cultivo de batatas. Daí a necessidade de entendimento dos termos nativos utilizados pelos agricultores parceiros.

Ainda nesse, contexto Chambers (1984) reforça também que se faz necessário compreender as mudanças que primeiramente devem ocorrer em quem pretende realizar estudos junto aos agricultores, pois deve procurar conhecer o meio onde vivem e todo o contexto em que estão envolvidos.

Assim, estaremos nos aproximando da identificação das reais necessidades dos atores sociais, no caso específico dos agricultores e, conseqüentemente, propondo serviços, produtos e recursos que venham a permitir melhoria da qualidade de sua vida e dos seus familiares, através de diálogo construtivo e da participação dos agricultores parceiros e suas famílias em qualquer ação para eles voltada.

Nas Ciências Agrárias, autores em diferentes áreas têm observado e apontado a importância da informação. Marques e Noronha (1998), por exemplo, afirmam que “são tantas as informações disponíveis, que o homem é incapaz de absorvê-las; há tanta interdependência, que ele é incapaz de administrá-la; são tantas as mudanças que o homem é incapaz de acompanhá-las”. Diante dessa afirmativa, na qual o autor retrata a explosão de informação, profissionais da informação devem agir no sentido não somente de filtrar essa informação para disponibilizar ao usuário, como também gerar sistemas de informação compatíveis com a realidade de cada público.

Outra situação, segundo Marques e Noronha (1998), seria a organização da aprendizagem, pautada no raciocínio sistêmico que envolve mudança de mentalidade, quando se deixaria de ver a parte para ver o todo; de ver as pessoas como indefesos reagentes para vê-las como participantes ativos na formulação de uma realidade, bem como de reagir ao presente para criar o futuro.

Diaz Bordenave (1983) advoga que “a incerteza que rodeia o agricultor só pode ser reduzida usando um antídoto fundamental: a informação”. Dessa forma, os agricultores familiares têm a possibilidade de reivindicar seus direitos de cidadania.

Trabalhando com redes de informação de gestão local, Dowbor (2001, p.11), ressalta que “o cidadão informado se torna, de repente, uma pessoa que pode participar diretamente dos processos de transformação política social, fazendo os sistemas evoluírem da democracia representativa para a democracia participativa”. Este autor também destaca que as instituições que enfrentam problemas de organização e de gestão de informação devem encontrar soluções institucionais que assegurem a democracia dos processos.

Atualmente é produzida grande quantidade de informações e quando estas não são traduzidas e nem assimiladas, seus produtores geram apenas estoques, caracterizando-se como excedentes que não criam riquezas em forma de conhecimento. Assim, Freire e Araújo (1999, p.2) afirmam que: “[...] a informação só possui poder de ação quando adquire a condição de mensagem, com intenção específica e assimilação possível.”

No contexto desta pesquisa, a informação, quando assimilada, pode se tornar um fator que efetivamente permitirá ao agricultor gerir melhor seus recursos naturais, sua produção, melhorar sua qualidade de vida e de seus familiares, permitindo o fortalecimento no processo de desenvolvimento da comunidade agrícola da qual é integrante.

A dissertação de Gato (1993, p.69), especificamente sobre a questão da transferência de informação tecnológica agrícola sob o ponto de vista do produtor rural, realizado em comunidades rurais, demonstra a importância de “... se conhecer o comportamento comunicacional dos produtores rurais refletidos por suas necessidades, fontes, mecanismos de busca e uso de informações tecnológicas é, sem dúvida, um dos indicativos a serem considerados para o exercício de uma comunicação interativa”.

Daí a informação e a sua comunicação serem os elementos importantes que darão sustentação ao desenvolvimento rural.

A autora afirma, ainda, que:

“[...] o progresso do setor produtivo agrícola, e conseqüentemente o desenvolvimento rural, à luz da “modernização”, deve considerar, além da organização instrumental da produção, a oportunidade de acesso à cidadania por meio de informações que contribuam para

que os produtores rurais possam decidir quanto ao emprego de tecnologias, representadas por instrumentos, processos ou técnicas, que acima de tudo preservem não só a sua liberdade de saber e a sua criatividade, como também o seu meio ambiente.” (GATO, 1993, p.7).

Relacionado a esse contexto, acreditamos que o estudo da identificação das necessidades, demandas e usos de informação deva ser trabalhado a partir da percepção dos atores sociais, aqui entendidos como agricultores parceiros e, especificamente, a família.

Reconhecemos, como afirma Neves (2002), que a interligação dos universos de saberes, no caso entre conhecimento científico e conhecimento empírico, fundamenta-se em troca de conhecimentos sobre seus pressupostos, possíveis pelo diálogo contínuo, pela reflexão reiterada em torno de problemas e avaliação de soluções, e que não basta apenas difundir informações, mas faz-se necessária a formação de novas atitudes e percepções.

Estudar a necessidade e demanda de informação de um grupo, de uma comunidade, é tarefa que tem por princípio básico muito estudo e observação, onde é preciso compreender o nível de organização da comunidade e o fluxo de comunicação.

Nesse sentido, Tarpani (1991, p.65) considera que “o trabalho junto às comunidades rurais em nível de provisão de informações requer o conhecimento da dinâmica da sociedade rural e do papel da informação para o meio rural”. Portanto, o processo implica que além das peculiaridades de cada comunidade, a implementação de sistemas de informação que possam subsidiá-los no desenvolvimento das atividades dos agricultores familiares.

2.2 NECESSIDADES, DEMANDAS E USOS DE INFORMAÇÃO

Identificamos na literatura, o artigo de revisão de Pinheiro (1982), no qual a autora faz uma cobertura ampla e relativamente retrospectiva de estudos de usuários também denominado estudos de necessidades, demandas e usos de informação.

Os estudos de usuários são de naturezas distintas segundo Pinheiro (1982, p.13), que apresenta a definição de Lancaster, de estudos “dirigidos a usuários, que investigam como uma comunidade particular obtém informações necessárias ao desenvolvimento de seu trabalho”, enfoque que se aplica ao tipo de estudo que iremos desenvolver.

Tendo como foco principal o estudo de necessidades, demandas e usos de informação por agricultores parceiros do projeto, torna-se pertinente adotar a técnica do incidente crítico, a ser utilizada como parte da entrevista estruturada, instrumental para coleta de dados.

Formalizada por Flanagan em 1947, a técnica do incidente crítico foi disseminada através de um artigo, em 1954, e segundo Pereira *et al.* (1980):

“[...] consiste em um conjunto de procedimentos para a coleta das observações diretas do comportamento humano, de modo a facilitar sua utilização potencial na solução de problemas práticos e no desenvolvimento de amplos princípios psicológicos, delineando também procedimentos para a coleta de incidentes observados que apresentem significação especial e para o encontro de critérios sistematicamente definidos” (1980, p.47).

Partindo do pressuposto de que na agricultura familiar a informação é considerada como ativo com igual importância aos bens de capital, tecnologia e outros insumos para o desenvolvimento rural, e considerando o enfoque participativo

no projeto “Adaptação e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense”, fica evidente conforme mencionado anteriormente, a relevância da questão de pesquisa.

3. OBJETIVOS

A identificação das necessidades, demandas e usos de informação dos agricultores parceiros é fundamental para compreensão do processo de informação para ação, o qual se refletirá no desenvolvimento de suas atividades cotidianas, assim como a informação permitirá a melhoria na qualidade de vida e, conseqüentemente, o desenvolvimento das comunidades.

Assim, os objetivos desta pesquisa são:

3.1 OBJETIVO GERAL

- identificar e analisar as necessidades, demandas e usos de informação pelos agricultores familiares, no processo de informação para ação e como subsídio ao desenvolvimento rural dos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o ciclo de comunicação e informação dos agricultores familiares envolvidos no projeto "Adaptação, e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense", identificando os atores sociais e institucionais, bem como os demais componentes, sejam produtos agrícolas ou tecnologias, entre outros;

- identificar os diferentes tipos de informação necessários às atividades da agricultura familiar, bem como aqueles relacionados à qualidade de vida dos agricultores, como saúde e educação; e

- a partir da definição das necessidades, demandas e usos da informação por agricultores familiares, propor serviços, produtos e recursos de informação a serem promovidos pelas instituições atuantes no desenvolvimento rural, em particular pela Embrapa.

4. HIPÓTESES

- O conhecimento do processo de comunicação e informação entre agricultores familiares - parceiros do projeto "Adaptação, e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense" e pesquisadores deverá contribuir para o desenvolvimento da agricultura familiar.
- A identificação das necessidades, demandas e usos de informação permitirão um processo de comunicação e informação mais articulado e integrado entre os atores sociais na agricultura familiar.
- A identificação da tipologia informacional relativa aos agricultores familiares deverá orientar instituições atuantes na área, especialmente a Embrapa, na promoção de serviços, produtos e recursos de informação para essas comunidades.

5. AMBIENTE DE ESTUDO

O projeto: "Adaptação, e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense", foi desenvolvido com agricultores parceiros nos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim., conforme já mencionado.

O estudo foi desenvolvido nos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim (Figura 1), situados na zona Bragantina, Estado do Pará.

O município de Igarapé-Açu tem uma área de 756 Km² e fica a uma distância de 120 km da capital do estado do Pará (Belém). Delimitando-se ao Norte com os municípios de Maracanã e Marapanim; ao Sul com o município de Santa Maria do Pará; a Leste com os municípios de Nova Timboteua e Santa Maria do Pará e a Oeste com os municípios de Castanhal e São Francisco do Pará.

Sua população é constituída por 32.400 habitantes (IBGE, 2000), sendo 12.911 (40%) pertencentes à zona rural e 19.489 (60%), localizados na zona urbana.

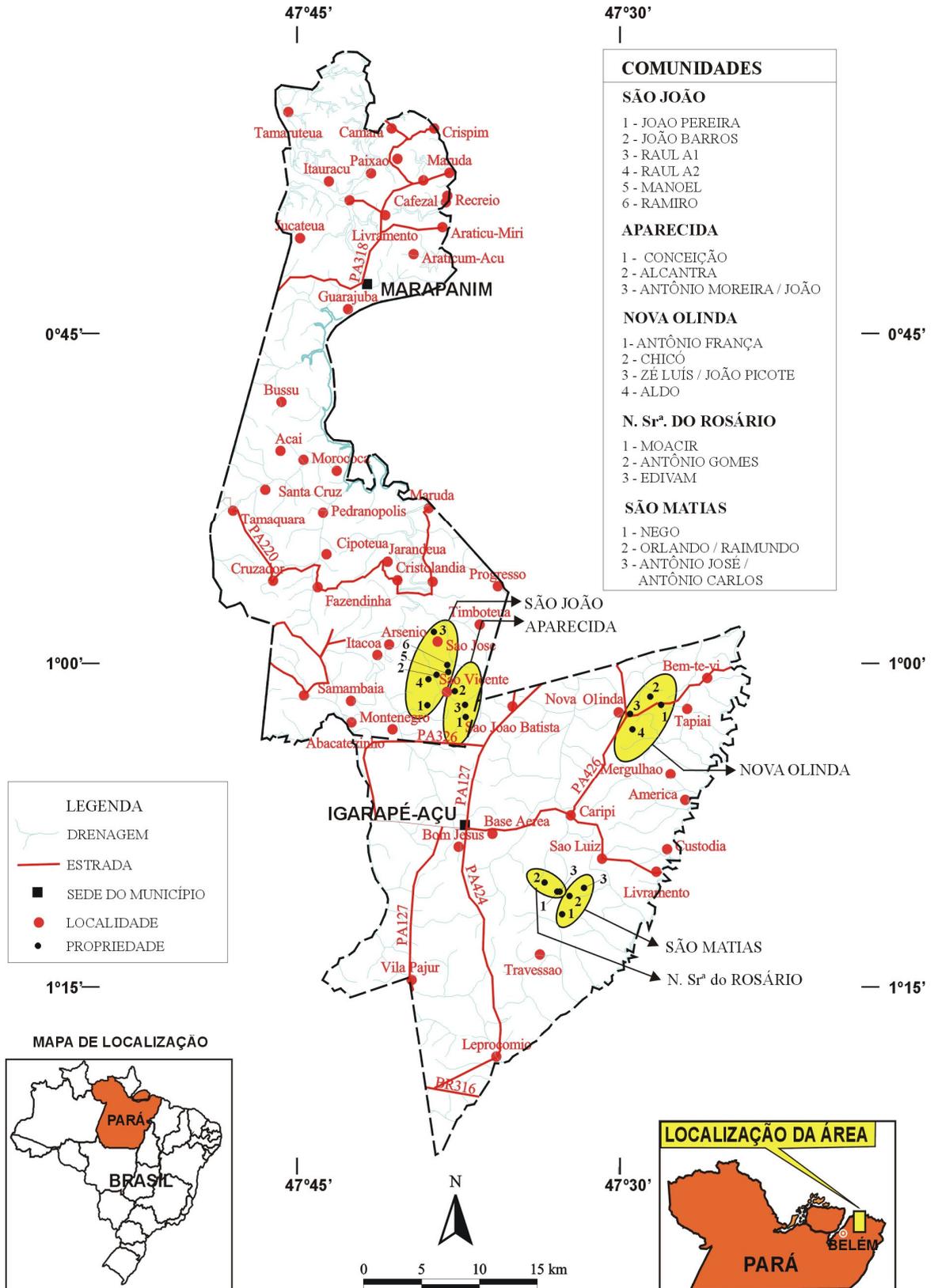


Figura 1: Mapa de localização das propriedades.
 Fonte: Pará (2003).

Os principais produtos que fazem parte da economia local estão centrados na produção de pimenta-do-reino, mandioca e maracujá.

A população do município de Marapanim é de 24.718 habitantes (IBGE, 2000), dos quais 15.228, cerca de 62% vivem no meio rural, e 9.490 (38%) na zona urbana.

Os agricultores parceiros que moram no município de Marapanim desenvolvem suas atividades socioeconômicas no município de Igarapé-Açu, devido as duas comunidades fazerem fronteira com este município.

6. METODOLOGIA

Sendo a informação objeto de estudo da Ciência da Informação, na sua transversalidade aplicável a todas as áreas do conhecimento e assim estudada, é possível lançarmos nosso olhar para a informação na agricultura familiar.

A primeira parte da pesquisa foi constituída pelo levantamento, leitura e análise da literatura, tanto da área de Agricultura Familiar quanto Ciência da Informação, para construção do referencial teórico interdisciplinar.

A pesquisa de campo, caracterizada como estudo de caso, adotou o conceito de informação como conhecimento para ação e a abordagem do efeito (orientada ao usuário da informação).

O universo a ser estudado consta de 21 agricultores parceiros do projeto "Adaptação, e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense", que mantém unidades demonstrativas em seus lotes, os quais estão localizados nos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim, já mencionados, por ser a área de abrangência do projeto.

São 13 agricultores parceiros que estão no município de Igarapé-Açu e oito no município de Marapanim. As famílias dos agricultores parceiros estão assim distribuídas:

- nas comunidades localizadas no município de Igarapé-Açu constam treze famílias, sendo cinco na Comunidade Nova Olinda, três na Comunidade Nossa Senhora do Rosário e cinco na Comunidade São Matias; e

- nas comunidades pertencentes ao município de Marapanim, constam oito famílias, sendo três na Comunidade Nossa Senhora Aparecida e cinco na Comunidade São João.

Como contraponto a esse universo determinado de agricultores parceiros, foram incluídos outros dez (cerca de 50% do total), dos quais cinco *vizinhos* de agricultores parceiros que não trabalham com a tecnologia de corte e trituração e cinco, formadores de opinião, visando a coletar informações sobre suas percepções do projeto, assim como suas necessidades, demandas e usos de informação.

A categoria “*formadores de opinião*” é constituída por pessoas que têm papel importante na comunidade e atuam como fonte de informação, entre os quais se encontram, por exemplo, os presidentes de associação, professores, agentes de saúde, entre outros.

A segunda parte refere-se à pesquisa de campo, e os métodos, técnicas e procedimentos são explicitados a seguir.

6.1 INSTRUMENTO E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Optamos por realizar a pesquisa com os agricultores parceiros do projeto de pesquisa “Adaptação e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense”, que desde o início de 2000 continuam com seus experimentos em seus lotes, o que perfaz um universo de 21 agricultores, distribuídos em cinco comunidades, identificadas no tópico anterior.

Em princípio a pesquisa envolveria 21 famílias de agricultores parceiros, contudo, em virtude do tempo para elaboração da dissertação, foi definido abranger somente os agricultores parceiros, muito embora reconhecemos que o estudo tem reflexos também nos componentes da família, pois, de alguma forma, estes vivenciam as atividades na propriedade.

Para identificação das necessidades, demandas e usos de informação dos agricultores parceiros do projeto foi adotado como instrumento para coleta de dados, entrevista semi-estruturada, incluindo a técnica do incidente crítico.

A técnica do incidente crítico é utilizada nos estudos de usuários de informação, baseando-se em dois enfoques: o primeiro está relacionado a última vez que o usuário precisou de informação para realizar seu trabalho; o segundo, que informação solicitou à biblioteca a última vez que ele a utilizou (Pereira *et al.* 1980).

Na pesquisa a ser desenvolvida junto aos agricultores parceiros do projeto, pretende-se aplicar a técnica do incidente crítico, de forma adaptada ao contexto do projeto, a partir de dois enfoques mencionados anteriormente: qual a última vez que o agricultor parceiro precisou de uma informação para o desenvolvimento de suas atividades no lote e, a segunda, qual foi a informação solicitada nessa última vez, aos membros do projeto ou qualquer outra pessoa ou entidade, se foi utilizada ou não, e quais as conseqüências, no caso de ter obtido informação, e em situação inversa, de não obtenção de informação.

Autores como Kremer (1980a), e Pereira *et al.* (1980), quando realizaram estudos de usuários de informação, descreveram e analisaram o uso da técnica em suas pesquisas.

Em abordagem comparativa realizada em estudos de usuários com a aplicação da técnica, Pereira *et al.* (1980), além de descreverem os objetivos e autores que realizaram tais estudos, ressaltam que a mesma pode ser considerada um conjunto de princípios, forma de abordagem para coleta de dados pertinentes ao comportamento humano, o que pode ser levantado em questionários, entrevistas e até mesmo diários. Ainda no referido trabalho, as autoras mostram que o incidente crítico é um instrumento consistente que permite entender comportamento de

usuários, desde que o pesquisador fique atento e conheça às peculiaridades da comunidade a ser estudada.

Ainda nesse contexto Kremer (1980b, p.174) analisa as vantagens do uso da técnica do incidente crítico em estudos de usuários e confirma que “ela é, sem dúvida alguma, um excelente instrumento para coletar amostras do comportamento humano, através de relatos fiéis e preciosos de eventos ocorridos na vida real das pessoas”.

Foi feita a opção pela técnica do incidente crítico porque permite detalhar um relato recente no processo de busca de informação pelos agricultores, conforme explicitado, podendo ser identificados os elementos facilitadores e dificultadores do processo informacional.

A entrevista foi realizada individualmente com os agricultores parceiros do projeto, e em alguns casos, houve intervenção da esposa ou dos filhos. Essa decisão permitiu identificar as necessidades, demandas e usos de informação pelos homens, mulheres, crianças.

Algumas atividades prévias foram fundamentais para realização desta pesquisa, como:

a) manifestação da nossa vontade em trabalhar com atores da agricultura familiar através da comunicação informal mantida com a coordenadora do projeto: “Adaptação e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense”.

b) apresentação da mestrandia aos agricultores familiares parceiros do projeto, pela coordenadora do projeto, realizada durante sucessivas visitas aos dois municípios, período em que os membros do projeto avaliavam uma ação que o projeto realizara.

c) aquiescência, tanto pelos agricultores parceiros do projeto como pela coordenadora do projeto, em participar, reconhecendo a importância da pesquisa;

d) realização de viagens às comunidades de agricultores como fase preliminar da pesquisa, visando ao conhecimento da realidade local através da observação e coleta dos primeiros dados, quando foram elaborados os diários de campo.

e) elaboração do roteiro da entrevista semi-estruturada, incluindo a técnica do incidente crítico e aplicação de alguns pré-testes, tendo por base as informações obtidas através do diário de campo e de conversas informais com os agricultores familiares;

f) estabelecimento de rotina de trabalho, orientada pela convivência sistemática junto às famílias de agricultores parceiros do projeto, com duração de uma semana cada.

g) contato inicial com os agricultores parceiros deu-se através de dia de campo realizado em março de 2003, e quando membros do projeto realizavam avaliação de uma atividade desenvolvida pelo projeto; e

h) elaboração de um calendário das viagens a serem realizadas aos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim, especialmente nas cinco localidades onde se encontram os agricultores parceiros.

Tendo concordado em participar e colaborar com o estudo, os agricultores parceiros não se opuseram que a entrevista fosse gravada.

As entrevistas foram realizadas individualmente, muito embora em algumas ocasiões, o agricultor solicitasse a participação da esposa nas respostas.

Quando foi indagado sobre o melhor horário da realização das entrevistas, uns respondiam que de manhã cedinho, outros após o almoço, outros no final da tarde, outros na roça, enfim procuramos obedecer ao horário indicado, de acordo

com a preferência do agricultor, uma vez que não pretendíamos tirá-los de suas atividades.

Assim, realizamos muitas entrevistas onde o agricultor encontrava-se em suas atividades na roça, ou realizando capina, ou aplicando inseticida, ou arrancando mandioca, ou raspando mandioca, ou nas atividades na casa de farinha, ou melhor, “no retiro”, como eles chamam.

Em algumas comunidades, como Nossa Senhora Aparecida e Nova Olinda, o carro do projeto nos deixava, pois os lotes eram relativamente próximos e caminhar entre um e outro nos conduzia ao conhecimento do espaço geográfico. Muitas vezes tivemos a companhia de filhos e filhas de agricultores no trajeto de uma comunidade à outra. Quando tínhamos a companhia das crianças o momento era enriquecido, pois o diálogo estava presente e nossas observações se intensificavam.

Algumas entrevistas foram realizadas no período do inverno, o que permitiu muitas vezes encontrarmos o agricultor e sua família em casa, aguardando a estiagem para começar suas atividades na lavoura.

6.1.1 Amostra

Apesar do projeto contar atualmente com 43 famílias, a amostra para este estudo foram as 21 famílias que estão desde o início do projeto, delimitação já explicitada.

Consideramos como amostra a ser estudada, os 21 agricultores parceiros do projeto; cinco agricultores vizinhos e cinco formadores de opinião, conforme já descrito, num total de 31 entrevistados.

Esclarecemos que dois agricultores parceiros foram substituídos na entrevista pelos seguintes motivos: um porque passou a residir em Belém, ficando seu irmão com as atividades do lote, e o outro em virtude de prestação de serviço nas fazendas, sendo as atividades do lote desenvolvidas pelo filho.

Após a realização das entrevistas com agricultores parceiros solicitamos que cada um indicasse um agricultor vizinho que não participasse do projeto, ou seja, que não utilizasse a tecnologia de corte e trituração. Como os 21 agricultores parceiros estão distribuídos em cinco comunidades, fizemos a opção de entrevistar cinco agricultores vizinhos, sendo um em cada comunidade, tendo sido selecionado para entrevista aquele que na comunidade foi o mais citado pelos agricultores parceiros.

A escolha dos formadores de opinião foi feita de acordo com informações coletadas nas observações realizadas junto aos agricultores parceiros. O critério estabelecido para a referida escolha foi o papel que desempenham nas comunidades, por isso foram entrevistados cinco formadores de opinião, sendo uma professora, dois agentes de saúde, um sindicalista e um presidente de associação.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo apresentamos os resultados e suas respectivas análises, de acordo com a metodologia anteriormente descrita.

7.1 PERFIL DOS AGRICULTORES FAMILIARES

Após o levantamento de dados sobre os agricultores, foi realizada a tabulação, sendo possível, dessa forma, traçar o perfil de cada categoria, levando em consideração suas características intrínsecas e seguindo as categorias de estudo definidas para tal.

7.1.1 Perfil Individual dos Agricultores Parceiros do Projeto

Antes de traçarmos o perfil do agricultor parceiro, tentamos buscar junto ao agricultor o sentido do termo “agricultor parceiro”, uma vez que para o projeto tem um significado como explicitado anteriormente na introdução. Para o agricultor Alcântara o termo tem o seguinte significado:

Parceiros do projeto eu compreendo como se fosse uma pessoa amiga ao projeto, né? E a gente, já que eles chamaram nós de parceiro do projeto, nós também chamamos eles de parceiros, aí, daí surgiu entre nós aqui, nós somos parceiros do projeto do pessoal da Embrapa. Por que parceria? Porque eles dão informação pra nós e ajuda e nós damos as informações culturais da gente também. Nós estamos aqui fazendo aquilo que vocês sabem, nós estamos passando aquilo que nós sabemos e estamos recebendo de vocês aquilo que vocês sabem, que é pra gente começar a trabalhar em cima daquilo que vocês sabem, das deficiências que vocês têm.

O agricultor parceiro deixa visível que seu conceito é estabelecido em “via de mão dupla”, na qual tanto o pesquisador quanto o agricultor estão providos de

conhecimentos e informações diferentes, mas complementares. E que a partir do reconhecimento de ambas as partes, poderá ser estabelecido um diálogo que permitirá o crescimento dos dois segmentos.

Visando a identificar alguns dados que julgamos importantes para o desenvolvimento do processo de identificação das necessidades demandas e usos de informação pelo agricultor parceiro, foram selecionados alguns aspectos no desenvolvimento da pesquisa.

Dos 21 agricultores parceiros, 20 são do sexo masculino e um do sexo feminino. Ressaltamos que a participação da mulher quer no âmbito do projeto, como fora dele, ainda é muito tímida, apesar de sua grande importância no processo produtivo. Se houver participação feminina efetiva nas atividades associativas, haverá também maior contribuição delas para melhoria de vida de suas famílias e conseqüentemente, das comunidades.

Para identificar o perfil dos agricultores parceiros foram analisados também a procedência, faixa etária, nível de escolaridade e participação em entidades associativas.

a) Procedência dos agricultores parceiros

Podemos verificar através da Figura 2, que nove (42%) dos agricultores nasceram em Igarapé-Açu, três (13%) em Bragança, dois (10%) em Marapanim, e três, cada um numa localidade: um (5%) em Maracanã, outro (5%) em Belém e o terceiro (5%) em Santarém.

Constatamos que 80% dos agricultores parceiros nasceram no Pará, inclusive um número significativo nos municípios do nordeste do Estado. O restante dos

agricultores parceiros, 4, que perfazem um percentual de 20%, nasceram em Estados nordestinos, sendo três no Estado do Ceará e um no Estado do Maranhão. Este fato reflete a presença de nordestinos na Amazônia e também no âmbito do projeto.

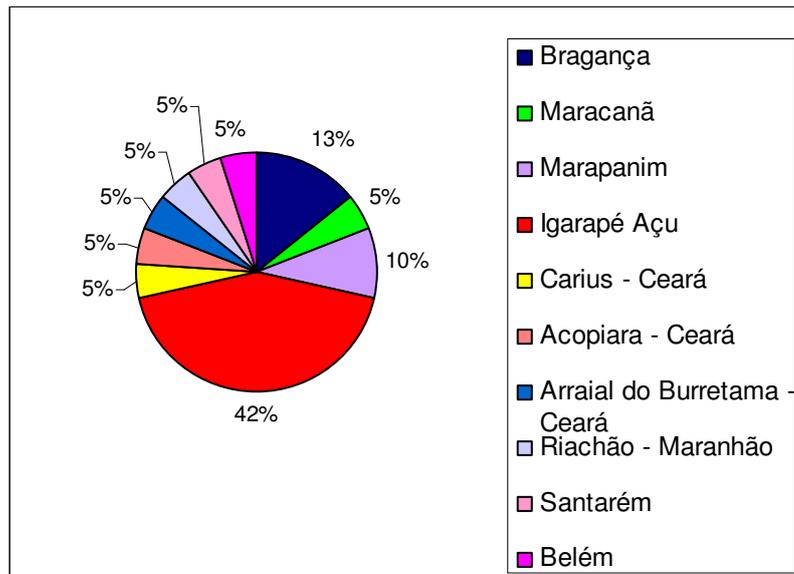


Figura 2: Local de nascimento dos agricultores parceiros

b) Faixa Etária

Com relação à faixa etária dos agricultores parceiros, conforme Figura 3, constatamos que a concentração maior está na faixa dos 41 a 50 anos, com sete agricultores (33%), seguido pela faixa de 51-60, que perfaz um total de seis (28%) agricultores. Os mais jovens, totalizando cinco, são divididos nas respectivas faixas, três (14%) de 31 a 40 e dois (10%) de 21 a 30.

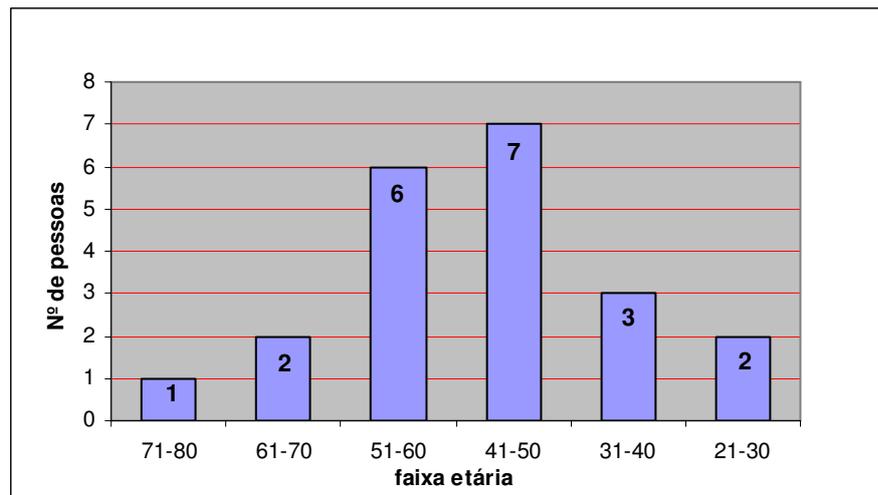


Figura 3: Distribuição dos agricultores parceiros por faixa etária

Concluimos que a maioria dos agricultores parceiros estão com seus conhecimentos bastante consolidados na prática agrícola, uma vez que a maioria está concentrada na faixa dos 41 até os 80 anos. Percebemos um número alto de agricultores praticamente na terceira idade, que precisam estar engajados no sistema previdenciário.

c) Nível de escolaridade

Com relação ao nível de escolaridade dos agricultores parceiros verificamos, conforme a Figura 4, que seis (28%) cursaram a primeira série do primeiro grau, enquanto cinco (24%) estudaram até a terceira série do primeiro grau, quatro (19%) chegaram até a segunda série do primeiro grau, seguidos de três (14%) que estudaram até a quarta série do primeiro grau. Constatamos que três (15%) cursaram o segundo grau, dos quais um (5%) chegou a concluir o segundo grau, enquanto dois (10%) foram registrados como segundo grau incompleto.

Conforme a UNESCO (apud IBGE, 2003), a pessoa é considerada analfabeta funcional quando tem menos de quatro anos de estudo completos, portanto, na análise do quadro atual percebemos que fazem parte deste processo cerca de 71% dos agricultores parceiros. Vale ressaltar que as taxas de analfabetismo nas áreas rurais são em média quase 3 vezes maiores que nas áreas urbanas, fato que não se altera desde 1992. A partir de 1992, o município colocou à disposição dos alunos um ônibus para transporte até a escola. Este assunto será comentado no próximo item.

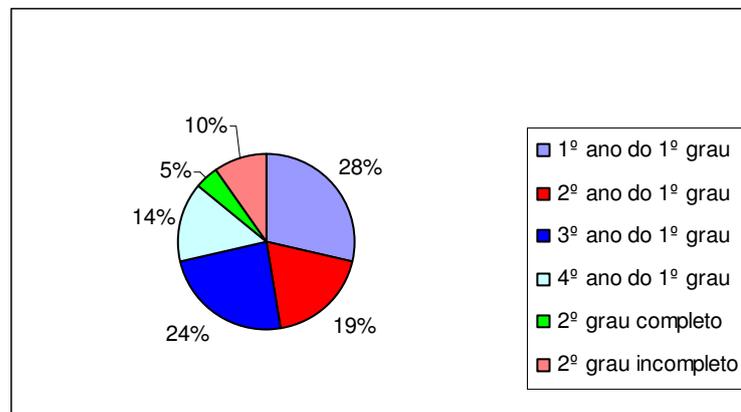


Figura 4: Nível de escolaridade dos agricultores parceiros

d) Participação em entidades associativas

Como podemos observar na tabela 1, a maioria 14 (67%) dos agricultores parceiros participa de associações de classe organizadas. Essa participação implica na defesa dos direitos políticos e sociais dos agricultores, assim como possibilita a sua atuação como captadores de recursos para produção e comercialização.

Essa participação em entidades associativas permite mais facilmente resolver seus problemas, pois os mesmos são também enfrentados por outros associados.

Dessa forma, para que os agricultores se tornem eficientes e competitivos, necessitam estar organizados em associações e cooperativas, pois essas representam espaços sociais que permitirão a eles o resgate de sua cidadania.

No entanto, pelo resultado desta pesquisa podemos identificar que 7 (33%) dos agricultores parceiros não participam de entidades associativas, o que corresponde praticamente a metade.

Tabela 1: Participação dos agricultores parceiros em entidades associativas

Categorias	Freqüências
Membro da Associação Comunitária Nova Olinda	04
Membro da Associação Nossa Senhora do Rosário	03
Membro da Associação Comunitária Rural de São João	02
Membro da Associação Novo Brasil	01
Membro da Associação Sagrada Família	01
Membro da Cooperativa Agrícola Mista de Produtores - CAMP	01
Membro do Sindicato Rural de Igarapé-Açu	01
Membro do Sindicato Rural de Marapanim; da Associação Comunitária Rural de São João e da Cooperativa Agrícola Mista de Produtores - CAMP	01
Não é membro de qualquer entidade associativa	07

7.1.2 Perfil familiar dos agricultores parceiros

Tratando-se de agricultura familiar foram incluídos, na análise, indicadores (número de pessoas por família, por comunidade, por sexo, faixa etária, nível de escolaridade, etc) que permitam o entendimento de como estão constituídas as famílias dos agricultores parceiros.

De acordo com a Figura 5, as famílias dos agricultores parceiros estão representadas em número absolutos, e assim distribuídas:

- Na comunidade São João constam cinco famílias, o que perfaz um total de 51 pessoas; a comunidade Nossa Senhora do Rosário é constituída por três famílias, perfazendo um total de 30 pessoas, na comunidade São Matias constam cinco famílias, num total de 28 pessoas, na comunidade Nossa Senhora Aparecida vivem três famílias, totalizando 23 pessoas e, por último, a comunidade Nova Olinda, com cinco famílias, constituídas de 20 pessoas.

Fazendo uma relação entre o número de famílias nas comunidades São João, São Matias e Nova Olinda, percebemos que em cada uma delas existem cinco famílias, contudo verificamos que na comunidade São João o número de pessoas é bem maior, e, quanto maior o número de pessoas por família, maior a possibilidade de utilização da mão-de-obra na propriedade.

A comunidade São João tem o maior número de pessoas por família (Figura 5), o que representa em média 10 pessoas por família. Na comunidade Nossa Senhora do Rosário com um total de 30 pessoas, também apresenta um número elevado, pois representa 10 pessoas por família. O número de pessoas por família vai reduzindo nas outras comunidades, pois em Nossa Senhora Aparecida 7 pessoas por família, nas comunidades São Matias e Nova Olinda cinco pessoas por família.

No contexto da dissertação que ora realizamos consideramos importante a inclusão na pesquisa, não somente dos agricultores parceiros, mas também de todos os membros de sua família, o que permitirá elevar a base de conhecimento sobre os agricultores, em geral.

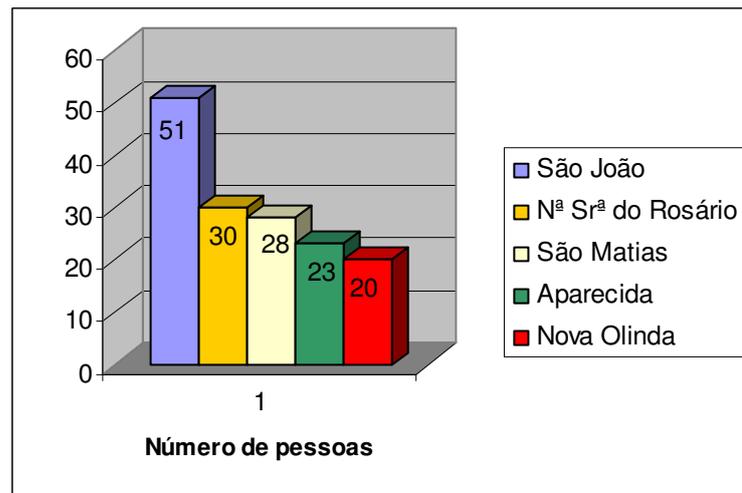


Figura 5: Número de pessoas da família por comunidade

Na Figura 6, apresentamos a distribuição de pessoas por comunidade em percentuais, onde podemos constatar que 34% estão na comunidade São João, em segundo lugar vem a comunidade Nossa Senhora do Rosário com 20%, seguido da comunidade São Matias com 18%. As menores concentrações nas comunidades Nossa Senhora Aparecida e Nova Olinda, com 15% e 13%, respectivamente.

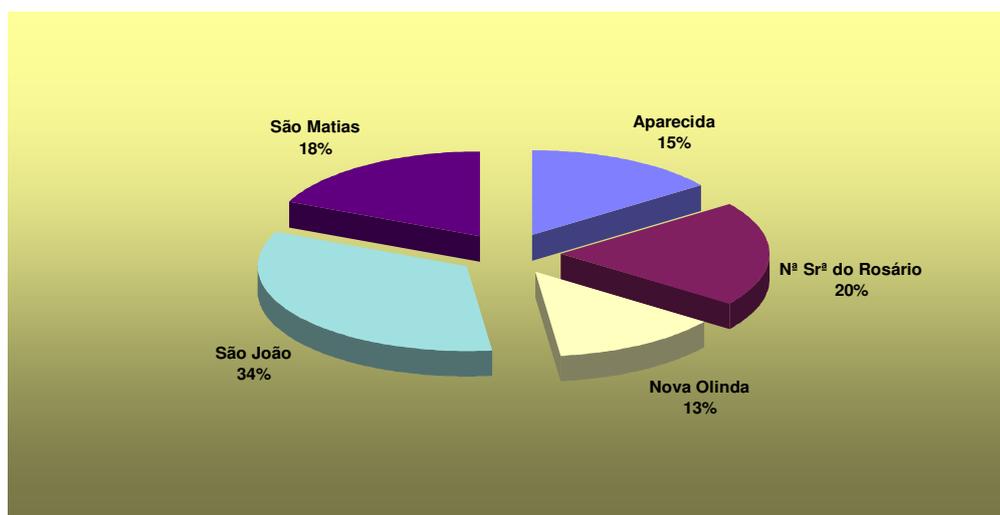


Figura 6: Distribuição das pessoas por comunidade

Com relação à distribuição das pessoas por sexo, conforme Figura 7, observamos que a maior concentração está na Comunidade São João, com 28 pessoas do sexo feminino e 23 do sexo masculino, portanto é a maior comunidade,

sendo a maioria constituída por mulheres, o que é um diferencial. Em virtude do grande número de mulheres nas famílias, o projeto realizou um ensaio relacionado à questão de gênero, junto às comunidades, com 28 mulheres parceiras (Kato, 2004).

A comunidade Nossa Senhora do Rosário chama atenção porque há um equilíbrio, isto é, o mesmo número de pessoas do sexo masculino e do sexo feminino.

Nas comunidades de Nossa Senhora Aparecida, Nova Olinda e São Matias mesmo que com pequena diferença, há predominância do sexo masculino, que visualizamos no cômputo geral, no qual as pessoas do sexo masculino perfazem um total de 77, enquanto as do sexo feminino totalizam 75.

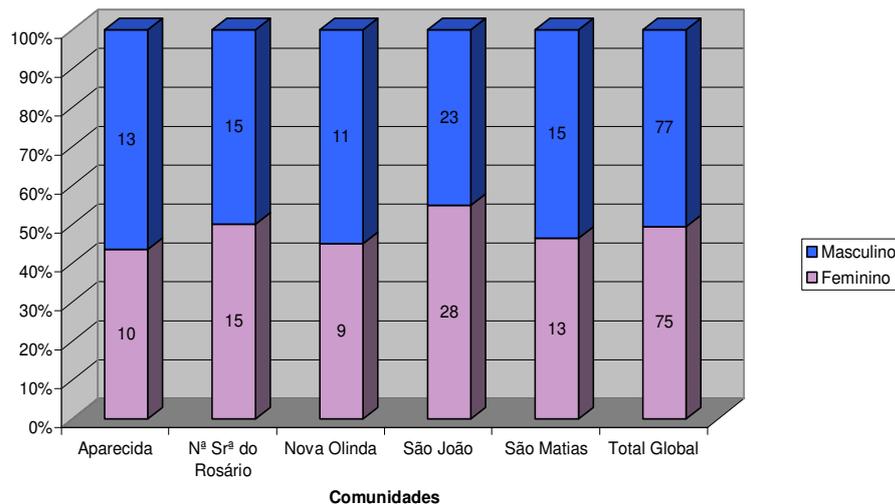


Figura 7: Distribuição das pessoas por sexo

Com relação à faixa etária por sexo (Figura 8), este resultado, por englobar toda família, inclusive filhos, se contrapõe ao resultado da faixa etária dos agricultores parceiros concentrados na terceira idade. Ressaltamos o grande número de crianças até dez anos, no total de 30 (39%) de jovens, sendo 21 (27%) entre 11 e 15 anos, e 26 (34%) na faixa etária de 16 a 20 anos. Portanto, no geral, a

comunidade é formada por jovens, o que coloca em primeiro plano os aspectos educativos.

Verificamos que a maior concentração de pessoas está entre 21 a 30 anos, perfazendo um total de 21 pessoas do sexo masculino e 12 do sexo feminino.

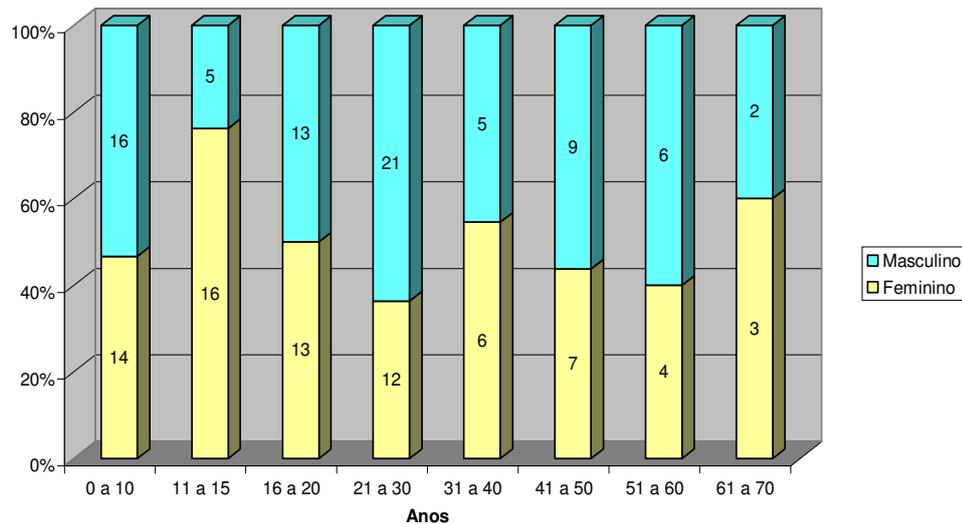


Figura 8: Faixa etária por sexo

Na Figura 9 é apresentado o nível de escolaridade da família dos agricultores parceiros, os quais foram considerados como membros da família, as esposas, filhos e agregados. Vale ressaltar que não foram registrados na referida figura os filhos que ainda não atingiram a idade escolar.

Estes resultados são semelhantes aos dos agricultores parceiros, pois 67 (59%) dos membros da família concluíram o ensino fundamental (1ª a 4ª série); 22 (19%) concluíram o ensino fundamental (5ª a 8ª série); 12 (10%) concluíram o ensino médio; seis (5%) encontram-se com o ensino médio incompleto e oito (7%) não estudaram. Os que não estudaram estão todos na faixa etária acima de 50 anos, portanto pessoas que tiveram dificuldades de acesso ao ensino. Muitos agricultores relatam que pararam de estudar, pois necessitavam ajudar os pais na roça e que os estudos ficaram em segundo plano.

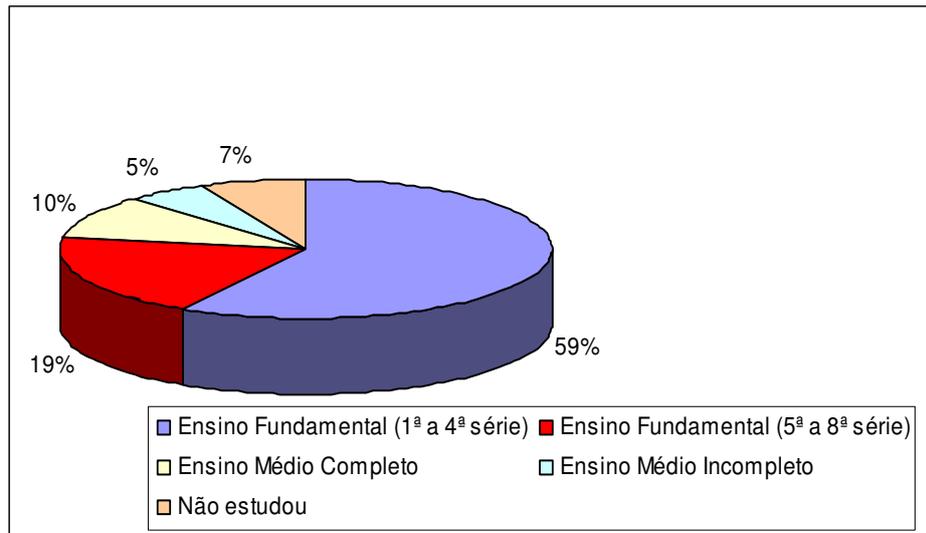


Figura 9: Nível de escolaridade da família

Como na zona rural dos municípios estudados não há escolas em nível de segundo grau, após a conclusão das séries de primeira a quarta do primeiro grau, que correspondem a primeira etapa do ensino fundamental, os alunos necessitam continuar os estudos em Igarapé-Açu, na zona urbana. Muitos alunos fazem até a quarta série e param, pois os pais, mesmo reconhecendo a importância dos estudos na vida dos filhos, reclamam da distância, da insegurança, do acesso aos meios de transportes, entre outros problemas. Sobre o ônibus para transporte escolar mencionado anteriormente, os pais de alunos ponderam que é muito velho e inseguro.

Quando os adolescentes se deslocam para cidade de Igarapé-Açu visando dar continuidade aos estudos, pode ocorrer conforme constatamos em estudos, um choque entre o urbano e o rural, pois a influência da cidade sobrepõe-se ao campo. Segundo Hebette et al. (2002) o centro urbano exerce uma forte atração sobre a nova geração. No caso dos jovens da zona rural dos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim pela proximidade são suscetíveis a essa atração.

Através de observações, podemos identificar que um dos grandes problemas que os estudantes da zona rural enfrentam é de como realizar seus trabalhos escolares. Uma vez que existe apenas uma biblioteca, eles ficam impossibilitados de fazer seus trabalhos escolares no turno no qual estudam, tendo que retornar em outro horário para cumprimento da tarefa escolar. Certamente esta circunstância compromete as atividades domésticas realizadas pelas meninas e as tarefas dos meninos no auxílio nas atividades dos pais, na roça, e isto pode levar os pais a não privilegiar a educação dos filhos.

7.1.3 Perfil dos agricultores vizinhos

Neste tópico são analisados: nível de escolaridade, faixa etária, participação em entidades associativas dos agricultores vizinhos.

a) Nível de escolaridade

Percebemos que, a maioria dos agricultores vizinhos, assim como os agricultores parceiros, podem caracterizados como analfabetos funcionais, pois têm menos de 4 anos de estudos completos. Dos cinco agricultores, um chegou até a quinta série, e o outro até a sexta série do ensino fundamental.

Certamente, o nível de escolaridade não invalida o conhecimento que o agricultor tem da sua realidade local, do seu cotidiano, contudo, sinaliza para instituições que promovem produtos e serviços de informação que atendam a este segmento, o que significa oferta de acordo com a demanda do usuário, levando em consideração seu nível de escolaridade.

b) Faixa etária

Com relação à faixa etária, encontramos na categoria agricultores vizinhos, resultados semelhantes aos dos agricultores parceiros e ambos os segmentos estão na sua grande maioria, na terceira idade.

Como os conhecimentos relacionados à questão agrícola, tanto dos agricultores parceiros quanto dos agricultores vizinhos, nesta faixa etária estão praticamente consolidados, há necessidade do engajamento dos mais jovens no processo de comunicação e informação no âmbito familiar.

Aqui essa temática do engajamento não somente passa pela participação no projeto, como parceiro ou vizinho, mas por todas as atividades que possam elevar o seu nível de conhecimento em áreas que permitirão tanto sua melhoria da qualidade de vida, como de seus familiares.

c) Participação em entidades associativas

Constatamos que há um número significativo de agricultores que não participam de entidades associativas, sejam em associações, cooperativas e sindicatos, entre outras. É inclusive através dessas entidades, que os agricultores têm o reconhecimento dos seus direitos, além de poder contar com valiosas fontes de informação, quando as buscam para o exercício de sua cidadania (Tabela 2).

Tabela 2: Participação dos agricultores vizinhos em entidades associativas.

Categorias	Freqüências
Membro da Comunidade Nossa Senhora Aparecida e da Cooperativa Agrícola Mista de Produtores - CAMP	01
Membro da Associação Nossa Senhora do Rosário	01
Membro da Associação Comunitária Nova Olinda	01
Não é membro de qualquer entidade associativa	02

7.1.4 Perfil dos formadores de opinião

Na referida categoria entrevistamos cinco pessoas, as quais estão assim distribuídas: uma professora do ensino fundamental; dois agentes de saúde; um secretário do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras de Igarapé-Açu, e um presidente da Associação Nossa Senhora do Rosário.

Com relação ao nível de escolaridade, constatamos que dois possuem o segundo grau completo, um cursou até a quarta série do ensino fundamental, um chegou até a quinta série do ensino fundamental, e o outro está cursando Pedagogia, ou seja, encontra-se realizando o terceiro grau. Estes resultados mostram muito naturalmente o nível de escolaridade mais elevado pela própria condição e função desses formadores de opinião.

Três formadores de opinião estão na faixa etária de 23 a 28 anos, um com 39 anos, outro na faixa dos 50 anos, e todos desempenham uma atividade junto à comunidade e são mais jovens que os agricultores parceiros.

Existe uma preocupação dessa categoria em repassar as informações para a comunidade, o que aprofundaremos no capítulo: “O processo de disseminação de informações”.

7.2 CONSTRUINDO O CONCEITO DE INFORMAÇÃO NO AMBIENTE DA AGRICULTURA FAMILIAR

Ao elaborarmos este capítulo levamos em consideração a essência deste trabalho, onde procuramos identificar, a partir do entendimento das categorias: agricultores parceiros, agricultores vizinhos e formadores de opinião, qual a sua percepção e qual o significado que atribuem à informação.

Dessa forma, estaremos construindo o conceito de informação a partir do saber local dos agricultores parceiros do projeto. Esse saber, Moura (1988) descreve como atrelado às observações dos astros e elementos da natureza, daí o agricultor conhecer com precisão as peculiaridades de seu ambiente, ou seja, vive uma relação mais próxima entre natureza e seu meio ambiente.

Na obra de McGarry (1999), denominada “O contexto dinâmico da informação”, o autor trabalha a importância da informação a partir do contexto social e cultural na análise do seu significado.

O livro contém alguns conceitos básicos sobre informação, sendo apresentado uma série de definições, entre as quais Norbert Wiener, George Miller, Claude Shannon, entre outros.

Recorremos ao referido autor quando cita Norbert Wiener que afirma: *“informação é o termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos com o mundo externo ao ajustar-nos a ele, e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido. Viver de fato é viver com informação.” (p.3).*

Na referida obra encontramos o conceito de informação, na percepção de George Miller:

“é algo que necessitamos quando deparamos com uma escolha. Qualquer que seja seu conteúdo e quantidade de informação necessária depende da complexidade da escolha. Se depararmos

com um grande espectro de escolhas igualmente prováveis, se qualquer coisa pode acontecer, precisamos de informação do que se encarássemos uma simples escolha entre alternativas” (p.3).

Estas e outras definições, apresentadas e discutidas no capítulo 2, representam a base conceitual da discussão dos resultados desta pesquisa.

7.2.1 Conceito de informação do ponto de vista dos “agricultores parceiros”

Estudar as necessidades, demandas e usos de informação pela categoria agricultores parceiros tem um significado especial quando precisamos entender a sua lógica e estratégia de sobrevivência e gerenciamento do seu lote.

Percebemos que há várias idéias sobre informação expostas pelos agricultores parceiros, traduzidas em diferentes formas. Uma delas é manifestada pelo Sr. João Barros, quando afirma que informação abre um espaço para permitir que atinja seus objetivos:

[...] O que eu entendo por informação é o seguinte: por exemplo, é.... pra mim informação me traz um espaço pra mim é... chegar aonde? no meu objetivo, ou seja, eu me encontrar com alguém, né? Ou resolver um problema meu qualquer, porque, por exemplo, eu não tô sabendo o que eu tenho que fazer, aí eu tenho uma informação que vai me levar aquele...né? àquela área. (Agricultor João Barros).

Lembramos Gonzalez de Gomes (1984), na sua afirmativa de informação para “solução de situações-problemas”

O conceito emitido por outro agricultor, Sr. Ramiro, se traduz em educação e fica claro que ele ressenete-se muito de não ter uma escola onde os adultos possam estudar. Apesar das dificuldades que o país atravessa, o otimismo permeia as

peessoas, para as quais a idade não é obstáculo e a vontade de estudar e aprender a escrever o próprio nome são pontos fundamentais.

[...] Rapaz, o que eu entendo assim.... dentro da comunidade aqui, é que eu digo assim que tem mais precisão. Ela é importante pra mim, pra outros e pra outros, aqui na colônia aqui. Nós somos um pessoal aqui, um bocado de vizinhança aqui, um bocado de vizinho aqui. E todos nós, bem dizer aqui se considera tudo analfabeto, uns sabe assinar o nome, outros não sabe. Tudo pessoa de idade. Em torno de quarenta anos, cinqüenta anos... Então, uma hipótese, se essa nossa associação fizesse uma escola pra educar os idosos, da minha idade, da idade da mulher, e de outros vizinhos. Então pra mim era uma grande importância.... [...] pra esses velhos que não sabem de nada. Era uma importância muito boa. Que nem lá em Barcarena. Tem um pessoal lá, que trabalha de dia e estuda a noite. Lá não tem gente analfabeto, né? Aqueles velhinhos, mais velho do que eu, trabalham o dia, mas tem o estudo a noite, né? Então isso é que é importante pra nós aqui. É muita gente aqui. Se informação é como uma escola... [...] pra ensinar os velhos de noite, né? (Agricultor Ramiro).

Este agricultor parceiro faz relação entre a sua condição de vida e de agricultores que trabalham a tecnologia de corte e trituração, no município de Barcarena, Estado do Pará, onde os agricultores trabalham de dia, mas estudam à noite.

A importância da trilogia – educação, informação e conhecimento, na sociedade contemporânea assume papel fundamental sendo responsável pelas transformações conforme estudos de Thiollent (2000, p.20).

Dessa forma, a informação proveniente do intercâmbio entre agricultores do município de Igarapé-Açu e Marapanim com os agricultores de Barcarena, não foi meramente recebida pelos agricultores que visitaram, mas surtiu efeito, de fato, e está sendo traduzida na necessidade dos agricultores em contar, na sua localidade, com uma escola onde os adultos possam estudar.

Podemos afirmar que a informação neste caso, teve efeito no (usuário), pois foi traduzida em ensino-aprendizagem-educação, e suscitou no mesmo a vontade de ter, em sua localidade, um espaço ou ambiente para aprender, estudar e aumentar os seus conhecimentos.

A percepção de que informação é importante para o desenvolvimento rural é destilada paulatinamente na fala de um agricultor, quando afirma:

“[...] Informação é tudo que a gente precisa pra poder desenvolver qualquer trabalho, um trabalho que é um projeto, a gente não sabe. O horário de funcionamento de algumas empresas, repartições a gente não sabe. Esse é um tipo de informação. Isso que eu entendo por informação, tudo que a gente precisa pra desenvolver a vida, que a gente precisa aqui, o pessoal perdido aqui no mato. Porque tem informação da cidade, vê como é que tá acontecendo, vê como é que tá, de repente vão recolher as moedas do Brasil, a gente não sabe se tão recolhendo as moedas. Perderam um bocado de moeda de um real, porque não sabiam que as moedas iam ser recolhidas. Teve gente que ficou com as moedas na mão. Isso tudo é informação que faltou chegar aqui, através de alguma coisa, quer seja um folheto, que seja é... escrita ou falada... De qualquer jeito, tem que chegar aqui. Não tá chegando...” (Agricultor Alcântara).

O agricultor ressentia-se de não ter acesso à informação, seja através de diferentes suportes informacionais, ou mesmo através dos meios de comunicação.

Informação para outro agricultor é “[...] tudo aquilo que vai tirar uma dúvida de você quando você está com dificuldade de uma certa... determinada coisa você vai ouvir aquela informação e tirar sua dúvida. (Agricultor Chicó)”. Neste caso específico, permite ao agricultor perceber que a informação é fundamental para a tomada de decisão.

Assim, o agricultor, ao desconhecer a informação para solucionar determinado problema, reconhece que há necessidade de se informar com quem sabe ou conhece, para esclarecê-lo, “*porque a gente não sabe, a gente vai e se informa né? Até que procura saber com uma pessoa que mais ou menos já fez*

aquele tipo de coisa e aí qualquer coisa que a gente não sabe, aí a gente pergunta né? (Agricultor Antônio Moreira)”.

Idéias semelhantes sobre informação estão presentes na fala da agricultora Conceição, quando afirma:

[...] a gente pede informação para que a gente possa desenvolver aquilo que é mais necessário pra gente. [...]. A pessoa as vezes trabalha, mas não sabe, as vezes faz do jeito da gente né, mas aí é o momento da gente pedir informação ao outro de como é que gente deve fazer aquele trabalho.”

Na medida em que os agricultores conceituam o termo informação, identificamos, em suas falas, a relação que há do termo com a troca de idéias, conversas que podem de repente tirar as dúvidas, especialmente àquelas relacionadas às atividades na roça. Isto evidencia a relação entre comunicação e informação, processos indissociáveis.

Apesar do desconhecimento de determinadas informações que o agricultor possa ter, ou seja, que foge à sua realidade, ao seu cotidiano, para que ele venha, a saber, há necessidade de alguém que possa lhe indicar como e onde chegar até a informação necessária. Neste caso, o intermediário da informação ou o profissional dessa área teria um papel importante no processo. Diferentemente, nos meios profissional, acadêmico e científico, o usuário, por sua formação e conhecimento, pode chegar, sozinho, à informação desejada. Para isto, o fundamental é que esteja organizada, registrada, processada e disponível (tarefas do profissional de informação) para acesso e uso.

Segundo o agricultor Manoel da Silva informação é:

[...] a gente conversar com uma pessoa assim que abre as idéias da gente. Que muitas vezes a gente ta assim mal informado, né. E a gente conversando com uma pessoa que entende mais de que a

gente, aí... o que ele pode fazer... traz umas boas informação pra gente. Que muitas vezes a gente ta por fora de alguma realidade que a gente precisa e sabe que existe aquilo pra gente, mas a gente não tem como chegar lá. E algum companheiro que chega com a gente, diz: olha a situação é essa e eu te levo até lá. E eu acho muito bom essas informações.

Outras vezes o conceito de informação é traduzido em notícias, as quais são veiculadas pelos meios de comunicação de massa, especialmente o rádio e a televisão.

O agricultor parceiro João Picote confirma que: “a *informação que a gente mais recebe é através de rádio de televisão né...*” (Agricultor João Picote).

As informações veiculadas pelos meios de comunicação permitem aos agricultores o acesso às mesmas com maior rapidez e objetividade.

O agricultor França expressa sua idéia de informação da seguinte forma:

[...] Eu entendo por informação... Eu acho que no caso uma notícia né, no rádio como teve agora esses dias. Eu estava escutando o rádio, teve uma notícia do PRONAF Programa Familiar. Então isso foi uma informação que eu tive, procurei né a comunidade pra gente chegar até o banco e a Emater e pra ter mais um recurso pra nossa agricultura né. Isso foi uma informação que tive. Então eu acho que informação é tudo pra gente desenvolver, é o Jornal Nacional que aquelas notícias né aquilo são as informações. Muitas vezes a gente está desinformado aí vem uma informação através do jornal, do rádio, então acho que é cercado dessa informações a gente se desloca da nossa localidade né pra ir atrás de algumas coisa é através de uma informação né então a informação é vale tudo pra gente porque a gente não vai sair daqui pra no caso o nosso município que é Igarapé-Açu se a gente não tiver uma informação. Só vai buscar atrás de um objetivo no caso é ir comprar um adubo pra nossa plantas, olha um amigo informou que lá na cidade tem um adubo né tá mais barato a gente vai atrás né, no caso de uma muda né, planta, no caso de pimenta-do-reino: olha fulano tem uma muda lá na Comunidade de São Matias né. foi uma informação que a gente teve então a gente teve também das informações. (Agricultor França).

Contudo, esclarecemos que é necessário disponibilizar informação que tenha por sustentação sua qualidade, ou seja, que a informação esteja coerente com o

contexto no qual os agricultores estão inseridos. Pois é através da construção e reconhecimento desse processo que as instituições públicas e privadas poderão gerar informações para subsidiar o agricultor, nas suas atividades. O que é confirmado por Zeman (1970) quando diz que informação “não está apenas ligada à quantidade, mas também à qualidade que, aliás, tem conexão com ela” (1970, p.156).

A partir de seus comentários sobre informação, associada à organização, o agricultor Zé Luiz retrata a sua condição especial de presidente da Associação de Desenvolvimento Comunitário Nova Olinda, ao expor sobre a necessidade de estar informado para, conseqüentemente, informar outros membros da associação, ou melhor, intercambiar informações com outros agricultores. Assim ele traduz o seu conceito:

[...] Olhe, o que eu entendo é que informação, digamos assim, eu vivo mais aqui na frente, a gente tem mais uma informação. Primeiro a televisão dá uma informação pra gente, então que eu entendo que a pessoa que tá bem informada [...] ele procura é se organizar melhor né, porque a pessoa mal informada ele as vez fala até o que não deve falar porque ele tá mal informado daquilo que ele não deve falar. Então a pessoa mais informada sempre ele fala na hora certa, ele fala o que deve falar, ele não fala tanta besteira, quando ele vê um falar ele fica escutando, ele fica analisando como a gente tá assim mais bem informado a gente fica correto nas coisas né verdade? (Agricultor Zé Luiz).

Nesse caso, Zeman (1970) afirma que a informação está relacionada a três elementos: tempo, espaço e movimento, não existindo fora do processo e conseqüentemente desvinculada do tempo, daí que, “não é apenas uma medida da organização, é também a organização em si, ligada ao princípio da ordem, ao organizado – considerado como resultado – e ao organizante – considerado como processo” (Zeman, p.156-157).

Os agricultores que visualizam a informação como solução de determinado problema transferem ao técnico da Embrapa a possibilidade deste ser o elemento que elucidará os problemas que enfrentam no seu cotidiano, o que aumenta a responsabilidade das instituições que desenvolvem estudos e pesquisas no interior, entre agricultores familiares. Podemos constatar isto quando o agricultor Raul diz:

[...] A informação é que a gente tá participando da Embrapa né então quando chega um técnico aqui deles, a gente a vez tá com um problema e não é do alcance da gente né, então chega o técnico em casa a gente tem que falar com ele pra vê se é do alcance dele pra ele arresolver aquele problema que a gente tá, tá bronqueado né, então aí eles decide resolve o problema da gente se for do alcance dele, ele pode arresolver também né eu acho que seja isso né.

A informação também é algo que pode ser traduzido como indicação, sinalizando o conhecimento em determinado assunto, permitindo fazer uma tarefa corretamente. Podemos constatar esta situação quando o agricultor Aldo explicita: “[...] *entendo por informação, se eu vou fazer uma coisa né? e eu não souber e vir uma pessoa me indicar: Aldo é assim, você tá fazendo errado, o certo é assim, isso eu entendo por uma indicação, informação*”.

A informação para o agricultor parceiro Edivam assume papel fundamental quando a mesma é entendida como orientação concedida e/ou prestada por técnicos, como forma de esclarecimentos de alguma coisa que não entendem. Com relação à prática realizada pelos agricultores, afirma que conhece muito bem a prática, mas que necessita de informações que possam melhorar as atividades que desenvolvem.

Na percepção do agricultor, os técnicos são atores principais para orientá-los sobre as suas necessidades informacionais, e ele acredita que as mesmas possam ser apresentadas em forma de cursos.

A fala do agricultor parceiro Edivam é reveladora, quando afirma:

[...] se a gente precisa de uma informação, se a gente precisa do pessoal do projeto, eles possam.... eles procurem orientar a gente a respeito do plantio... Eles têm curso, eles são técnicos pra orientar a gente. A gente precisa que eles venham nos orientar, assim tipo trazer curso pra que a gente possa fazer, pra que a gente possa aprender, trabalhar. Que a gente conhece na prática, a gente conhece e entende na prática, mas ter uma informação que aquilo significa de como trabalhar com aquilo, a gente geralmente a gente não tem. (Agricultor Edivan).

Podemos também constatar que a concepção do agricultor João é a mesma: *Informação é se a pessoa teve aqui é pra informar a gente, pra fazer um trabalho né, pra gente fazer aquele trabalho tem que informar né. (Agricultor João).*

A informação é traduzida em recursos financeiros pelo agricultor parceiro Raimundo, porque o acesso a financiamentos pode desenvolver melhor, suas atividades no lote e, conseqüentemente, obter melhor produção. Esse agricultor ressentia-se por não ter alguém na comunidade que desempenhe esse papel, de disseminador de informação, especialmente sobre financiamentos, questão a ser abordada no capítulo 7.3.

Podemos constatar quando o agricultor parceiro Raimundo afirma que:

“Olha, já como você falou de informação... a gente, principalmente na área de trabalho da gente, muita das vezes, a gente aqui precisa ter um recurso melhor pra se trabalhar, que normalmente a gente não têm, o salário é alto pra gente pagar um trabalhador, hoje está difícil. Como a gente sabe na agricultura tudo é barato que a gente vende, mas tem gente que vive com recursos pra trabalhar com mais tranqüilidade. Vamos dizer, precisa de um financiamento, se tivesse uma pessoa que viesse junto com a gente, desse uma informação... financiamento que a gente pudesse conseguir, com certeza a gente teria um trabalho mais desenvolvido. Se era deu plantar assim vamos dizer duas tarefas de roça, eu plantava quatro ou cinco, porque com certeza eu tinha uma ajuda do banco.

Verificamos a existência de agricultor parceiro que tem preferência em identificar as informações que necessita realizando sua busca diretamente nas fontes conforme fala do agricultor Orlando:

Informação, eu acho que informação pra mim é a respeito digo mesmo,... têm muitas coisas a respeito da minha informação, porque tem muitas coisas eu mesmo vou atrás, porque, principalmente minhas coisas eu não deixo minhas coisas aqui, vou pra Belém né... eu mesmo gosto de me informar, eu mesmo, se a pessoa disser o que é, tal coisa, tal coisa, não, eu mesmo gosto de falar, rapaz tá custando tanto, se eu sei, eu digo porque eu perguntei o preço, informação minha mesmo, então eu sou uma pessoa positiva nesse caso, não de ninguém... gosto de tá atrás, eu nunca gosto de ninguém tá se informando atrás das minhas coisas não né sobre informação é isso que eu tenho de dizer, porque eu não gosto de nada informado, eu gosto mesmo de ir atrás, pra vê se tá acontecendo né.

O agricultor parceiro Antônio Carlos recebeu de um dos membros do projeto a informação da existência de um programa de rádio, que o projeto veicula as quintas-feiras, na rádio Companheira FM de Igarapé-Açu e assim se manifestou: “...*eu não sabia que tinha esse programa lá em Igarapé-Açu da pititanga nera, pititanga eu não sabia, já agora, eu fiquei por dentro.*” (agricultor Antonio Carlos).

Analisando os conceitos de informação a partir do entendimento dos agricultores parceiros, foi elaborada uma sistematização para chegarmos à categorização das diferentes percepções (Tabela 3).

Tabela 3: Informação na visão dos agricultores parceiros

IDÉIAS SOBRE INFORMAÇÃO	FREQÜÊNCIA
• Meios de comunicação – rádio – televisão	05
• Resolver um problema	04
• Desenvolvimento do trabalho	04
• Notícia – coisa boa	03
• Recurso para agricultura	03
• Certeza para se deslocar	03
• Atingir um objetivo	02
• Conversar – abrir idéias	02
• Precisão – necessidade	02
• Desenvolvimento da vida	02
• Encontrar alguém	01
• Abrir espaço	01
• Conduzir a uma direção	01
• Ensino à noite – educação	01
• Escola – ensino	01
• Saber alguma coisa	01
• Preço mais barato	01
• Tirar dúvida	01
• Organização	01
• Aprender a escutar	01
• Decisão – solução de problema	01
• Indicação – melhor forma de resolver o problema	01
• Mediador entre banco e agricultores	01
• Orientar a respeito do plantio	01
• Saber administrar	01

7.2.2 Conceito de informação do ponto de vista dos “agricultores vizinhos”

Os agricultores vizinhos têm idéias sobre informação semelhantes as dos agricultores parceiros, conforme consta na Tabela 4, embora mais restritas, o que pode ter ocorrido por ter sido estudado um grupo pequeno ou pelo seu não

engajamento no Projeto. Além disso, suas respostas apresentem alto grau de dispersão, isto é, não há predominância de uma determinada idéia.

Tabela 4 : Informação na visão dos agricultores vizinhos.

IDÉIAS SOBRE INFORMAÇÃO	FREQÜÊNCIA
• Abre a mente	01
• Auxiliar alguém	01
• Coisa certa	01
• Explicação	01
• Instruir alguém	01
• Meios de comunicação – rádio – televisão – revista – jornal	01
• Permite conhecer o desconhecido	01
• Permite no futuro fazer a coisa certa	01
• Permite tratar e dar informações aos outros que a desconhecem	01
• Repassar a alguém	01
• Solução de problema	01

Informação, na percepção de dona Sebastiana, agricultora vizinha de agricultor parceiro e que não trabalha a tecnologia de corte e trituração, é saber por outra pessoa que viu e assistiu, ou presenciou algo que ela desconhece. O processo de conhecer algo aparece através da comunicação informal. Podemos confirmar esta percepção quando dona Sebastiana afirma que informação “... *é uma pessoa chegar e falar sobre o que eu não vi, não assisti, mas que alguém chegue e diz que ta acontecendo isso e aquilo outro, pra mim isso é uma informação... às vezes a gente nem assiste, mas quando eles tão conversando...a gente sabe o que foi falado.*”

Ao falar sobre informação, outro agricultor vizinho, seu Raimundo, a relaciona aos meios de comunicação:

“informação é por meio de televisão, o telefone, que a coisa, que a gente se comunica com a outra né, aí a gente se comunica com a

família, se comunica por exemplo com a senhora, com a outra pessoa né, são essas as formas de comunicação que a gente tem, com o outro vizinho também a gente conversa assim”.

Interessante observar a relação estabelecida com fazer corretamente alguma coisa que, aliás, foi citada duas vezes, se juntarmos esta à reposta “permite no futuro fazer a coisa certa”, o que parece supor um erro presente, por falta de informação.

A função de repassar informação e de auxiliar alguém aparece e pode traduzir o espírito de grupo e de trabalho coletivo.

7.2.3 Conceito de informação do ponto de vista dos “formadores de opinião”

Esta categoria tem função distinta dos agricultores, sejam parceiros ou vizinhos, por ser mediadora de informação, enquanto os dois outros segmentos são usuários finais e o que pensam sobre informação é mostrado na próxima tabela.

Tabela 5: Informação na visão dos formadores de opinião.

IDÉIAS SOBRE INFORMAÇÃO	FREQÜÊNCIA
• Repassar a alguém	04
• Meios de comunicação – rádio – televisão – revista – jornal	02
• Instruir alguém	01
• Auxiliar alguém	01
• Dar direção	01
• Indicar onde devo ir	01
• Indicar como devo voltar	01
• Coisa certa	01
• Solução de problema	01
• Fator principal	01
• Excelente nas questões socioeconômicas e na questão agrícola	01
• Permite conhecer o desconhecido	01
• Abre a mente	01
• Permite no futuro fazer a coisa certa	01
• Permite tratar e dar informações aos outros que a desconhecem	01

Embora haja algumas coincidências com as respostas de agricultores parceiros e vizinhos, o resultado traduz a sua função de intermediários de informação (“repassar a alguém”), resposta predominante, o que demonstra consciência do seu papel.

Há preocupação dos mesmos com o processo de intercâmbio de informação aos agricultores, considerados “alvo”, conforme podemos verificar quando Sr. Alexandre, Diretor do Sindicato Rural, expressa a sua noção : *“pra mim informação é uma coisa muito certa e... e traz várias coisas que vai dá pra gente informação e solução pra que possa passar pro agricultor que é um alvo nosso...a gente lê, nos jornais, na revista e isso a gente lê e fala pra eles.”*

Os meios de comunicação aparecem com a segunda maior freqüência (2), sendo ressaltados o rádio a televisão. O agente de saúde Mangediel, por exemplo, afirma o seguinte:

Olha a informação é o fator principal, principalmente pra gente que trabalha na questão de comunidade, a informação é excelente nas questões sócioeconômicas que a gente, principalmente na questão agrícola, por que você mora numa comunidade distante, [...] é uma é uma das comunidades, mais carente que o município tem hoje. Fica difícil o deslocamento de carros até ao município. [...] Até a pessoa ter esse deslocamento, ir até cidade procurar a sede, a Universidade a UFRA ou a sede do Tipitamba ou a Embrapa se torna difícil e ele tendo um meio de comunicação como o rádio ou a televisão mesma a bateria ele tá vendo a realidade ali diretamente com a, na comunidade que ele já pode, isso aí já é um tipo de informação que você tá, não é preciso nem sair da comunidade que através dessa informação, ir levar até a comunidade.

Na localidade não existe energia elétrica e embora o agente de saúde enfatize a importância do rádio e da televisão para os agricultores, sabe-se da dificuldade que eles enfrentam para manter uma bateria.

Outro agente de saúde, Janderson, declara que informação:

É tudo aquilo que a pessoa não conhece e que vem pra gente, chega num ponto, chega numa hora certa assim que tu tá querendo fazer uma coisa e não tem aquela informação, entendeu? Então vindo uma informação tu já abre a tua mente já, e lá no futuro tu já faz a coisa certa, e é assim que eu entendo informação.

Observamos que a informação também é traduzida em “notícias” do ambiente externo, com preocupação de disseminação dessa informação, segundo aponta Paulo Paiva, presidente da Associação Nossa Senhora do Rosário, quando afirma: *“Informação é as notícias que eu pego lá de fora. Que nós não estamos sabendo e que eu fico muito agradecido quando eu pego uma informação, que aí, eu vou ficar bem informado... sabendo tratar e dar informações aos outros que também não tão sabendo”*.

Essa visão de informação como notícia, que é uma noção oriunda dos romanos, nos permite entender que existe um “elemento de surpresa”, que se constitui em “novidade para mim” (McGARRY, 1999, p.5).

Percebemos a mesma preocupação em repassar informações na resposta da professora Maria Eliete, uma vez que exerce o papel de educadora na localidade:

“Informação é algo que nós não sabemos né, pra nos instruir ou que nós repassamos pra auxiliar alguém no que for necessário, de forma do que for necessária na vida daquela pessoa ou da nossa própria vida, porque vai nos dar um encaminhamento pra alma, dar uma direção, aonde eu devo ir, como devo voltar”.

Os formadores de opinião, portanto, exercem importante papel junto à comunidade, na mediação de informações, sendo, ao mesmo tempo, fontes e canal de disseminação.

7.3 O PROCESSO DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES

Neste capítulo relatamos como ocorre a disseminação de informação na ambiência dos agricultores parceiros, uma vez que esse processo permitirá visualizar toda a dinâmica das relações estabelecidas por eles, entre eles, membros da comunidade e com os integrantes do Projeto.

De acordo com Kato (2004), através do projeto houve redução nos riscos de incêndio, os quais causam prejuízos ao meio rural, bem como a redução nos efeitos danosos da fumaça das queimadas que prejudicam a saúde humana e animal, além de dificultar a aviação. O trabalho penoso do agricultor é minorado com a substituição da agricultura de corte e queima pela agricultura de corte e trituração. A autora ressalta que o grande desafio atualmente é garantir meios para a tecnologia ser adotada pelo seu público alvo, o que certamente implica na geração de uma política pública do Estado para apoio ao agricultor na aquisição da tecnologia. Segundo Oliveira (2002), mesmo que isso aconteça, não se sabe como os agricultores poderão se organizar para se apropriar da referida tecnologia.

As práticas de disseminação de informação dos agricultores parceiros ocorrem evidentemente no seu habitat natural e são inerentes às suas atividades cotidianas e, visando ao entendimento do referido processo, tentamos identificar como o mesmo acontece e quais os principais atores envolvidos no ciclo de comunicação e informação.

A disseminação de informação ocorre mais intensamente entre parentes, vizinhos e amigos, sendo concretizada através da comunicação informal.

Ao mesmo tempo em que conversam e trocam idéias sobre o projeto, o teor do diálogo vai paulatinamente se manifestando em suas inquietações e preocupações, como seu Manoel da Silva explicita:

Olha, isso aí a gente conversa muito. A gente tem conversado muito porque eu vou dizer, se fosse assim, se a gente pudesse, digamos assim, fosse muito fácil, assim pra conseguir uma máquina dessa, acho que por aqui quase todo mundo trabalhava com ela, porque aqui é mais quem lhe pergunta como é pra conseguir, como é pra fazer. Eu digo: rapaz, eu não sei, isso é fácil, isso é fácil e na mesma hora é difícil, porque pra nós foi fácil porque foi tipo um sonho que ninguém nem esperava como veio. Mas eu digo sempre, meu jovem, nada é impossível pra Deus. Tudo é difícil, mas pra Deus nada é difícil.

Na percepção do seu Manoel, há preocupação com a aquisição da tecnologia, contudo, esta preocupação foi traduzida de forma ambígua, fácil e difícil, ao mesmo tempo, como um sonho, possível de realizar pela força divina, o que demonstra a religiosidade e fé dos agricultores e esta crença contribui para a participação no projeto.

Segundo Sidersky & Silveira (2000) é necessário que os agricultores estejam no centro dos processos de mudanças, o que implica geração e difusão de inovações, mas é importante que entendamos que nem todos têm condições e/ou interesse em participar.

Constatamos que, ao disseminarem informações sobre o projeto, os agricultores parceiros sentem dificuldade em fazer com que outros agricultores participem do processo, o que pode ser constatado na fala do seu João Barros :

[...] converso, inclusive com meu filho e muitos amigos aqui, que nem tem o vizinho ali, o meu cunhado que mora bem aí, todo esse pessoal, eu já convidei. Não tem um pessoal ali na casa de farinha? De frente a casa de farinha? Já mandei convite pra participarem, mas não vão... E se vão escutar a reunião, mas não se manifestam porque eu acho que eu não tenho a obrigação de pegar o elemento e chegar lá: senta aqui! E tu vai fazer isso aqui, ele é que tem que se manifestar, que nem eu fiz, eu acho que é por aí.

Com relação a convites feitos pelos agricultores parceiros aos seus amigos, vizinhos e parentes para participar da experiência do projeto, muitas vezes há aceitação naquele momento, mas depois não comparecem às reuniões, como explica o agricultor João Barros:

Sei, inclusive o meu vizinho ali, o seu Raimundo, foi um que disse pra mim, ele se sentiu mal porque não foi participar da reunião e deixou de fazer o serviço dele. Quando ele chegou ali que viu a minha área pronta ele disse: poxa João perdi a oportunidade! Porque você não foi pra reunião? Ele disse: Ah! Porque eu não tive tempo, tava ocupado com o motor, quer dizer, o mal de certas pessoas, é não ter tempo, não querer perder tempo, né?

Dessa forma, podemos entender que o agricultor convidado pode não querer colocar em risco toda estratégia familiar que vem desenvolvendo em seu lote e que há necessidade de um esforço sistemático para levar à participação ou aguardar que resultados positivos sejam suficientemente motivadores.

7.3.1 Atores sociais e institucionais como fontes de informação

As fontes de informações podem ser pessoas físicas ou instituições a que recorrem os agricultores para obtenção de informações para subsidiá-los no desenvolvimento de suas atividades no lote.

O processo que envolve toda dinâmica das atividades do agricultor parceiro permite identificar, em suas necessidades e demandas de informação, a presença de atores sociais e institucionais como fonte de informação na localidade.

Em estudo realizado por Assis (2001) foi analisada a morfologia das redes sociais locais e seus resultados apontam uma limitação forte em nível das instituições de desenvolvimento.

Na presente pesquisa foram identificados os atores sociais e institucionais que fazem parte da rede de comunicação dos agricultores quando demandam informações, apresentados na próxima tabela.

Tabela 6: Atores sociais e institucionais participantes da rede de comunicação interna e externa dos agricultores parceiros.

Atores Sociais⁽⁹⁾	Atores Institucionais⁽¹⁰⁾
Professor/Professora	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa
Amigos	Universidade Federal Rural da Amazônia – Ufra
Irmão	Amafruta
Vizinhos	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater
Esposa	Banco da Amazônia – Basa
Vigário	Secretaria Municipal de Agricultura de Marapanim – SEMAM
Presidente da Associação	Secretaria Municipal de Agricultura de Igarapé-Açu - Banco do Brasil
Agente de saúde	Secretaria de Agricultura do Estado do Pará – Sagri
Pai	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Senar
Mãe	Universidade Federal do Pará – Ufpa
	Prefeitura Municipal de Igarapé-Açu
	Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira – Ceplac
	Cooperativa Agrícola Mista de Produtores – CAMP
	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Igarapé-Açu
	Instituto Nacional de Seguro Social – INSS

⁹ Atores Sociais para entendimento do processo de comunicação da informação entre os agricultores são pessoas que fazem parte da rede de comunicação interna (pessoa física).

¹⁰ Atores institucionais são as instituições governamentais, empresas, cooperativas, sindicatos que fazem parte da rede de comunicação externa dos agricultores (pessoa jurídica).

Verificamos que entre atores sociais aparecem os membros de suas famílias, da comunidade, entre os quais vizinhos e formadores de opinião, inclusive o vigário e professor. O conjunto de instituições é bastante diversificado, destacando-se: entidades públicas da área, como Embrapa e Emater, universidades, secretarias municipais de Agricultura e bancos (do Brasil e da Amazônia).

Os atores institucionais produzem informações que deveriam atender às demandas dos diversos segmentos da sociedade, neste caso específico, da agricultura familiar, portanto, precisam conhecer e entender as necessidades, demandas e usos de informação pelos agricultores. Mas há barreiras nesse ciclo de comunicação e informação e Oliveira (2002) menciona que ainda há um distanciamento entre as Ciências Agrárias e o saber tradicional dos agricultores.

Como podemos constatar neste capítulo, diversos atores contribuem para o desenvolvimento rural, ratificando as afirmativas de Schmitz (2001), para o qual a questão não se fecha apenas nos agricultores e técnicos, pois as ações para o desenvolvimento rural são produzidas conjuntamente, inclusive com o setor privado e que *“mudanças nas sociedades rurais não se dão apenas por inovações técnicas, mas também por alterações nas estruturas sócio-políticas e econômicas dessas sociedades”*. (Schmitz, 2001. p.90)

As instituições são reconhecidas pelos agricultores parceiros como fonte de informação na comunidade, sendo a Embrapa uma das primeiras a que recorrem para obtenção de informações necessárias, conforme constatado na fala do agricultor João Barros:

Quando eu tenho necessidade de ter uma informação, é... tem dois elementos, que a gente pode-se dizer, que nem nesse projeto, a gente procura a informação com pessoal da Embrapa e quando não, com um amigo meu, que a gente se dá demais lá em Igarapé-Açu. A gente troca muitas idéias.

Este reconhecimento, por parte da comunidade rural, dá à Embrapa legitimidade para empreender atividades ou serviços de disseminação de informações, desde que sejam ouvidas as demandas.

Muitas vezes os agricultores aguardam o dia da visita do técnico à propriedade para obter informações necessárias ao desenvolvimento de suas atividades, o que constatamos na fala do agricultor parceiro Raul:

[...] aqui quando a gente precisa de ter uma informação, se for uma coisa que teje nos dias do pessoal da Embrapa vier aqui, a gente espera eles chegar pra se informar com eles né, eles é que vão informar a gente do problema que a gente tá pra resolver.

De acordo com a pesquisa realizada, podemos verificar também a relevância da Embrapa, na fala de João Pereira, quando afirma: *“Eu gostaria de receber a informação através dos próprios técnicos da Embrapa né, com quem a gente tá mais perto, conversando de 15 em 15 dias, era muito bom uma informação através deles”*.

Observamos que a rede de comunicação interna dos agricultores parceiros do projeto está constituída, muitas vezes, por membros da família, na troca de informações, como é caso explicitado pelo seu Ramiro, cujos irmãos são referência no estabelecimento de diálogo e no intercâmbio de informações:

[...] nós se comunica sobre trabalho é com meu irmão ali, o Tinga, o Raul, que mora acolá. [...] um pega informação com o outro, né? O Tinga que é mais novo do que eu, mas é mais experiente do que eu em trabalho. Quando é pra burrifar o maracujá, ele diz: é desse jeito, é desse. E quando eu vejo que o trabalho dele não tá certo também, eu vou lá, dou minha opinião. O Raul acolá do mesmo jeito. [...] A gente troca de opinião em termo de trabalho.

Das fontes citadas pelos agricultores parceiros, a Amafruta é uma empresa que os subsidia com informações, na resolução de problemas relacionados ao

ataque de pragas e doenças do maracujazeiro, pois o agricultor Chicó afirma que: *“Na plantação de maracujá quando aparecia uma praga ou doença, a gente procurava um técnico da Amafruta e ele dava toda orientação pra gente como proceder naquele problema”*.

Entre os atores sociais, os vizinhos atuam como fontes de informação na comunidade, o que podemos constatar na fala do agricultor parceiro Chicó: *“[...] na planta da melancia [...] não tinha experiência. Já peguei experiência com o vizinho. Todas as informações que aprendi [sobre o cultivo da melancia], o vizinho [...] me explicou tudo.”*

Na tabela 7 podemos verificar que os atores sociais e institucionais participantes da rede de comunicação interna e externa dos agricultores vizinhos são praticamente os mesmos identificados na categoria agricultores parceiros, embora mais restritos e com algumas exceções como as universidades, não incluídas.

Tabela 7: Atores sociais e institucionais participantes da rede de comunicação interna e externa dos agricultores vizinhos.

Atores Sociais	Atores Institucionais
Agente de saúde	Cooperativa Agrícola Mista de Produtores – CAMP
Amigo	Banco do Brasil
Irmão	Amafruta
Vizinho	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - Emater
Esposa	Banco da Amazônia - Basa
Mãe	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa
	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Igarapé-Açu

Na tabela 8, na qual é identificada a rede de comunicação de formadores de opinião, percebemos que a mesma está praticamente restrita às instituições e, em atores sociais, aparece somente o agente de saúde. Este resultado é uma decorrência natural do seu papel de mediador de informação, já ressaltado anteriormente. Para os formadores de opinião, portanto, as instituições funcionam como fontes, onde buscam informações para disseminar e repassar aos agricultores.

Tabela 8: Atores sociais e institucionais participantes da rede de comunicação interna e externa dos formadores de opinião

Atores Sociais	Atores Institucionais
Agente de saúde	Secretaria Municipal de Educação de Igarapé-Açu Banco do Brasil Amafruta Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater Banco da Amazônia – Basa Universidade Federal Rural da Amazônia – Ufra Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa Secretaria de Agricultura do Município de Igarapé-Açu Prefeitura Municipal de Igarapé-Açu Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras de Igarapé-Açu

7.3.2 Conhecendo e reconhecendo os canais de comunicação preferenciais ou utilizados pelos agricultores parceiros

O conhecimento, por parte dos atores institucionais, dos canais de comunicação¹¹, isto é, a melhor forma de recepção da informação pelos agricultores parceiros, é fundamental para que possam empreender ações de provimento de informações, na área de sua competência.

Procuramos identificar, junto aos agricultores parceiros, como gostariam de receber informação, para possibilitar o atendimento eficaz das suas necessidades e demandas de informação.

O agricultor parceiro João Barros indica a comunicação pessoal, afirmando: *[...] através de comunicação pessoal né? Amigos trás pra mim. Por exemplo, eu preciso resolver um problema que diz respeito o meu programa de trabalho aqui em Marapanim, ai amigo meu trás a informação, ai daqui eu corro atrás né.*"

O agricultor parceiro Antonio Carlos (Baião) é da mesma opinião, pois, segundo ele: *"Se a pessoa conversa comigo é melhor, que a gente entende melhor, porque negócio de escrito, o cara tá conversando com outro é melhor de que mandar assim uma carta pra pessoa, tem muita diferença né, conversando se entende melhor".*

Mesmo apresentando um nível de escolaridade baixo, o agricultor parceiro Raul demonstra preferência por cartilha explicativa:

[...] tendo a cartilha que tá ensinando tudo [...] como é aplicado as doses de veneno pra misturar um com outro, [...] então acho que seria melhor a cartilha de que bocalmente porque de uma hora pra outra a gente pode esquecer aí vai na cartilha e sabe como é que se aplica a dose né, que ali é uma que tá escrito ali, então não tem porque a pessoa esquecer né.

¹¹ Na Ciência da Informação, canais de comunicação compreendem os informais e formais. Entre os primeiros estão as conversas ou comunicação interpessoal, cartas, e-mail etc., enquanto os formais são os registrados ou impressos e, na comunicação científica, os validados pelos pares.

O agricultor parceiro Chicó concorda: *“Eu acho que através de folhetos, com figuras, com desenho. [...] só de informação pessoal a vez você esquece de algum detalhe e já no folheto, se você tiver alguma dificuldade você vai no folheto e tira sua dúvida né.”*

Ressaltamos a importância das ilustrações, sobretudo se considerarmos o nível de escolaridade dos agricultores, o que pode deixar mais claras as orientações.

Outro canal de comunicação, o vídeo, é apontado pelo agricultor parceiro França:

Eu acho que através assim do vídeo né que a gente podia é vê como estão fazendo aquela prática né. O vídeo seria assim junto com a comunidade, a gente reunia a comunidade né e todos os agricultores ia pra lá pra assistir esse vídeo e teria assim uma informação mais útil pra gente. [...] através assim numa revista né explicando também as fotos né acho que seria uma informação mais ideal pra gente.

Esta fala reforça o material áudio-visual como um dos mais adequados à comunidade de agricultores, facilitando o seu entendimento pelas imagens ou ilustrações explicativas sobre determinado assunto e possibilitando também o uso coletivo.

Pelas respostas verificamos que as preferências dividem-se em comunicação pessoal, cartilha explicativa e folhetos, além de vídeos demonstrativos para assistência coletiva, portanto, a elaboração de produtos de informação deve seguir esta orientação, num processo não excludente e sim complementar, por exemplo, um cartilha ou material de divulgação acompanhada de vídeo.

7.4 TIPOLOGIA DE INFORMAÇÕES DEMANDADAS PELOS AGRICULTORES

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados da sistematização de demanda de informação que possibilitou o estabelecimento de uma tipologia, abrangendo os três segmentos: agricultores parceiros, agricultores vizinhos e formadores de opinião.

7.4.1 Tipologia de informações demandadas pelos agricultores parceiros

A tipologia de informações demandadas pelos agricultores parceiros foram distribuídas por temas / assuntos e respectivas freqüências.

No caso específico da agricultura familiar e com base na Ciência da Informação, demanda de informação desse segmento, que tem suas peculiaridades, torna-se uma preocupação para as instituições responsáveis pelo processo de geração e disseminação de conhecimentos. Segundo Araújo, Freire e Mendes (1997), é através da identificação do mercado demandante de informação, que temos a possibilidade de orientar os recursos definidos para esse fim.

Inicialmente foram levantados os grandes temas, como Agricultura, Educação, Direito e Previdência Social, conforme mostra a tabela 9.

Tabela 9: Tipologia de informações demandadas pelos agricultores parceiros, por grandes temas.

GRANDES TEMAS	FREQÜÊNCIA
AGRICULTURA	77
EDUCAÇÃO	08
DIREITO	03
PREVIDÊNCIA SOCIAL	03
MEIO AMBIENTE	01
UTILIDADE PÚBLICA	01

Conforme podemos observar, há uma grande concentração em Agricultura, resultado que é uma conseqüência natural da questão estudada nesta pesquisa, informação na agricultura familiar.

Para aprofundamento da análise foram identificados, em cada grande tema, os sub-temas ou assuntos, o que permitirá um direcionamento mais pontual em relação às informações mais relevantes para agricultura familiar, conforme mostrado na tabela 10.

Tabela 10: Tipologia de informações demandadas pelos agricultores parceiros, por sub-temas ou assuntos.

TIPOLOGIA DE INFORMAÇÕES	FREQÜÊNCIA
AGRICULTURA	77
Maracujá	21
•Controle de doença – virose	08
•Controle de praga	06
•Aplicação de veneno	04
•Capina	01
•Plantio	02
Financiamento	20
•Crédito agrícola	13
•Elaboração de projetos	07
•Crédito agrícola	06
•Energia elétrica	01
Mandioca	13
•Controle de praga	05
•Controle de doença	02
•Aplicação de veneno	02
•Farinha	04
•Preço	03
•Curso(atender demanda do mercado)	01
Milho	06
•Lagarta do cano	04
•Controle de doença	01
•Preço	01
Melancia	04
•Controle de doença	01
•Controle de praga	01
•Espaçamento	01
•Poda	01
Coco	03
•Aplicação de inseticida	01
•Controle de doença	01
•Controle de praga	01
Máquinas e Equipamentos	02

TIPOLOGIA DE INFORMAÇÕES	FREQÜÊNCIA
•Preço	01
•Como adquirir a tritucap (*)	01
Pimenta-do-reino	02
•Adubação	01
•Plantio	01
Açaí	01
•Plantio	01
Feijão	01
•Controle de praga	01
Laranja	01
•Controle de praga	01
Mamão	01
•Plantio	01
Solo	01
•Análise	01
Galinha Caipira	01
•Criação	01
EDUCAÇÃO	08
•Bolsa escola	08
DIREITO	03
Documentação Pessoa Física	02
•Aposentadoria	01
•Auxílio natalidade	01
Documentação Pessoa Jurídica	01
•Documentação para funcionamento da associação	01
PREVIDÊNCIA SOCIAL	03
•Atestado de óbito	01
•Atendimento médico	01
•Vacinação de criança	01
MEIO AMBIENTE	01
•Água – cuidado	01
UTILIDADE PÚBLICA	01
•Horário de funcionamento das empresas	01

7.4.1.1 Demanda por informações sobre Agricultura

Em Agricultura, os assuntos de maior demanda de informação pelos agricultores parceiros foram o maracujá (freqüência 21), financiamento (freqüência 20), seguidos de mandioca (freqüência 13) e milho (freqüência 6).

7.4.1.1.1 Demanda de informação sobre maracujá

Sobre o maracujá, as principais informações tratam de controle de doença - virose, cujo índice de frequência é o mais alto, seguido de controle de praga, aplicação de veneno, plantio e capina, conforme constatamos na tabela 10.

O agricultor parceiro Manoel da Silva explicita muito bem sua angústia diante do problema:

Olha o que me ataca muito aqui e sempre preocupa a gente agora é o... É sobre o maracujá. O maracujá é uma planta que tá complicando muita gente sobre praga, até hoje ninguém ainda não descobriu doença. Oh! Remédio pra combater esta doença. E isso é o que nos preocupa muito, porque olha, esse meu maracujá que eu tenho aí, ele já atacou uma doença que chama virose. E essa doença é horrível!

Informações sobre o processo de realização da capina no maracujazal são importantes para o agricultor parceiro Ramiro que assim se manifestou: *[...] informação que eu tava precisando, agora recente, foi justamente a respeito da capina do maracujazal [...]. E eu sei que no meu maracujá, sei que o comum dele era empilhando o mato, e agora eu aprendi uma lição, pra só roçar o mato e deixar... não mexer com a terra.*

O agricultor Chicó não passou pelo mesmo problema, uma vez que, quando encontra dificuldades no controle de pragas e doenças, solicita informações ao técnico da Amafruta, como podemos constatar: *“Na plantação de maracujá quando aparecia uma praga ou doença, a gente procurava um técnico da Amafruta e ele dava toda orientação pra gente com proceder naquele problema.”*

A Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA foi citada pelo agricultor parceiro Moacir, quando relatou a sua demanda de informação: *“Foi quando o maracujá que nós tinha plantado... que tava dando uma virose e aí a gente foi lá*

com o pessoal da UFRA, pra ver se eles resolviam o problema, mas eles não tinham a informação legal [informação precisa para a solução do problema dele] na hora.

Um dos principais motivos da informação sobre o maracujá ser mais demandada é a participação dos agricultores no projeto implantado pela Amafruta, na região.

O projeto da Amafruta prevê a participação de agricultores familiares que queiram cultivar o maracujá, aos quais serão fornecidos insumos como: adubo, arame, semente, veneno entre outros, assim como, acompanhamento ou orientação no processo de controle de qualidade do produto. Se a colheita atende ao controle de qualidade, o produto é vendido para a Amafruta que realiza a compra no lote do agricultor.

A preocupação do agricultor parceiro em obter informação sobre o cultivo do maracujá ocorre exatamente por esse ser um produto que permite aumentar sua renda familiar.

Percebemos a importância que a informação assume no contexto da agricultura familiar, pois devido à falta de informação sobre como combater a virose que ataca o maracujazal, D.Leda, esposa do agricultor parceiro Moacir afirma que, em virtude do acontecido foram excluídos do projeto da Amafruta:

É a falta de informações é que a gente ficou em grande prejuízo, porque sempre a Ufra e o projeto da Amafruta, eles prometiam de vim um técnico, pra vê o acompanhamento, três vezes por mês e a causa desse acompanhamento pra nos informar o que deveria ou não fazer pra eliminar com a doença é que a gente ficou no prejuízo, ficamos fora do projeto, nós não estamos mais trabalhando pra Amafruta e está causado um grande prejuízo na nossa agricultura familiar.

O não reconhecimento da informação como fator que permite o desenvolvimento das famílias que vivem na zona rural, pode ocasionar a exclusão de agricultores que certamente gostariam de ver sua renda familiar ampliada.

Com relação ao combate da praga do maracujá, o agricultor parceiro Antonio Alves recorreu ao pessoal do projeto, foi quando “...*ela deu a consulta pra nós, e aí nós fizemos né com sacrifício pra acabar com a lagarta.*”

Como os agricultores parceiros vivem em localidades diferentes, entendemos que a ação do projeto foi pontual, atendendo a uma demanda por informação naquela área. Este estudo identifica a necessidade, demanda e uso de informação da categoria agricultor parceiro, independentemente da localidade onde se encontre.

7.4.1.1.2 Demanda de informação sobre financiamento (crédito agrícola)

A segunda maior freqüência de demanda de informações foi sobre financiamento (crédito agrícola). Ressaltamos que dos 21 agricultores parceiros entrevistados, 12 já tiveram acesso ao crédito agrícola e 9 não, por diversos motivos.

Existe a preocupação, por parte de alguns agricultores, de identificar o que é de sua propriedade e o que é financiado e ainda depende de pagamento. Isso ocorre em virtude da responsabilidade que assumem com a instituição financeira, o que podemos confirmar quando o agricultor João de Barros diz: “*esse aqui é meu, como eu digo [referindo-se ao pimental] isso aqui é do banco, meu é dali pra lá. Aquele ali eu to gastando por conta própria, esse daqui é do banco*”, referindo-se ao pimental que conseguiu através do crédito concedido. Do pimental produzido com recursos financeiros do banco, o agricultor retirou mudas que já constituem o seu pimental, sem vinculação com o banco.

As informações sobre o crédito agrícola são disseminadas nas comunidades através dos presidentes de associação, que têm, entre suas atribuições, obter informações sobre o crédito agrícola junto às instituições financeiras para repassá-las aos agricultores.

Mesmo assim, em alguns casos o agricultor procura diretamente a instituição financeira, conforme relata seu Alcântara: “[...] o presidente só falou que tinha esse custeio, mas não disse como era que ele ia sair, a forma de pagamento... os juros...[...]”. Isto ocorre porque há necessidade de maior detalhamento do processo para concretização do financiamento.

Por este motivo, os agentes institucionais de disseminação de informação sobre o crédito agrícola devem estar atentos com as informações sobre financiamento e até avaliar permanentemente esse processo, sobretudo prazos, a fim de permitir a ampla participação dos agricultores e, desta forma, contribuir para o desenvolvimento da agricultura familiar. Torna-se indispensável às instituições governamentais que trabalham com crédito agrícola adotar mecanismos e procedimentos regulares de disseminação de informações, no sentido de atender às demandas explicitadas pelos agricultores.

Além dos 13 agricultores que necessitam de informações sobre financiamento, outros sete estão preocupados em como elaborar projetos que permitam acesso ao crédito agrícola, sendo um específico sobre projeto de energia elétrica para a localidade onde vive.

O agricultor Alcântara afirma que: “[...] a gente precisa também, é exatamente sobre financiamentos sobre projetos, que a gente não tem acesso a essas informações. Quando tem um projeto, quando vai saber, às vezes já acabou o prazo de vigência”.

Com relação ao projeto de energia elétrica declara que: “[...] *Aqui, nós não temos informação. Não sei como a gente faz aqui pra fazer um projeto. Esse projeto da energia, ninguém sabe de onde é que vamos partir pra fazer um projeto dessa energia, que a gente tanto sofre aqui, por causa dessa energia*”. (agricultor Alcântara).

O problema de energia elétrica vem sendo solucionado pelo Programa Luz no Campo, do Governo Federal, iniciado em dezembro de 1999. Da demanda de 123.687 cadastrados na região Norte, foram realizadas 31.733 ligações até o final do ano de 2003, sendo no Estado do Pará o maior número de ligações, cerca de 19.020 (Brasil, 2004d). Contudo, os agricultores que ficam no município de Marapanim, fronteira com Igarapé-Açu, ainda não foram beneficiados por esse projeto, assim como algumas comunidades no município de Igarapé-Açu.

Além das fontes de informação identificadas na própria localidade, os meios de comunicação também algumas vezes transmitem informação de interesse dos agricultores, como explicitado pelo seu França: “[...] *o crédito agrícola foi através do rádio que tava anunciando que o Banco da Amazônia tava fazendo financiamento pros agricultores e a gente escutou, mandou que o presidente da comunidade ir até a Emater ai sai pegando as informações e fizemos reuniões e conseguimos.*”

O agricultor Ramiro diz não pleitear o crédito agrícola por receio de ficar em débito com o banco, pois, como ele mesmo afirma: “[...] *até hoje eu tenho medo de dever um dinheiro graúdo e justamente é onde a gente perde [...]*”. Segundo ele, seu irmão havia lhe explicado todo procedimento, contudo esse “medo” de dever foi o obstáculo, pois informações não faltaram:

Não faltou informação, porque informação melhor foi que o Tinga me incentivou, não foi só uma nem duas vezes, ele veio comigo, quando tavam tomando nota do pessoal pra esse projeto [...] Então se eu tivesse ido no conselho dele eu tava no mesmo tamanho dele também né? Mas eu não escutei o conselho dele.

Além do obstáculo citado acima, constatamos na fala do agricultor João Pereira que o acesso às informações detalhadas sobre o crédito agrícola são fundamentais para a tomada de decisão, conforme justificativa do agricultor: “[...] *não tive uma informação assim profunda, assim pra ficar por dentro como são as regras, eu ainda não fiz*”.

Apesar de alguns agricultores ressentirem-se da ausência da Emater, outros, porém, afirmam que as informações sobre o crédito agrícola chegam exatamente por intermédio dela, através de reuniões nas associações. Dentre os produtos e serviços oferecidos pela Emater-Pará está a elaboração de projetos para o crédito rural.

O agricultor Antonio Carlos relata que: “[...] *acho melhor trabalhar por mim mesmo, porque eu não gosto muito de dívida não, nunca gostei de dívida assim, ainda mais em banco, eu tenho muito medo*”. O receio de dever ao banco extrapola as expectativas do crédito ser o elemento que poderá possibilitar o seu desenvolvimento e de sua família.

O Governo Federal, através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf, além das modalidades de crédito já conhecidas, lançou outras como: Pronaf Mulher, Pronaf Jovem, Pronaf Custeio de Agroindústrias Familiares.

Também elevou em 20%, em média, os tetos de custeio e investimento das linhas do Pronaf. Tiveram os tetos elevados em 50% as linhas Pronaf Mulher, Pronaf Jovem Rural, Pronaf Turismo Rural, Pronaf Agroecologia e Pronaf Máquinas e Equipamentos. Os agricultores que optarem pelo cultivo de arroz, feijão, mandioca, milho e trigo – para atender ao Programa do Governo Federal, Fome Zero, terão

50% a mais de crédito (Brasil, 2004c). As taxas de juros e prazos variam de acordo com cada modalidade de crédito.

7.4.1.1.3 Demanda de informação sobre mandioca

Como podemos constatar, a cultura da mandioca aparece em terceiro lugar em frequência (13) da Tabela 10.

A mandioca é o principal produto na alimentação das famílias de agricultores, assim como uma de suas principais fontes de renda. Toda família participa no retiro¹² do processo de fabricação da farinha de mandioca. Neste ambiente a informação flui normalmente entre parentes e vizinhos, pois é o lugar onde as pessoas se reúnem para fabricação da farinha. Tivemos a oportunidade de observar crianças com seis anos de idade participando efetivamente de um dos processos iniciais na fabricação da farinha de mandioca, que é a retirada da casca de mandioca. Este aprendizado é adquirido paulatinamente, no cotidiano das famílias.

As demandas de informação dos agricultores, relacionadas ao produto mandioca estão ligadas ao controle de pragas, controle de doença, aplicação de veneno, assim como preço da farinha e informações sobre cursos.

Com relação à informação sobre cursos, que eles possam participar e melhorar os produtos para serem colocados no mercado, o agricultor Alcântara menciona um curso que o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Senar, ofereceu na comunidade Nossa Senhora Aparecida sobre a mandioca: “[...] recentemente tivemos um curso sobre todo processo da mandioca, onde obtivemos informações desde o plantio da mandioca até a fabricação da farinha. Bem... a

¹² Casa de farinha é o local onde a família se reúne para a fabricação da farinha e dos subprodutos da mandioca, como goma, tucupi, entre outros. Além de ser um ambiente propício para o diálogo familiar.

farinha nós sabemos fazer, o que nós não sabíamos era que tipo de farinha o mercado estava exigindo. Agora a gente faz farinha de melhor qualidade”.

O agricultor parceiro Edivan ressaltou que seu mandiocal foi atacado por uma praga, que é a lagarta e, tal como aconteceu com o agricultor parceiro Antonio Alves, procurou informações junto ao escritório da Emater em Igarapé-Açu, para resolver o problema, como podemos constatar: *“Deu uma praga aqui na mandioca que é a lagarta e conversei com o pessoal da Emater e eles passaram um inseticida”.*

Compreendemos que a mandioca, sendo um dos principais produtos de alimento, assim como uma das fontes de renda dos agricultores parceiros, a necessidade de obter informações relativas ao produto passa a ter importância vital. Mesmo tendo experiência das práticas que executam, ainda assim, qualquer informação que venha a melhorar o processo de fabricação do produto é bem vinda, desde que os agricultores estejam convencidos disso.

7.4.1.1.4 Demanda de informação sobre milho

O milho aparece em quarto lugar, entre os produtos com mais demanda de informação pelos agricultores parceiros, principalmente sobre a lagarta do cano, controle de doença e preço.

Existe preocupação, por parte dos agricultores parceiros, em eliminar pragas e doenças do milho, pois é um produto que cultivam e que faz parte tanto de sua alimentação quanto na alimentação dos animais que criam em seus lotes. Além de ser também um produto que complementa a renda familiar, como os demais.

A dificuldade em encontrar informação para eliminação do problema, neste caso, combater uma praga no milharal, faz com que o agricultor parceiro recorra à força divina, como seu Moacir explicita:

Eu trouxe minhas filhas pra adubar o milho que a praga estava estragando, aí elas disseram: papai se eu fosse o senhor não adubava esse milho. Eu disse minha filha eu vou adubar. O que o senhor vai fazer? Aí quando nós terminemo de adubar eu disse: pode ir embora. O que o pai vai fazer? Não se preocupe. [...] se for da vontade de Deus, Deus vai combater essas pragas, aí o que eu fiz: orei nos três cantos e coloquei as mãos pro céu e disse: Senhor não deixa mais essas pragas acabar com a minha lavoura! As pragas foram embora.

Percebemos que os saberes dos agricultores estão atrelados às suas tradições e principalmente às suas crenças. Em estudos antropológicos como o de Firth (1974), é ressaltada a importância dos sistemas de crenças e suas relações no trabalho agrícola.

A baixa frequência de informações sobre o açaí, talvez deva-se ao fato de a região estudada não ter tradição no seu cultivo, contudo, atualmente a Embrapa desenvolveu uma nova variedade de açaí, denominada Pará (OLIVEIRA e FARIAS NETO, 2005), cultivada em terra firme e que poderá alterar este panorama.

7.4.1.2 Demanda por informações sobre Educação

No tema Educação, o Programa Bolsa Escola do Governo Federal aparece com o índice mais alto de demanda de informação.

O Programa Nacional do Bolsa Escola foi criado em 2001, com a proposta de conceder benefício monetário mensal a milhares de famílias, para garantir a permanência das crianças na escola (Brasil, 2004a).

Os agricultores parceiros ressentem-se da dificuldade de acesso a informações sobre o programa bolsa escola, o que constatamos quando seu Manoel diz que a informação sobre o bolsa escola é assim *“uma informação, mas é por debaixo dos pano, como se fala, né?”*.

O agricultor parceiro Alcântara corrobora a mesma impressão:

Esse projeto que houve agora do governo, [...] dos alunos que ganham bolsa escola, isso tudo foi um Deus nos acuda, pra gente saber dessas informações. E tem muita gente que não ganha essa bolsa escola porque não foi informado em tempo útil. Já passou do prazo, não sei o quê... aí ficaram sem receber. Informação bolsa escola deveria ser uma informação transparente.

É oportuno ressaltar a percepção política do agricultor ao mencionar a transparência da informação, ou melhor, ele tem a noção do caráter público desse tipo de informação, cujo acesso também deveria ser público.

De acordo com informações do Ministério da Educação (Brasil, 2004b), o número de famílias que recebem bolsa escola em Igarapé-Açu é de aproximadamente 1.881, sendo beneficiadas 2.992 crianças. No município de Marapanim são atendidas 1.480 famílias, sendo beneficiadas 493 crianças, na faixa etária de 6 a 15 anos.

7.4.1.3 Demanda por informações sobre outros temas: Direito, Previdência Social, Meio Ambiente e Utilidade Pública

Direito e Previdência Social foram os dois grandes temas com a mesma frequência, três (3). As informações relacionadas ao Direito referem-se à documentação para pessoa física (aposentadoria e auxílio natalidade) e para pessoa jurídica (funcionamento de associação).

Uma das grandes dificuldades encontradas pelos agricultores parceiros para gerenciar a associação é o desconhecimento de informações sobre a documentação necessária ao seu funcionamento.

O agricultor Alcântara afirma que:

[...] a comunidade aqui tava atrasada há mais de três anos ou quatro anos atrasada, e nem eu sabia, nunca tinha sido presidente de

comunidade. Ele disse: Alcântara, comunidade é uma empresa. Aí foi que eu levei lá pra ele, eu não tinha informação nenhuma. Eu perguntava pra um, pra outro e ninguém sabia responder. Ninguém sabe.

As informações relativas à previdência social tratam de atestado de óbito, atendimento médico e vacinação de criança.

Sobre meio ambiente, a demanda de informação foi sobre cuidados com a água, preocupação dos agricultores parceiros, pois, segundo um deles, João Pereira:

É... aqui pra nós a informação sobre a água é muito importante, quer dizer, eu que escuto o rádio e que as vezes consigo lê um jornalzinho é que fica mais perto da informação, mas tem pessoas que por aí que não se ligam em rádio, por exemplo quando ligam o rádio quer escutar só música não quer escutar o momento de informação, aí fica difícil pra essas pessoas, então como seria assim bom pra ter uma informação melhor? Por exemplo: vir as pessoas que estão por dentro assim do assunto fazer uma reunião na própria comunidade e tomar aquele dia de informação juntar o povo todinho e dá aquele dia de informação pra que aquelas pessoas que da não teve a oportunidade de ouvir, participar, ficar um pouco por dentro da situação.

7.4.2 Tipologia de informações demandadas pelos agricultores vizinhos

De acordo com a tabela 11, verificamos que a Agricultura também aparece no mesmo nível de importância atribuído pelos agricultores parceiros, sendo o milho o produto com maior frequência, principalmente informações sobre a lagarta do cano, doença e preço.

Tabela 11: Tipologia de informações demandadas pelos agricultores vizinhos

TIPOLOGIA DE INFORMAÇÕES	FREQÜÊNCIA
AGRICULTURA	
Milho	06
•Lagarta do cano	04
•Doença	01
•Preço	01
Maracujá	04
•Adubação	01
•Aplicação de veneno	01
•Doença – virose	01
•Praga	01
Mandioca	04
•Praga	02
•Adubação	01
•Aplicação de veneno	01
Pimenta-do-reino	02
•Doença	01
•Plantio	01
DIREITO	
Documentação pessoa física	02
• Divórcio	01
•Título da terra	01

Também aqui e pelos mesmos motivos, informações sobre Agricultura predominam, conforme já destacamos, mas a freqüência difere um pouco entre os resultados relativos a agricultores parceiros e agricultores vizinhos. Embora o produto com maior freqüência seja também o milho, seguido de maracujá, mandioca e pimenta do reino, não aparecem outros produtos como a melancia, coco, açaí etc.

Outra distinção é a ausência de informações sobre financiamento, segunda maior freqüência na demanda de agricultores parceiros. No entanto, convém ressaltar que os cinco agricultores vizinhos entrevistados já realizaram operação de crédito junto à instituição financeira.

Com relação à demanda de informação sobre documentação jurídica, percebemos, na referida categoria, que há necessidade de informações sobre divórcio e, por último, como obter o título de terra.

7.4.3 Tipologia de informações demandadas pelos formadores de opinião

Na tabela 12 podemos constatar que os resultados diferem dos de agricultores parceiros e agricultores vizinhos, pelas razões já expostas anteriormente, ou melhor, devido ao papel de mediadores de informação por eles exercido. Assim, as informações de maior demanda referem-se à Saúde, estando dispersas em diferentes doenças, entre as quais as ainda endêmicas, na região: tuberculose, hanseníase e dengue. Lembramos que entre os formadores de opinião estão os agentes de saúde, responsáveis pela divulgação de informações sobre esse setor, nas comunidades.

Nas informações de natureza jurídica, especificamente de previdência social, constam os documentos de pessoa física, entre as quais dois itens correspondem aos mesmos demandados pelos agricultores parceiros: aposentadoria e auxílio natalidade, além de direitos do consumidor e informações sobre seguro de vida.

Uma informação comum a agricultores parceiros e formadores de opinião é a documentação necessária ao funcionamento de associação, o que demonstra a vontade da comunidade em se organizar e mobilizar, coletivamente.

Tabela 12: Tipologia de informações demandadas pelos formadores de opinião

TIPOLOGIA DE INFORMAÇÕES	FREQÜÊNCIA
SAÚDE	08
Dengue	01
Diabete	01
Diarréia	01
Doença Sexualmente Transmissível – DST	01
Hanseníase	01
Hipertensão	01
Tuberculose	01
Vômito	01
DIREITO	06
Documentação Pessoa Física	05
•Aposentadoria	02
•Direito do consumidor	01
•Seguro de vida	01
•Auxílio Natalidade	01
Documentação Pessoa Jurídica	01
•Documentação para funcionamento da associação	01
AGRICULTURA	04
Crédito Agrícola	03
Feijão	01
•Doença	01
MEIO AMBIENTE	02
Educação Ambiental	02

Como era de se esperar, na categoria Agricultura a demanda de informação sobre crédito agrícola prevalece porque formadores de opinião são também difusores desse tipo de informação.

Concluimos que as demandas de informação de dois segmentos, agricultores parceiros e agricultores vizinhos são semelhantes e oscilam pouco quanto à relevância, enquanto os resultados relativos a formadores de opinião, por suas próprias atribuições, destacadas no decorrer desta pesquisa, diferem porque são próprios à natureza de sua função e atuação e, portanto, coerentes.

7.5 AÇÕES PARTICIPATIVAS PROMOVIDAS PELO PROJETO

O projeto tem desenvolvido, ao longo do tempo, ações visando disseminar informações sobre tecnologia aos agricultores parceiros, através de metodologias participativas e, neste capítulo, procuramos identificar essas ações, além de verificar se ocorrem em via de mão dupla.

Assim, antes de abordar esta questão, pensamos ser pertinente apresentar algum conceito de participação¹³.

Entre os conceitos existentes adotamos o elaborado por Schmitz (2002) e citado por Schmitz, Mota e Simões (2004): *“um sistema de ação concreto sendo diferentes atores envolvidos nas tomadas de decisões e a margem de manobra de cada um resultado de um acordo formal, de negociação, do jogo livre das forças [...] ou outras regras”*. A precaução que os atores precisam ter é de equilíbrio dessa “margem” de cada um, para chegar ao mais importante desse processo - a força dos interesses comuns.

De acordo com o relatório do projeto, foram realizadas várias atividades relacionadas à participação e ao intercâmbio de experiências entre os agricultores: seminários sobre tecnologia de corte e trituração, visitas às comunidades que trabalham em parceria com o projeto, palestras, programa Dia de Campo na TV, intercâmbio entre agricultores parceiros, entre outras.

Visando a obter entendimento do processo, sob a perspectiva dos agricultores parceiros, tentamos identificar junto aos mesmos, as ações promovidas pelo Projeto e quais as mais importantes, na sua percepção.

¹³ Conceito elaborado por Schmitz (2002) em sua tese de doutorado.

O agricultor Alcântara ressalta que participou de várias atividades:

Nós fizemos várias visitas em outras comunidades. Nós fomos até a Barcarena também né? Fomos à reunião lá em Belém, presenciar o vídeo lá sobre a agricultura... Houve uma troca de informação sobre as comunidades até dentro dela [...] Na Embrapa nós fomos bem apoiados, bem assessorados. Gostei muito das ações.

Contudo, a atividade mais importante no entendimento do agricultor parceiro Alcântara foi a visita aos agricultores do município de Barcarena, na comunidade Vai Quem Quer, assim relatada:

Eu achei muito importante foi a de Barcarena, porque lá é uma região diferente, onde as pessoas têm outro tipo de atividade, inclusive anexa à agricultura, né? [...] tem a reciclagem do lixo, como fazem o adubo, a parte de artesanato. Eles têm também o apoio muito grande por parte da prefeitura, da secretaria de agricultura de lá, que eu não sei se é devido a fábrica lá de alumínio, né? Mas tem o prefeito aquela parceria com eles queira ou não queira, né? Certo que lá eu achei que eles são muito bem assessorados nessa parte aí, por isso eles são bem melhor do que a gente aqui nessa parte do desenvolvimento, até os filhos tem escola de informática. E aqui nós não temos nem posto de saúde, nem nada. Não tem energia, não tem estrada, não tem saúde. Muito pouco passa o agente de saúde, aqui. (Agricultor parceiro Alcântara).

A razão de sua importância parece ter sido a diversidade de experiências e atividades, que incluíram reciclagem de lixo e artesanato, além de troca de informações. Nessa ocasião os agricultores parceiros tomaram conhecimento da inclusão de aprendizado de Informática, na escola em Barcarena. Por outro lado, essa visita levou à comparação com as condições de vida de seu próprio Município, onde são enfrentados problemas de energia, estrada e saúde.

Outra atividade ressaltada foram as reuniões, conforme destaca o agricultor parceiro França:

É... eu tive várias reuniões lá na sede da, da FCAP, da UFRA que foi assim uma excelente reunião que a gente teve, debateu lá, né inclusive a gente teve reunião com o Secretário da Agricultura do Estado né, então a gente té colocou assim e o problema de

dificuldade financeira, quem sabe até tenha chegado ao governo e vai levar a situação pro governador né.

O diálogo entre agricultores parceiros e técnicos permite que ambos conheçam a realidade do outro e o processo de comunicação da informação seja recíproco.

Nesse sentido, conhecer a Embrapa, assim como saber o que a instituição faz, proporciona aos agricultores parceiros confiança, e permite a efetivação de um processo dialógico entre agricultores e técnicos, fundamental para o permanente desenvolvimento do processo comunicacional e de informação.

Assim o agricultor parceiro Zé Luiz expressa a importância de conhecer a Embrapa:

Fomos na Embrapa que a gente não conhecia, tinha passado lá na frente, mas a gente não tinha mínima idéia do que fosse a Embrapa, então nós participemo de um dia de campo lá. Nós fomos na reunião e lá nós andemos lá na Embrapa [...] a gente começou olhar pra saber contar como é que funciona la dentro da Embrapa. [...] quer dizer que a pessoa que nunca foi lá não tem nem idéia como pode ser, como é que funciona. Então nós já sabemos. Então isso a gente conversando com os amigos a gente pode repassar aquilo. [...] pra que é que querem isso [referindo-se ao material coletado] e a gente saber explicar pra que é que eles levam aquilo né e depois trazer um resultado pra gente. Aí eles levam pra lá depois eles trazem o resultado pra mim então isso é uma coisa muito importante uma coisa que a gente não sabia e agora a gente sabe né.

As atividades realizadas fora da ambiência dos agricultores parceiros abre novas possibilidades de interação com outros agricultores, permitindo crescimento na base de conhecimento de ambos. O intercâmbio de informações é concretizado e o processo de aprendizado fortalecido, o que constatamos quando o agricultor parceiro Raul afirma que: *[...] nós tem trabalhado com a Embrapa. Nós tem feito umas viagens pra participar de reunião [...] fora do município que nós trabalha. Pra nós eu acho que seja uma grande importância participar de um grupo desse que tira a gente por fora pra aprender certas coisa que a gente não sabe né.*

A importância do intercâmbio de informações é reconhecida, pois, segundo Edivan, *“A gente aprendeu muito com o pessoal de lá”*, nesta fala se referindo à experiência que os agricultores parceiros tiveram fora de sua localidade.

Verificamos que, no caso específico desta ação do projeto - viagem realizada a Barcarena - no estabelecimento de intercâmbio entre os agricultores, a parte sócio-cultural foi de extrema importância, uma vez que permitiu aos mesmos vivenciar momentos de descontração e entretenimento, com a visita à praia do Caripi e à fábrica da Albrás. Isso reforça que os eventos sempre deverão ser mesclados com outras experiências, porque assim as informações utilizadas no intercâmbio, poderão contribuir mais fortemente para o desenvolvimento das comunidades.

A sugestão dada por um agricultor parceiro foi repassar as informações aos outros integrantes da comunidade, por exemplo, qual o objetivo do evento, o que fizeram e por que foram selecionados. Tal situação demonstra a importância do fortalecimento do fluxo de informação na comunidade, o que certamente promoveria e estimularia o diálogo e a integração entre os agricultores parceiros e os demais.

Constatamos que todas as ações desenvolvidas pelo Projeto tiveram importância para os agricultores parceiros e, para tal, o mais importante foi esse processo ser construído coletivamente, ou seja, com a participação de todos os atores sociais envolvidos.

Finalmente, podemos afirmar, conforme as falas dos agricultores parceiros, que atividades fora de sua ambiência são mais ricas, no processo comunicacional e de informação, sobretudo se múltiplas e complementares, incluindo lazer e entretenimento.

7.6 ESTÍMULOS E BARREIRAS NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Neste capítulo são apresentados tanto os elementos facilitadores ou incentivadores do fluxo de comunicação e informação na agricultura familiar, quanto os dificultadores ou barreiras existentes nesse processo.

7.6.1 Estímulos ao processo de comunicação e informação

Entre os pontos positivos e que incentivam esse processo destacamos a confiabilidade nos membros do Projeto e comunicação informal, experiência e conhecimentos adquiridos sobre a tecnologia e as culturas melhor desenvolvidas em área triturada.

7.6.1.1 Confiabilidade nos membros do Projeto e comunicação informal

Todos os agricultores parceiros foram unânimes em afirmar que confiam nos membros do Projeto. Ressaltamos que eles lembram e chamam pelo nome aqueles membros do projeto que estão sempre presentes nas comunidades. O agricultor Alcântara afirma que:

Confio bastante nos membros do projeto. [...] Eles vem in loco, no local com a gente, dialoga, vai lá na agricultura, verifica, né. O pessoal da agricultura de Igarapé-Açu nunca vieram aqui. Da Emater pior também, nunca vieram aqui. Só o pessoal da Embrapa que vêm aqui. Então, temos que tá satisfeito com eles. Todos nós. Acho que é por unanimidade.

Todos os 21 agricultores parceiros do Projeto conversam com familiares e amigos sobre o Projeto, de acordo com depoimentos de alguns deles sobre essas conversas ou comunicação informal:

Agricultor parceiro Alcântara: Eu converso com todos os meus amigos. Muitos vêm já vem aqui aí eu vou mostrar a roça lá. Outros que dizem: será que eu vou me acostumar? Eles têm medo de entrar no projeto. Eu tenho um amigo aqui que tá querendo, que vai tentar. Que a roça dele, ele deixa bem limpinha, não tem nenhum pau dentro, nenhum graveto ele não deixa. [...] Ele chegou aqui outro dia e disse: Ave Maria! Não sei se vou conseguir fazer isso aí! Mas eu mostro pra ele e digo que é bom. A pessoa fica assim naquela expectativa, estão curiosos pra ver.

Agricultor parceiro Antonio Moreira: Às vezes a gente conversa, mas eu converso mais aqui é mesmo é com a mulher e a gente sempre conversa.

Agricultora parceira Conceição: As vezes eu converso lá com as meninas lá em Igarapé-Açu. Eu digo: gente não é ruim não. Uma que é uma grande ajuda. A gente quase não tem despesa. A despesa que tem é que a pessoa vai capinar, não vai esperar eles virem capinar né? A gente ganha adubo, só não ganha a semente porque a gente guarda a semente né isso?

Agricultor parceiro Zé Luiz: A gente conversa, sempre a gente conversa o pessoal perguntam pra gente se dá certo eu digo que dá... sempre eles dão uma ajuda, conforme o plantio que a gente vai fazer, sempre ele dá a gente tem aquela ajuda se for plantar milho eles dão adubo, se for plantar melancia eles dão adubo. Então sempre aquilo que a gente vai plantar eles dão semente dão ajuda... E isso aí faz com que as pessoas tenha um lucro, né?

Agricultor parceiro João Pereira: A gente já tem conversado sim. Converso com a família, converso com vizinho, outras pessoas que não são vizinho, já tenho conversado.

Agricultor parceiro Raimundo: Converso sim, sempre há umas pessoas ali até já falou pra mim, que um dia tivesse uma reunião da Embrapa, a gente convidasse eles pra participar por que eles tem vontade de possuir uma área dessa triturada, mas não é muito fácil também...

Agricultor parceiro Antonio Carlos: Rapaz a gente conversa, eu trabalho com o meu irmão, a gente conversa é muito nós dois, a gente trabalha junto nós dois.

Através da fala de alguns agricultores parceiros, fica evidente que eles conversam com outros agricultores sobre a tecnologia, mas esse diálogo muitas vezes é estabelecido primeiramente com os familiares. Isto ocorre pelos vínculos de

parentesco na agricultura familiar, por exemplo, dos cinco agricultores parceiros da comunidade São Matias, quatro são irmãos e dos cinco pertencentes à Comunidade São João, três também são irmãos, o que retrata muito bem a agricultura familiar.

Algumas traduzem em “ajuda”, o adubo e a semente que recebem para o plantio de culturas, o que é proporcionado pela Embrapa, através do Projeto.

A expansão do Projeto e seus desdobramentos podem ocorrer por estímulo dos próprios agricultores. Dos 21 agricultores parceiros, 19 afirmaram que já indicaram um amigo, vizinho ou parente para participar. Dos dois agricultores que não sugeriram ninguém, um deles fez uma indicação direta à líder do Projeto, e o outro alegou que é novo no Projeto e que, em virtude do seu irmão ter se ausentado do lote, ele passou a assumir todas as responsabilidades.

7.6.1.2. Experiência e conhecimentos adquiridos sobre a tecnologia

Coletamos informações junto aos agricultores parceiros para verificar se, a partir de sua experiência e conhecimentos adquiridos, poderiam apontar as vantagens e desvantagens dos dois sistemas de cultivo: agricultura de corte e queima versus agricultura de corte e trituração. Os resultados foram resumidos e são apresentados a seguir:

a) Agricultura de corte e trituração

Vantagens

1. Plantio imediato após trituração da área.
2. Não dá mato
3. Trato cultural mais fácil
4. Menos trabalho no preparo de área
5. Realiza só duas capinas
6. Protege o meio ambiente
7. Produção superior
8. Tem adubo e assistência
9. Permite plantar em qualquer época do ano
10. A produção aumenta após o segundo ano

Desvantagens

1. Eliminação da lenha para fazer o carvão, torrar farinha e tirar o cipó
2. Dificuldade no plantio
3. Produção baixa sem utilização do adubo.
4. Dificuldade na realização da primeira capina
5. Adequar ferramentas de trabalho no plantio.
6. Fica muito bagaço (material grande)
7. Utilização da máquina é limitada (1 tarefa)
8. Dificuldade de trabalhar no primeiro ano

b) Agricultura de corte e queima

Vantagens

1. Processo no plantio é mais rápido
2. A primeira produção é excelente

Desvantagens

1. Trabalho penoso
2. Muito tempo para preparar área
3. Esperar a chuva para plantar
4. Realizar quatro capinas
5. Poluição do meio ambiente

Podemos verificar que na Agricultura de corte e trituração foram apontadas mais vantagens, num total de 10, do que desvantagens, que totalizaram 8, enquanto o inverso aconteceu com a Agricultura de corte e queima. Mesmo assim, as desvantagens enfrentadas na Agricultura de corte e trituração ainda são numerosas e esses dados podem servir de orientação ao Projeto para ações futuras que visem a minimizar ou solucionar os problemas, de forma que a agricultura familiar alcance melhores resultados.

Ao serem solicitados a fazer sugestões, os agricultores parceiros manifestaram duas: uma para que antes da máquina realizar o trabalho de trituração retire toda a madeira e outra para triturar o material mais de uma vez.

7.6.1.3 Culturas melhor desenvolvidas em área triturada

Nas próximas tabelas são mostrados os resultados sobre as culturas plantadas em área triturada (tabela 13) e aquelas que melhor se desenvolveram nessa área (tabela 14), segundo a percepção dos agricultores parceiros.

Tabela 13: Culturas plantadas em área triturada.

Cultura	Frequência
Mandioca ou roça	16
Milho	11
Feijão	08
Maracujá	06
Melancia	05
Pimenta-do-reino	02
Pimenta doce	02
Abacaxi	01
Abóbora	01
Pimenta amarelinha	01
Pimenta ardilosa	01
Berinjela	01

Constatamos que foram plantadas 12 culturas em área triturada, sendo as de maior incidência, pela ordem de frequência: a mandioca (16), o milho (11), o feijão (8), o maracujá (6), a melancia (5) e as pimentas, do reino e doce (2), além de outras culturas, plantadas por apenas um agricultor parceiro.

Na relação de culturas que melhor se desenvolveram (tabela 14) aparecem 7, portanto, não alcançaram bons resultados as culturas de pimenta do reino, abacaxi, abóbora, pimenta amarelinha e berinjela, uma vez que não foram assim consideradas pelos agricultores parceiros.

Tabela 14: Culturas melhor desenvolvidas em área triturada.

Cultura	Frequência
Mandioca ou roça	10
Maracujá	05
Feijão	03
Melancia	03
Milho	01
Pimenta ardilosa	01
Pimenta doce	01

Comparando as duas tabelas observamos, na tabela 13, que a mandioca ou roça é o cultivo mais expressivo na região e, ao mesmo tempo, é o que melhor se desenvolveu na área triturada, com frequência 10 (Tabela 14).

O milho aparece como a segunda cultura mais plantada na área triturada (frequência 11), contudo, não está entre as mais desenvolvidas pois foi indicado por apenas um agricultor parceiro, resultado que merece ser mais estudado.

O maracujá é a cultura que apresenta maior equilíbrio nos resultados: como cultura obteve frequência 6 e entre as que se desenvolveram melhor, frequência 5. Isto significa que dos seis agricultores que plantaram maracujá, apenas um não obteve melhores resultados em área triturada.

Dos quatro tipos de pimentas plantadas, num total de quatro (pimentas do reino, doce, amarelinha e ardilosa) duas foram incluídas entre os cultivos com melhores resultados, as pimentas ardilosa e a doce. Sobre a pimenta do reino deve ser esclarecido que, por ser uma cultura de ciclo longo, talvez ainda não tenha havido tempo para apresentar resultados, nesse período.

7.6.2 Barreiras ao processo de comunicação e informação

Tentamos captar, junto aos agricultores parceiros do projeto, quais os problemas que enfrentam na participação no Projeto e as possíveis soluções.

A princípio sentimos uma certa intimidação por parte dos agricultores parceiros, contudo, quando indagados sobre as possíveis soluções, sentimos que ficaram muito tranquilos para falar sobre o assunto.

Segundo Pinheiro (1995), as informações são coletadas no contexto das comunidades rurais e geram diagnósticos que ficam a cargo dos pesquisadores para subsidiar futuras intervenções.

Sobre problemas, o agricultor parceiro João Barros afirma:

[...] Pra mim só existe um problema, porque nós não têm área própria pra isso e na área que é triturada tá certo que o material fica tudo para beneficiar a terra, mas só tem uma falha pra mim no projeto que é triturado que tem uma matéria prima que a gente usa muito aqui pra lenha e a máquina onde entra não deixa lenha. Só foi essa a dificuldade que eu senti, porque na área que a gente tritura não fica lenha pra nada. Mas isso também não é um problema, um bicho de sete cabeças, né?

Verificamos que existe a preocupação, por parte do agricultor, em utilizar a lenha que está na capoeira, que serve para fabricação de seus alimentos e também é utilizada nos fornos onde fabricam a farinha e, se não for feita uma seleção antes da máquina triturar, toda a lenha é perdida.

Na percepção do agricultor parceiro Chicó, há necessidade de expansão do projeto para outros agricultores que queiram trabalhar com a tecnologia, porém, como só existe uma máquina para realização do trabalho, fica inviável aumentar o número de agricultores. Podemos constatar este problema quando ele afirma :

A dificuldade que o projeto têm é que tá trabalhando com poucos agricultores né eu acho que há falta de mais um trator, uma máquina pra trabalhar, porque tem muitos agricultores querendo entrar no projeto, mas o projeto tem dificuldade, que só um trator pra muito serviço. [...] tem dificuldades porque eles têm um calendário de manejo pra trabalhar e se entrar mais agricultores vai ter problema.

A forma da trituração é um outro problema apontado pelos agricultores, pois na opinião deles a capoeira deveria ser triturada em pedaços menores:

A única coisa que a gente acha é que a gente podia assim [...] melhorar mais um pouco é a trituração, porque se afinasse mais né, ficasse mais miúda assim eu acho que seria melhor por que aí fica aqueles pedaço de pau muito grande então aquilo é que atrapalha a gente se triturasse mais fino acho que seria assim melhor pra gente trabalhar (agricultor parceiro Zé Luiz)

O problema identificado pelo agricultor parceiro Antonio Gomes está relacionado entre as desvantagens do plantio em área triturada, apresentadas no

tópico 7.6.1.2 e é o seguinte: ao plantar milho na área triturada, há necessidade de adubo, pois nessa área, o milho foi o que menos se desenvolveu.

Os agricultores parceiros, com relação aos problemas identificados, fazem as seguintes sugestões:

Agricultor parceiro João Barros: Pra resolver teria que fazer é... reflorestamento, né? Uma área separada, né, pra gente ter a matéria prima que é a lenha, pra nós aqui que vive na agricultura, como eu falei pra você, eu fui punido quando eu reclamei isso aí, porque o meu parceiro disse pra mim: não, mais aí a gente não precisa de lenha, mas ninguém aqui cozinha com a gás, né! Aqui é tudo na lenha.

Agricultor parceiro Zé Luiz: Eu achava que aparecesse assim uma máquina pra triturar mais fino ou então depois que triturasse uma vez aí quando fosse assim noutra ano, aí aquela mesma área a máquina passasse né, porque aquilo já está mais pobre, aí eu acho que triturada ficava aquilo... aí ficava melhor né, porque eu já vi assim aonde a máquina passou uma vez, assim passou assim com um ano digamos assim ela passou outra vez aí ficou bom né então eu acho que ficaria melhor.

Agricultor parceiro Raul: Rapaz eu acho que pode ser difícil e pode ser mais fácil porque a gente conversando vamos dizer com a Dr^a Socorro que é que a chefe daqui do município, talvez ela possa resolver esse problema né, chega lá com os grandes e resolver o problema

Agricultor parceiro João Pereira: A sugestão é se continuasse com esse outro Tritucap mesmo é... o serviço fica mais bem feito e também se dessa pra de decorrer do tempo futuramente é fazer que esse tipo de Tritucap triturasse mais miúda ainda a madeira, ficaria melhor.

Agricultor parceiro Edivan: Tem que triturar e trabalhar em cima do triturado... Só se for alguma ferramenta apropriada pra gente trabalhar, tipo assim a máquina que eles têm para plantar que é apropriada.

Agricultor parceiro Moacir: A sugestão que eu dou, é que eles ajeitassem né o trator pra ficar melhor de trabalhar.

Agricultor parceiro Antonio Gomes: A sugestão é que resolvesse o caso... do projeto... tivesse um adubo mais avultado.

Agricultor parceiro Raimundo: Sim. Pra melhorar com certeza eu tenho, eu tenho certeza que na hora de triturar a terra pudesse deixar o material mais fino, bem mais espalhadinho, bem...seria mais fácil pra gente trabalhar dentro do projeto, porque essa área grossa que fica, fica mais dificultoso pra gente... mesmo com toda

nossa experiência, mas se pudesse deixar esse material mais finim, seria melhor.

Diante do explicitado pelos agricultores parceiros, sob a forma de sugestões para possíveis soluções, acreditamos que, ao serem consideradas, permitirão a construção coletiva de atividades na agricultura familiar, visando melhorias e avanços no desenvolvimento dos seus respectivos lotes que, por sua vez, reforcem os bons resultados e aperfeiçoem os que ainda não alcançaram esse nível.

7.7 AUDIÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

No artigo sobre informação e conhecimento, no qual aborda os meios de comunicação, Gonzalez de Gómez (1984, p.112), afirma que [...] *os meios de comunicação de massa constroem representações do mundo e do ser social que, através de sua potência de disseminação, interferem na própria vida das comunidades [...]*.

Neste tópico tentamos identificar quais são os meios de comunicação de massa têm influência na vida dos agricultores, identificando os mais utilizados pelos agricultores parceiros, vizinhos e formadores de opinião, na busca de informação.

Para efeito desta pesquisa, os meios de comunicação de massa foram divididos em quatro:

- a) rádio;
- b) televisão;
- c) revistas; e
- d) jornais.

A identificação dos meios de comunicação de massa que ora realizamos neste trabalho é em virtude dos mesmos serem importantes canais que facilitam a comunicação. No caso específico do rádio, por sua linguagem única e pessoal, e por sua grande popularidade em áreas pobres do país (GOMES e GOMES, 2003).

7.7.1 Audiência dos meios de comunicação de massa entre agricultores parceiros

Constatamos que os meios de comunicação de massa, especialmente o rádio e a televisão, estão bastante presentes na vida dos agricultores parceiros.

Os agricultores parceiros que não possuem rádio e televisão, no local onde desempenham suas atividades cotidianas, contam com os referidos aparelhos em suas residências na cidade, mas, nesta dissertação, consideramos apenas aqueles que dispõem desses meios no local de trabalho.

Com relação à utilização do rádio, primeiramente foi necessário identificar quais os agricultores que o possuíam. Dos 21 agricultores parceiros que foram entrevistados, 11 (52%) têm rádio, enquanto 10 (48%) não dispõem desse meio de comunicação.

Os programas de rádio que mais ouvem são: “A Voz do Brasil” e “Bom Dia Agricultor”, principalmente o primeiro, cuja importância é demonstrada no depoimento de Manoel da Silva:

[...] o que eu gosto muito de escutar é a Voz do Brasil, que eu escuto, o que é que ta acontecendo, que é o governo, que às vez lança [...] algum projeto... o que que vai acontecer... isso aí a gente já fica mais ou menos por dentro, né? Que muitas vezes o governo lança um programa, ou, ou um programa não, um projeto muito importante pra agricultura e a gente fica esperando. Aí você vai, você não, eu vou lá no banco, aí com meus companheiros. Não, não tem! Eu digo: tem que foi assim, eu escutei, tem. [...]. É por isso que eu gosto muito da Voz do Brasil porque a gente vai cobrar e diz pra eles: Tem porque tem! Eu escutei pela Voz do Brasil!

Com relação às emissoras que mais sintonizam, conforme a figura 10, foram mencionadas várias, inclusive grande parte fora do município.

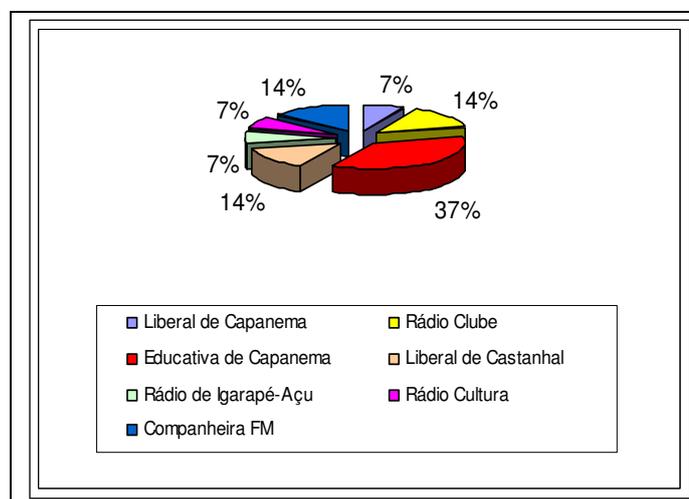


Figura 10: Emissoras de rádio de maior audiência entre agricultores parceiros

A rádio que mais os agricultores parceiros ouvem é a Educativa de Capanema, com 37% de audiência, seguida por 14% de audiência da Rádio Clube de Belém do Pará, 14% da Liberal de Castanhal, 14% da Companheira FM e, as demais, com 7% de audiência cada uma.

A rádio de Igarapé-Açu é a mais antiga no município e obteve um baixo índice de sintonia dos agricultores parceiros que possuem rádio, atingindo apenas 7% de audiência. No ano de 2004 foi criada no município de Igarapé-Açu, uma rádio chamada Companheira FM, que já atinge o dobro de audiência da rádio mais antiga, por apresentar programas e notícias de interesse dos agricultores e por sua programação ter sido definida a partir de interesses coletivos da sociedade.

Um dos programas veiculados na rádio Companheira FM, denominado Tipitamba, foi idealizado pelos membros do Projeto, com a proposta de disseminar

informações sobre temas como: agricultura, meio ambiente e melhoria de qualidade de vida, entre outros.

A televisão desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do país e exerce grande influência sobre a vida dos brasileiros, sendo um importante instrumento de democratização da informação e da educação. É também um veículo de comunicação de massa utilizado pelos agricultores parceiros do projeto, na mesma proporção de uso das emissoras de rádio.

Ressaltamos que, para ter acesso à televisão e rádio, alguns agricultores utilizam bateria, que periodicamente necessita ser recarregada, pois em algumas localidades não existe energia elétrica, o que, por sua vez, certamente acarreta custos ao agricultor, conforme citado anteriormente. Contudo, rádio e televisão podem ser valiosas fontes de informação, desde que divulguem informações de interesse do homem do campo, com temáticas relacionadas ao meio ambiente, cidadania, melhoria de qualidade de vida, entre outras.

Os canais de televisão de acesso público no Estado do Pará são: Rede Bandeirantes de Televisão, Rede Globo, Tv Cultura, Rede Record, Rede Vida de Televisão e Sistema Brasileiro de Televisão.

Constatamos que, dos 21 entrevistados, 11 possuem e assistem televisão, e os programas que os agricultores parceiros mais assistem (figura 11) são: Jornal Nacional, 31% de audiência, Globo Rural, 25%, novelas, também 25%, Jornal Liberal, 13% e programa evangélico, 6%.

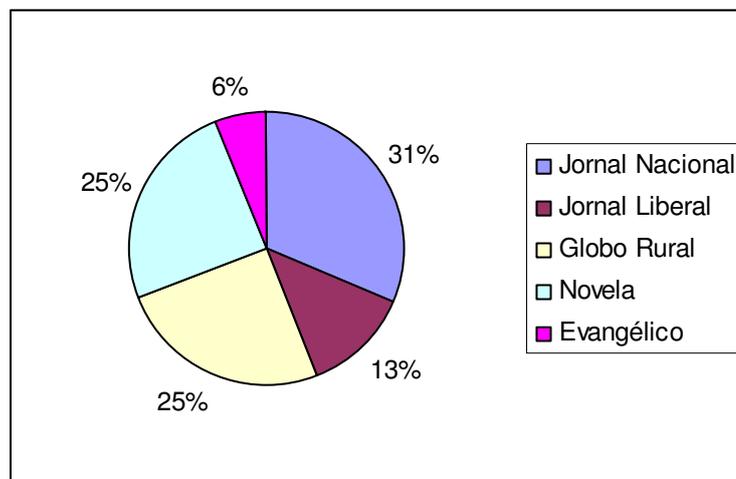


Figura 11: Programas de televisão de maior audiência entre agricultores parceiros

O Jornal Nacional aparece como o mais assistido e uma das possíveis razões é ser apresentado na parte da noite, quando os agricultores já retornaram de suas atividades, e outra por ser a Rede Globo o canal de melhor sintonia. O programa Globo Rural atingiu o segundo lugar em audiência, em virtude de ser dedicado à Agricultura, tema de interesse direto dos agricultores, e por ser realizado em horário matinal, antes de sua saída para suas atividades na roça¹⁴.

A novela passou a ser um entretenimento nacional, sendo também para os agricultores parceiros uma forma de lazer, apreciada por ele e sua família e, nesta pesquisa, obteve a mesma percentagem de audiência do Programa Globo Rural. O Datanexus (2004) divulga, diariamente, gráficos com a audiência média ao longo do dia, e o pico de audiência entre as principais emissoras de televisão, desde o início do ano de 2004 até o presente momento, é alcançado pelas novelas da Rede Globo.

Sobre a leitura de revistas e jornais verificamos, entre os 21 agricultores parceiros entrevistados, um baixo índice, conforme apresentado na Figura 12.

¹⁴ Local onde está estabelecido o cultivo de milho, arroz, feijão, mandioca entre outros. É entendido também por mandioca. Ex: "... eu nunca deixo de plantar a roça" (Agricultora Conceição), referindo-se a mandioca.

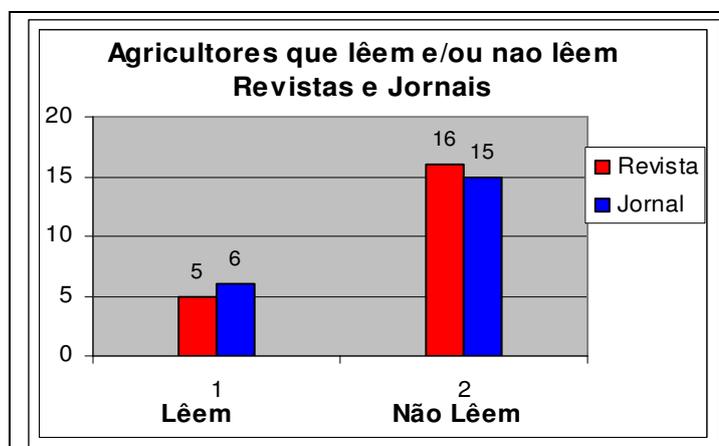


Figura 12: Leitura de jornais e revistas por agricultores parceiros

Este resultado deve-se, basicamente, a três motivos, o principal deles o baixo nível de escolaridade, conforme já verificamos no item: “Perfil dos agricultores familiares”. Outro fator limitante, atrelado ao primeiro, é a dificuldade de acesso aos jornais e revistas, uma vez que para comprá-los precisam se deslocar até a cidade de Igarapé-Açu. O terceiro e último motivo são problemas de visão e a falta de assistência médica na localidade, uma vez que para atendimento por especialistas, o agricultor e sua família necessitam se deslocar para Igarapé-Açu ou para a capital do Estado.

As dificuldades de visão são expressas na fala do agricultor parceiro João Barros, quando respondeu sobre o porquê de não ler jornais e revistas: “*Não, isso aí eu não faço porque eu não sou muito, [...] eu começo ler um papel, um documento qualquer coisa, minha vista dói. Não tenho muita leitura, isso aí eu não faço. Até as vezes eu sinto vontade, [...] Não sei bem ler... [...] e a minha vista dói muito quando vou ler assim alguma coisa*”.

Além do baixo nível de escolaridade e da dificuldade de acesso a jornais e revistas, é possível também que este seja um gasto pesado, considerando as prioridades e os recursos financeiros dos membros da comunidade. O agricultor parceiro Antonio Moreira diz ler somente quando compra alguma “coisa” que vem embrulhada em jornais ou revistas: “[...] *A vez quando dá certo assim eu leio, eu não tenho comprado não, quando as vezes vem assim eu leio, vem embrulhado com qualquer coisa eu leio, mas não tenho comprado não.*”

Por este relato podemos deduzir que, neste caso, não há desinteresse na leitura e nas informações pois, apesar das barreiras encontradas pelo agricultor parceiro no acesso a jornais e revistas, quando há alguma oportunidade ele usufrui da leitura.

7.7.2 Audiência dos meios de comunicação de massa entre agricultores vizinhos

Nesta questão, os resultados são semelhantes aos dos agricultores parceiros. Dos cinco agricultores vizinhos entrevistados, constatamos que 3 (60%) possuem rádio, e 2 (40%) não. A mesma proporção aparece na televisão e, entre os programas de maior audiência estão o Jornal Nacional, novelas e Fantástico.

Verificamos que dessa categoria agricultores vizinhos, apenas 1 (20%) lê revistas, enquanto a maioria, 4 (80%) não lêem e este resultados se repete na leitura de jornais, com a mesma proporção.

7.7.3 Audiência dos meios de comunicação de massa entre formadores de opinião

Diferentemente dos agricultores parceiros e agricultores vizinhos, todos os formadores de opinião entrevistados possuem rádio e televisão, sendo as emissoras de rádio que mais ouvem a Igassu Fm, Companheira FM e Educativa de Capanema e os programas de maior audiência: A Voz do Brasil e Bom Dia Agricultor.

Com relação à televisão verificamos, conforme mostra a figura 13 que todos possuem o aparelho e assistem a programas, sendo os mais citados: Jornal Nacional, com 40%, Novelas, 20%, Filmes, 10% e, o restante, como Altas Horas, Casseta & Planeta e Programa do Jô, apresentam percentual de 10% cada.

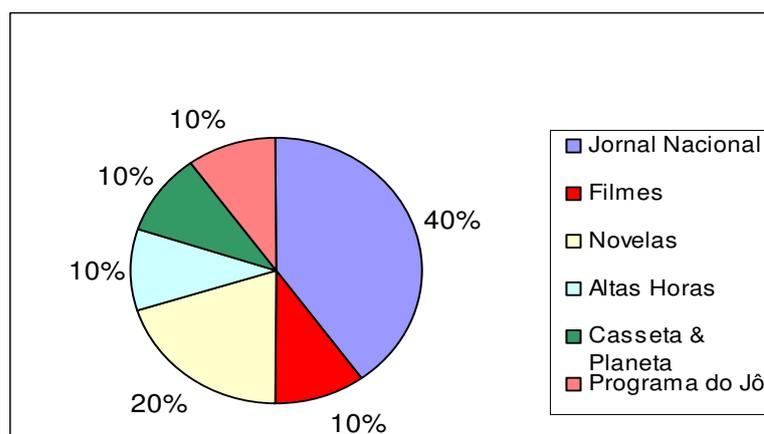


Figura 13: Programas de televisão de maior audiência entre formadores de opinião

Sobre a leitura de jornais e revistas podemos observar que dois lêem revistas e citam a revista “Isto è” como a mais lida, enquanto três não lêem. A proporção dos que lêem jornal é maior do que a dos que lêem revistas, e os jornais mais citados foram: O Liberal e o Forte, sendo o primeiro publicado na capital do Estado e o segundo um jornal editado por um grupo de pessoas no município de Igarapé-Açu.

Finalmente, os resultados deste tópico não surpreendem, com a supremacia dos meios de comunicação de massa áudio - visuais sobre os impressos, tanto a televisão como o rádio, que mantém a sua relevância, mesmo nos dias atuais.

Muitos pesquisadores e especialistas, sobretudo das áreas de Filosofia, Semiologia, Semiótica, Comunicação e Sociologia, têm estudado esse fenômeno cultural e o fascínio que a imagem, muitas vezes atrelada às tecnologias, exerce nas novas gerações da sociedade contemporânea.

Em relação aos três segmentos, mais uma vez repetimos a similaridade dos resultados de agricultores parceiros e vizinhos, e a discrepância com os de formadores de opinião, por motivos repetidamente destacados nesta pesquisa.

7.8 TÉCNICA DO INCIDENTE CRÍTICO

Nossa pesquisa é pioneira na aplicação da técnica do incidente crítico junto ao segmento da agricultura familiar, especialmente agricultores parceiros do Projeto, uma vez que a técnica, até o presente momento, foi aplicada em usuários de informação científica e tecnológica.

Conforme característica desta técnica, a sua aplicação visou a identificar qual foi a última vez que os agricultores parceiros precisaram de uma informação para o desempenho de suas atividades, e o que isso ocasionou em suas vidas, quando obtiveram ou não a informação buscada.

Por se tratar de um de uma técnica que pode ser utilizada juntamente com entrevistas e questionários, nesta pesquisa foi incorporada à entrevista.

Dos 21 agricultores parceiros do projeto, 15 (71%) obtiveram informação, na sua mais recente busca, mas não diretamente, e sim através de agentes sociais e,

sobretudo, agentes institucionais. Este resultado, que demonstra a importância da rede de comunicação e dos mediadores, é mostrado na tabela 15.

Tabela 15: Informações obtidas pelos agricultores parceiros na busca mais recente

Informação	Fonte de informação	Frequência
Cultivo da melancia	Vizinho	02
Atestado de óbito	Forum de Igarapé-Açu	01
Bolsa escola	Secretaria de Saúde do Município de Igarapé-Açu	01
Compra ou aquisição de terreno	Vizinho	01
Cultivo da pimenta-do-reino	Embrapa	01
Cultivo do açaí	Embrapa	01
Financiamento para compra de máquina (trator)	Banco do Brasil	01
Financiamento para fazer poço artesiano	Associação Comunitária Rural São João	01
Funcionamento da máquina (Trituicap)	Embrapa	01
Obtenção de financiamento	Sindicato Rural de Marapanim	01
Pagamento da parcela do débito	Emater	01
Preço de mercadoria	Vizinho	01
Renegociação de dívida	Basa	01
Técnica de como manter a árvore do maracujá no arame	Vizinho	01

A primeira observação sobre os resultados é a diversidade de informações, existindo apenas um assunto demandado duas vezes. Ressaltamos que, na maioria das vezes, os agricultores parceiros, embora não soubessem exatamente quando precisaram da informação, lembravam perfeitamente qual a informação buscada.

Das informações obtidas pelos agricultores parceiros na aplicação da técnica do incidente crítico, verificamos que do total de 15, cinco (5) referem-se a

financiamento (financiamento para compra de máquina, para poço artesiano, obtenção, pagamento de parcela de débito e renegociação da dívida) e quatro (4) a cultivo, neste caso, de melancia, pimenta do reino, açaí e maracujá.

O fato de o agricultor já estar trabalhando com tecnologia de corte e trituração, não significa que os procedimentos para a divulgação dessa tecnologia e as ações empreendidas pelo Projeto e instituições possam perder a sua regularidade e intensidade. Os agricultores sabem que, quanto mais eventos e ações forem promovidos, mais chances de divulgação da tecnologia e maior a possibilidade de sensibilizar autoridades para a questão. Eles acreditam que assim possam ser superadas algumas dificuldades, como a falta de máquinas, e seja possível a viabilização de formas para sua aquisição.

A informação mais recente, lembrada pelo agricultor Manoel, está relacionada às atividades e resultados do Projeto “agricultura sem queima”, relatados pelos seus membros, quando da visita *in loco* do Secretário de Agricultura do Estado do Pará. Eventos como esse, por exemplo, podem representar excelente oportunidade de divulgação da tecnologia e de reivindicações.

Dos 15 agricultores que obtiveram a informação, verificamos que 6 (40%) informações obtidas referem-se a técnicas geradas pela Embrapa: cultivo das culturas de melancia (2), pimenta-do-reino (1), açaí (1) e maracujá (1), além da tecnologia de corte e trituração para funcionamento de máquina (1). Contudo, cinco dessas informações foram obtidas junto aos vizinhos, significando, certamente, que a rede de comunicação interna dos agricultores funciona bem e a atuação da Embrapa tem efeito multiplicador. É oportuno mencionar que a Embrapa é a instituição-fonte apontada mais vezes, três, sendo as demais mencionadas apenas uma vez: Fórum de Igarapé- Açu, Secretaria de Saúde do Município de Igarapé-

Açu, Banco do Brasil, Associação Comunitária Rural São João, Sindicato Rural de Marapanim, Emater e Basa.

Os resultados obtidos com a aplicação da técnica do incidente crítico são coerentes com as informações por demanda (tabela 11), pois as quatro culturas - melancia, pimenta-do-reino, açaí e maracujá – apontadas estão entre as relacionadas na demanda.

Oliveira (2002) quando estudou a percepção de agricultores familiares na adaptação do sistema de cultivo de corte e trituração na comunidade São João, identificou que os agricultores dessa localidade têm acesso às informações agrícolas e econômicas através da Emater, Embrapa e Prefeitura Municipal de Marapanim, além das oriundas dos veículos de comunicação: rádio e televisão.

Quanto às fontes, na aplicação da técnica do incidente crítico entre os agricultores parceiros do projeto, constatamos que, além das três instituições sinalizadas no estudo de Oliveira (2002), outras aparecem como fornecedoras de informações, como: Banco do Brasil, Banco da Amazônia, Sindicato Rural de Marapanim, Associação Comunitária Rural de São João, Fórum de Igarapé-Açu.

Com relação à informação sobre bolsa escola, obtida na Secretaria de Saúde do Município de Igarapé-Açu, conforme consta na tabela 15, isto ocorre em virtude dos profissionais, ou melhor, dos agentes de saúde serem os disseminadores dessa informação junto aos agricultores.

Até então, a bolsa escola era um programa governamental independente. No início de 2004 foi criado o Programa Bolsa-Família, reunindo os programas sociais existentes: auxílio gás, bolsa-escola, bolsa-alimentação e cartão-alimentação, pelos quais as famílias beneficiadas podem receber até R\$-95,00 por mês. Por esta forma mais integrada, as ações sociais do Governo são interdependentes. Assim, além de

ser obrigatório levar as crianças às escolas, se faz necessário manter a carteira de vacinação delas em dia, assim como as mulheres grávidas devem fazer exames e consultas de rotina. Esta articulação explica a participação no processo também das Secretarias Municipais de Saúde de Igarapé-Açu e Marapanim, juntamente com a Secretaria de Educação.

Em seguida podemos identificar que 33% das informações obtidas pelos agricultores parceiros estão relacionadas ao crédito agrícola e renegociação de dívidas, tendo como instituições responsáveis pela disseminação da informação, o Banco do Brasil, o Basa, e a Emater.

Conforme podemos visualizar na figura 14, apesar da presença maior (70%) de atores institucionais fornecedores de informações, há grande participação por parte dos atores sociais, aqui traduzidos pelos vizinhos, como uma das principais fontes de informações, conforme já ressaltado. Este fato pode acontecer em função do saber local, difundido pelos e entre agricultores, e que precisa ser percebido e valorizado pelos técnicos das instituições. Nesse sentido, Veiga (2002, p.16) ressalta que “...os atores que propõem a intervenção de desenvolvimento têm que se dar o tempo de compreender os saberes e a organização social local.”

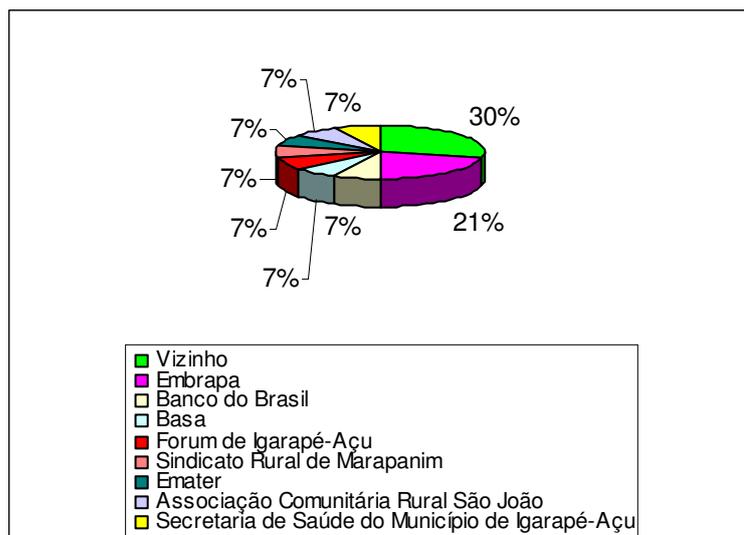


Figura 14: Atores sociais e institucionais fornecedores de informações

Na aplicação da técnica do incidente crítico, identificamos que, dos 21 agricultores parceiros do projeto, seis (29%) não conseguiram a informação para resolver o problema que enfrentavam, sendo quatro delas relacionadas ao produto maracujá, informação técnica específica. Os temas restantes estão relacionados a aposentadoria e elaboração de projeto para obtenção de energia elétrica (Tabela 16).

Tabela 16: Informações não obtidas pelos agricultores parceiros

Informação	Frequência
Como combater a virose do maracujá	02
Aposentadoria	01
Como elaborar projeto para obter energia elétrica	01
Orientação sobre que tipo de inseticida utilizar no maracujazal em virtude da doença	01
Quantidade de veneno para misturar com água para borrifar no maracujá	01

Há preocupação dos agricultores parceiros na aplicação do veneno no maracujazal, pois alguns não sabem a quantidade certa, o que constatamos na

resposta do agricultor parceiro Antonio Moreira sobre a última vez que buscou informação:

A última foi o maracujá, a medida né para fazer aquela, pra por na água pra dissolver, para borrifar o maracujá. Quem podia informar aqui que está acostumado a borrifar o maracujá. Trabalha com o maracujá é o senhor José Rodrigues. Esses que plantaram maracujá há mais tempo né ai é que eu tava na intenção de ir com eles. O veneno eu não sei como é a medida que põe na bomba com 20 litros d'água pra borrifar a plantação. Precisa saber a medida e transferir e colocar lá na bomba cheia d'água é o que a gente... o que ainda não subi foi isso.

Quando o agricultor não tem a informação para tomada de decisão nas atividades desenvolvidas no seu lote, como citado anteriormente, recorre aos membros da comunidade que tem mais experiência e conhecimento prático há mais tempo.

Verificamos que quando o agricultor parceiro não obtém a informação necessária ao desenvolvimento de suas atividades, como as explicitadas na tabela 16, ocorrem sérios problemas, entre os quais: comprometimento da sua plantação, exclusão de projetos que poderiam ampliar sua renda familiar, falta de conhecimento dos seus direitos como cidadão e, conseqüentemente, dificuldades para melhoria de sua qualidade de vida e de seus familiares.

O resultados da aplicação do incidente crítico apontam a necessidade da participação de todos os atores institucionais atuantes na região, preferencialmente de forma articulada ou integrada, pela demanda diversificada de informações, sejam financeiras, agrícolas, de saúde ou educacionais, entre outras. A pesquisa evidenciou, ainda, a importância de atores sociais, participantes de uma rede de comunicação e informação dinâmica e com capacidade de promover efeito multiplicador das ações empreendidas.

A participação da Embrapa é especialmente destacada, por ser uma instituição geradora de conhecimento, na produção de pesquisas, e também

disseminadora de informações, o que pode ser traduzido como efetiva contribuição para a solução de problemas e tomada de decisão dos agricultores parceiros do projeto para melhorar a agricultura familiar e a sua qualidade de vida.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na identificação e análise das necessidades, demandas e usos de informação por agricultores parceiros, no processo de comunicação e informação para ação e como subsídio para o desenvolvimento rural dos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim e, a partir dos resultados, podemos chegar a algumas conclusões, relativas a agricultores parceiros do projeto da Embrapa, agricultores vizinhos e formadores de opinião.

Entre as informações demandadas foram identificadas, entre as mais significativas, na área de Agricultura, aquelas que podem ser caracterizadas como informação tecnológica sobre produtos, destacando-se: maracujá, mandioca, milho, melancia, coco, pimenta-do-reino, açaí, mamão, laranja e feijão.

Outra informação significativa é sobre financiamentos, especificamente o crédito agrícola e elaboração de projetos para sua obtenção. O agricultor parceiro demonstrou necessidade de ampliar seu conhecimento sobre o assunto, uma vez que ressentia-se da ausência de mecanismos de orientação que possam facilitar a solicitação de financiamento.

Outras demandas de informações identificadas estão relacionadas aos seguintes assuntos: educação, meio ambiente, previdência social, utilidade pública e Direito, este último sobre documentação de pessoa física e jurídica.

Dada a importância que os atores institucionais assumem na geração e transferência de informação, foram identificadas as instituições que contribuem para o desenvolvimento rural, assim como, identificar os atores sociais que fazem parte da rede de comunicação na comunidade.

Em nossa pesquisa identificamos também tipos de informação demandada pelos agricultores parceiros, agricultores vizinhos e formadores de opinião que

podem sinalizar para ações a serem desenvolvidas pelos atores institucionais no atendimento a tais demandas. No caso de acesso às informações tecnológicas produzidas pela Embrapa, de acordo com os resultados obtidos, há demanda de realização de cursos sobre os produtos, destacando-se o maracujá, a mandioca, o milho e a melancia, entre outros. É oportuno ressaltar que esses cursos devem adotar uma linguagem simples, em virtude do nível de escolaridade dos agricultores, de acordo com a indicação da melhor forma e canais, informais e formais, para recebimento da informação.

Reconhecemos que a informação é um fator importante na vida desses agricultores, pois obtivemos como resultado a construção do conceito de informação a partir do entendimento deles. No processo de construção do conceito de informação, constatamos, entre as idéias expressas pelos agricultores, a sua relação com “repassar“, “instruir” ou “auxiliar” alguém, com os meios de comunicação, notícia, algo que conduz a uma direção, resolução de um problema, algo que permite tirar dúvidas, “ coisa certa”, entre outras.

Como esta pesquisa está relacionada a um Projeto que trabalha a agricultura sem queima, numa visão holística e de processo dialógico, é importante a Embrapa considerar a possibilidade de desenvolver ações conjuntas com outras instituições, levando em consideração o saber local dos agricultores, visando ao desenvolvimento das comunidades através de um trabalho em parceria.

Em virtude da dificuldade de acesso ao ensino fundamental de 5^a a 8^a série, quando os filhos e filhas de agricultores necessitam ir para cidade, a fim de dar continuidade aos estudos, há necessidade da Prefeitura ampliar o ensino fundamental na própria localidade, pois isto permitiria a conclusão do ensino fundamental sem ter que sair do ambiente de convivência.

Através do estabelecimento de parceria entre a Embrapa Amazônia Oriental, Prefeitura de Igarapé-Açu e Secretaria de Educação do Município de Igarapé-Açu, seria possível construir e implantar uma biblioteca em cada localidade, com a participação desses atores, visando a facilitar ou estimular a educação e o processo informacional na comunidade.

O Projeto deve promover ações que levem em consideração a participação da mulher dos agricultores, uma vez que existe um número significativo de mulheres na comunidade, assim como jovens e crianças.

As instituições, direta e indiretamente envolvidas no Projeto, e mencionadas no decorrer desta pesquisa podem estimular, juntamente com o SENAR, a participação dos agricultores e suas famílias na alfabetização de adultos, deixando de ser analfabetos funcionais para tornarem-se pessoas alfabetizadas, verdadeiros cidadãos. Este e novos projetos devem promover, cada vez mais, eventos que enfatizem os direitos de cidadãos e, conseqüentemente, contribuam efetivamente para a melhoria da sua qualidade de vida, de seus familiares e da comunidade onde vivem.

Os meios de comunicação de massa mais utilizados pelos agricultores parceiros são o rádio e a televisão e, em virtude disso, é importante a continuidade do programa Tipitamba, na Rádio Companheira FM, uma vez que este veicula informações sobre os cuidados cotidianos com o meio ambiente e com a melhoria da qualidade de vida da população. Seria produtiva e certamente alcançaria melhores resultados, a participação dos agricultores familiares na construção coletiva do planejamento do programa que irá ao ar.

Entendemos que a Embrapa é uma empresa de pesquisa que gera conhecimento útil e aplicável e que produz produtos e serviços de informação que

permitem melhorar a qualidade de vida das pessoas. Portanto, considerando o seu compromisso com a sociedade, o atendimento de demandas de informação dos agricultores parceiros seria uma forma de socializar o conhecimento, especialmente do segmento da agricultura familiar.

Constatamos, no processo de disseminação de informações, o funcionamento da rede de comunicação interna e externa dos agricultores parceiros, na qual, na primeira estão presentes atores sociais, aqui traduzidos em parentes, amigos e vizinhos e, no âmbito da comunicação externa, através dos atores institucionais, representados pelas instituições que são ou podem vir a ser fontes de informação nas comunidades: Embrapa, Emater, UFPA, UFRA, Banco do Brasil, BASA, SEMAM, SAGRI, SENAR, Prefeitura e Secretaria Municipal de Agricultura de Igarapé-Açu, CEPLAC, INSS, e empresas como a Amafruta.

Ficou claro que os canais de comunicação preferenciais para recepção da informação pelos agricultores parceiros dividem-se em comunicação pessoal, cartilha explicativa e folhetos, além de vídeos, portanto, os produtos elaborados pelas instituições devem atentar para essa orientação.

Reconhecendo que vários projetos de pesquisa na Embrapa atuam junto à segmentos da agricultura familiar, sugerimos e recomendamos a análise sobre a possibilidade de criação de um sistema de informação agrícola para atendimento às necessidades e demandas por informação dos agricultores familiares, de acordo com as especificidades apontadas nos resultados desta pesquisa.

Recomendamos a participação de profissionais da informação em projetos de P&D que trabalhem com o segmento da agricultura familiar, uma vez que seu “olhar” pode ser convertido em participação efetiva, por exemplo, como nesta pesquisa, de

identificação das necessidades, demandas e usos de informação do referido segmento.

Diante dos resultados e de sua discussão, além das reflexões propiciadas pela pesquisa, acreditamos estar contribuindo também para novos estudos sobre informação, no segmento da agricultura familiar, uma vez que a Embrapa, assim como outras instituições participantes do desenvolvimento local das comunidades, têm o compromisso de atender às suas necessidades, demandas e usos de informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. Uma nova extensão para agricultura familiar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL, 1997, Brasília, DF. **Anais**. Brasília: PNUD, 1997.

ALVES, E. **Agricultura familiar**: prioridade da Embrapa. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2001. 55p. (Embrapa Informação Tecnológica. Texto para Discussão, 9).

ARAÚJO, V.M.H. de; FREIRE, I.M.; MENDES, T.C.M. Demanda de informação pelo setor industrial: dois estudos no intervalo de 25 anos. **Ciência da Informação**, Brasília, v.26, n.3, set./dez., p.283-289, 1997.

ASSIS, William Santos de. **Organizações sociais locais e o processo de inovações no caso da agricultura familiar na Amazônia**. 2001. 166 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável). – Universidade Federal do Pará, Belém. **Orientador**: Christophe Albaladejo.

Brasil. Ministério da Educação. **Programa e missão do bolsa escola**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/secie/estrut/serv/programa/default.asp>> Acesso em: 13 out. 2004a.

Brasil. Ministério da Educação. **Resultados alcançados do Programa Bolsa Escola**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/secie/estrut/serv/resultado/default.asp>> Acesso em: 14 out. 2004b.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria de Agricultura Familiar. **Os números da agricultura familiar**. Disponível em : <http://www.pronaf.gov.br/plano_safra/2003_04/numeros.htm> Acesso em: 12 dez. 2004c.

Brasil. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Luz no campo ultrapassa as 400 mil novas ligações rurais**. Disponível em: <http://www.planejamento.gov.br/planejamento_investimento/conteudo/noticias/luz_no_campo.htm>. Acesso em: 16/09/2004d.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antonio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 16-37, jan./mar., 2000.

CHAMBERS, Robert. **Pequenos agricultores e cientistas**. Brasília: Embrater, 1984. 24p. (Embrater. Leituras Seleccionadas, 5). Traduzido por Carlos Bicalho e Sebastião Roberto Bressan.

Datanexus. As maiores audiências do período. Disponível em:
<<http://www.datanexus.com.br/quinze2.shtml>> Acesso em 12 de dez. 2004.

DIAZ BORDENAVE, J.E.D. **O que é comunicação rural**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 105p. (Coleção Primeiros Passos, 101).

DOWBOR, Ladislau. Redes de informação de gestão local. In: SILVEIRA, Caio Marco; REIS, Liliane da Costa (Org.). **Desenvolvimento local: dinâmicas e estratégias**. Rio de Janeiro: Redes de Informações para o Terceiro Setor, 2001. p. 7-23

FIRTH, R. Estrutura e organização numa pequena comunidade. In: FIRTH, R. **Elementos de organização social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, p.58-94.

FREIRE, I.M.; ARAÚJO, V.M.R.H. de. A responsabilidade social da Ciência da Informação. **Transinformação**, v.11, n.13, jan./abr., p.1-10, 1999.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 93p.

GATO, R.F. **Informação tecnológica agrícola: processo de transferência sob o ponto de vista de produtores rurais em organizações comunitárias no município de Capitão Poço (PA) – um estudo exploratório**. 1993. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Heloísa Tardin Christovão.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni; GOMES, Sérgio. **Tecendo redes no Brasil rural: a comunicação como ferramenta de desenvolvimento local**. Brasília: NEAD, 2003. 71p. (Debates e Ação, 3).

GONZALEZ DE GOMEZ, Maria Nélida. Informação e conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v.13, n.2, p.107-114, jul./dez. 1984.

HAYES, Robert M. Measurement of Information Science. In: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise. **Conceptions of library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London: Talor Graham, 1992. p. 268-285. p.269

HÉBETTE, Jean; ALVES, Juliette Miranda; QUINTELA, Rosângela da S. Parentesco, vizinhança e organização profissional da fronteira amazônica. In: HÉBETTE, Jean; MAGALHÃES, Sônia Barbosa; MANESCHY, Maria Cristina (Org.) **No mar, nos rios e na fronteira: faces do campesinato do Pará**. Belém: Edufpa, 2002. p.175-202.

IBGE. **Censo demográfico 2000**. Resultado do universo. Rio de Janeiro, 2002.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais 2003**. Rio de Janeiro, 2004. p.72 (IBGE. Estudos e Pesquisas, 12).

KATO, M. do S. A. (Coord.). **Adaptação e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense: relatório final**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2004. 116p. Edital CNPq/COAGR004-2001 – C&T

KATO, M. do S. A. *et al.* **Adaptação e validação participativa de uma alternativa tecnológica de preparo de área sem queima no nordeste paraense**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2001. 15p. Programa de Pesquisa em Agropecuária e Agronegócio – CNPq – 004. Projeto em Andamento.

KREMER, Jeannette M. Fluxo de informação entre engenheiros : uma revisão da literatura. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.9, n.1, p.7-41, mar. 1980a.

KREMER, Jeannette M. A técnica do incidente crítico. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.165-176, set. 1980b.

LASTRES, Helena Maria Martins; FERRAZ, João Carlos. A economia da informação, do conhecimento e do aprendizado. In: LASTRES, Helena Maria Martins; ALBAGLI, Sarita. (Org.). **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 27-57

LEITE, R.A.O. Novos paradigmas para a socialização da informação e a difusão do conhecimento científico: perspectivas de interação entre a organização dos sistemas e a complexidade da informação. **INFORMARE**, v.2, n.1, p.57-69, jan./jun. 1996.

MARQUES, N.E.; NORONHA, H.F. **Agricultura familiar: entender e transformar.** Florianópolis: EPAGRI, 1998. 39p.

McGarry, Kevin. **O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória.** Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999. 206p.

MOURA, Margariada Maria. **Camponeses.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1988. 78p.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar: categoria em ação política. In: LOPES, E.S.A.; MOTA, D.M.; SILVA, T.E.M. DA. (Org.). **Ensaio – desenvolvimento rural e transformações na agricultura.** Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros / Universidade Federal de Sergipe, 2002. p.133-159.

OLIVEIRA, Carlos Douglas de Sousa. **Percepção de agricultores familiares na adaptação do sistema de cultivo de corte e trituração.** 2002. 129 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável). – Universidade Federal do Pará, Belém. Orientadora: Maria do Socorro Andrade Kato.

OLIVEIRA, Maria do Socorro Padilha de; FARIAS NETO, José Tomé de. **Açaí: cultivar BRS-Pará.** Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2005. Folder.

PARÁ. Secretaria de Estado de Integração Regional. **Sistema de informações georreferenciadas do estado do Pará - SIGIEP.** Belém, 2003. 1 CD-ROM.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas, *et al.* **A aplicação da técnica do incidente crítico em estudos de usuários da informação técnico-científica: uma abordagem comparativa.** In: GOMES, Hagar Espanha. (Org.) A contribuição da psicologia para o estudo dos usuários da informação técnico-científica. Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p.43-71.

PINHEIRO, Lena Vania Pinheiro. **Usuário – informação: o contexto da ciência e da tecnologia.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos: IBICT, 1982. 66p.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar.** 1997. 280 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Orientadora: Gilda Maria Braga.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Informação – este obscuro objeto da Ciência da Informação. **Morpheus**, v.2, n.4, 2004. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cead/morpheus/Numero04-2004/lpinheiro.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2004.

PINHEIRO, S.L.G. O enfoque sistêmico na pesquisa e extensão rural (FSR/E): novos rumos para a agricultura familiar ou apenas a reformulação de velhos paradigmas de desenvolvimento? In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMA DE PRODUÇÃO, 2., 1995, Londrina. **Anais**. Londrina: SBS, 1995. p.21-52

PLOEG, Jan Douwe van der. Sistemas de conocimiento, metáfora y campo de interacción: el caso del cultivo de la patata en el altiplano peruano. In: RECASENS, Andreu Viola (Comp.). **Antropología del desarrollo: teorías e estudios etnográficos en América Latina**. Buenos Aires: Paidós, 2000. P.359-383.

PONTE, Marise Conduru. **Ciclo de comunicação e transferência de informação na área de meio ambiente**: estudo de caso – o Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará. 2000. 109 f. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Pará, Belém. Orientadora: Lena Vânia Ribeiro Pinheiro.

ROUÉ, Marrie. Novas perspectivas em etnoecologia: “saberes tradicionais” e gestão dos recursos naturais. In: CASTRO, Edna; PINTON, Florence. (Org.). **Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre o desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: CEJUP: UFPA-NAEA, 1997. p.188-200.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan./jul. 1997.

SCHMITZ, Heribert. Die partnerschaft zwischen bauern, forschern, beratern und ihren organisationen: reflexionen über das landwirtschaftliche wissenssystem im bundesstaat Pará/Brasilien. 2002. 288 f. Berlin: Humboldt-Universität zu Berlin. (tese de doutorado).

SCHMITZ, Heribert. Reflexões sobre métodos participativos de inovação na agricultura. In: SIMÕES, Aquiles; SILVA, Luis Mauro Santos; MARTINS, Paulo Fernando da S.; CASTELLANET, Christian. (Org.). **Agricultura familiar: métodos e experiências de pesquisa – desenvolvimento**. Belém: NEAF/CAP/UFPA/GRET, 2001. p.39-99

SCHMITZ, Heribert; MOTA, Dalva Maria da; SIMÕES, Aquiles. Métodos participativos e agricultora familiar: atualizando o debate. In: SEMANA DE CAPRINOCULTURA E OVINOCULTURA BRASILEIRAS, 4., 2004, Sobral. **Anais**. Sobral: Embrapa Caprinos, 2004. CD-ROM.

SIDERSKY, Pablo; SILVEIRA, Luciano Marcas da. Experimentar com os agricultores: a experiência da AS-PTA na Paraíba. In: GUIMARÃES FILHO, Clovis; ANDREOTTI, Carlos M. **Metodologias de experimentação com os agricultores**. Brasília: Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia, 2000. p. 33-58.

SILVA SOBRINHO, Telma Socorro. **Agregados de informação: o caso do Informan**. 2000. 87 f. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Pará, Belém. Orientadora: Maria Nélida González Gómez.

TARPANI, Cláudia. Comunidades rurais no Brasil e a informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.20, n.1, p.55-56, jan./jun. 1991.

THIOLLENT, Michel. A metodologia participativa e sua aplicação em projetos de extensão universitária. In: THIOLLENT, Michel, ARAÚJO FILHO, Targino de; SOARES, Rosa Leonora Salerno (Org.). **Metodologia e experiências em projetos de extensão**. Niterói: EDUFF, 2000. p.19-28.

VEIGA, Iran. Saber e participação na transformação dos sistemas de produção da agricultura familiar amazônica. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 5., 2002, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: SBSP, 2002. p.16

VEIGA, José Eli da. Agricultura familiar e sustentabilidade. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v.13, n.3, p.383-404, 1996.

VILAR, R.R.L.; COSTA, F. de A. **Dinâmica do investimento em trabalho nas unidades agrícolas familiares com restrição de terra e abundância de trabalho, em Capitão Poço, Pará**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2000. 15p. (Embrapa Amazônia Oriental. Documentos, 47).

WANDERLEY, M.N.B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: ENCONTRO DE PESQUISA SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA NOS TABULEIROS COSTEIROS DE SERGIPE, 2., 1997, Aracaju-SE. **Anais...** Aracaju: EMBRAPA-CPATC, 1997. p.9-57.

WERSIG, Gernot. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v.29, n.2, p.229-239, 1993.

WERSIG, Gernot; NEVELLING, Ulrich. The phenomena of interest to Information Science. **The Information Scientist**, v.9, n.4, p.127-140, dez. 1975.

ZEMAN, Jirí. Significado filosófico da noção de informação. In: ZEMAN, J.; GOLDMANN, L.; GRANGER, G.G.; LWOFF, A.; DE SANTILLANA, G.; FRANK, H.; WIENER, N.; BONSACK, F. **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p.154-179.

ANEXOS

ANEXO A - Roteiro da entrevista com os agricultores parceiros

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 Qual o município que o (a) senhor (a) pertence?
- 1.2 Qual a comunidade que o (a) senhor (a) pertence?
- 1.3 Nome completo e como é conhecido (a) na comunidade?
- 1.4 Qual sua idade?
- 1.5 Qual sua escolaridade?
- 1.6 É membro de associação, cooperativa, sindicato, entre outros? Qual ou quais?

2. PARTICIPAÇÃO E ATIVIDADES NO PROJETO

- 2.1 Quais os técnicos que fazem parte do projeto?
- 2.2 Como foi o primeiro contato com os membros do projeto?
- 2.3 Há quanto tempo o (a) senhor (a) é parceiro do projeto?
- 2.4 Qual a área destinada ao experimento?
- 2.5 Que cultura o (a) senhor (a) já plantou na área de experimento?
- 2.6 Na sua opinião, dentre as culturas que o senhor citou, qual a que melhor se desenvolveu? Por que?
- 2.7 Qual a sua opinião em relação a agricultura de corte e trituração e a agricultura de corte e queima?
- 2.8 Na sua opinião, qual a diferença da prática anterior para a prática atual?
- 2.9 O (a) senhor (a) sentiu dificuldade para implantação do experimento?
- 2.10 O (a) senhor (a) conversa com seus familiares e amigos sobre o projeto?
- 2.11 O (a) senhor(a) pode dizer quais as ações que o projeto desenvolveu ao longo desse tempo?
- 2.12 O (a) senhor (a) participa das atividades programadas pelo projeto? Quando o (a) senhor (a) não pode participar, quem o (a) senhor(a) indica?
- 2.13 Quais as ações do projeto que o senhor achou mais interessante e por que?

Cont. do ANEXO A - Roteiro da entrevista com os agricultores parceiros

2.14 O (a) senhor (a) já indicou algum amigo (a) ou vizinho (a) para ser parceiro do projeto? Por que indicou?

2.15 Na sua opinião quais os problemas que o (a) senhor (a) vê no projeto?

2.16 Quais suas sugestões para resolvê-los?

2.17 O (a) senhor(a) já participou de alguma atividade do projeto, na elaboração do material como calendários, folders, folhetos, dia de campo na TV, entre outros?

3. ATUAÇÃO DO TÉCNICO DO PROJETO

3.1 Os técnicos do projeto o visitam de quanto em quanto tempo?

3.2 O (a) senhor (a) está satisfeito com frequência com que os técnicos lhe visitam?

3.3 O (a) senhor (a) já utilizou alguma informação fornecida pelos membros do projeto?

3.4 O (a) senhor(a) confia nos membros do projeto?

3.5 O (a) senhor (a) encontra dificuldades para colocar as informações no caderno que são solicitadas pelo projeto? Caso positivo, qual seria na sua opinião a melhor forma de registrá-las?

4. USO DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

4.1 Rádio

4.1.1 O (a) senhor (a) possui rádio? Caso positivo qual a emissora que o (a) senhor (a) e sua família mais ouvem?

4.1.2 Quais os programas preferidos? Quais os horários que mais assiste? Por que assiste ao referido programa?

4.2 Jornais

4.2.1 O (a) senhor (a) lê jornais? Se lê, quais?

4.3 Revistas

4.3.1 O (a) senhor (a) lê revistas? Se o (a) senhor (a) lê, quais?

4.4 Televisão

Cont. do ANEXO A - Roteiro da entrevista com os agricultores parceiros

4.4.1 O (a) senhor (a) possui televisão? Caso positivo, qual o canal que o (a) senhor (a) e sua família mais assistem?

4.4.2 Quais os programas que o (a) senhor (a) e sua família mais assistem? Quais os horários? E por que assiste a esse (s) programa(s)?

5. USO DE INFORMAÇÃO

5.1 O que o (a) senhor (a) entende por "informação"?

5.2 As informações que o (a) senhor (a) obtém resolve seu problema?

5.3 Quando o (a) senhor (a) sente necessidade para obter uma informação, onde e com quem procura?

5.4 Das plantas que o (a) senhor (a) cultiva, alguma vez já foram atacadas por pragas e doenças? Caso afirmativo, onde o (a) senhor (a) obteve a informação para resolver o problema?

5.5 As informações que o (a) senhor (a) e sua família recebem para resolver determinado problema em seu lote chegam através de filmes, slides, palestras, reuniões, programa de rádio, excursões, entre outros.

5.6 Como o (a) senhor (a) gostaria de receber uma informação, de forma que ela pudesse lhe ser útil?

5.7 Sua família já sentiu necessidade de obter informação sobre assuntos como: vacinação das crianças, lazer, bolsa escola, drogas, entre outros?

5.8 A informação resolveu seu problema?

5.9 O (a) senhor (a) já teve acesso ao crédito agrícola? Caso positivo, como obteve essa informação? Caso negativo, por que não teve acesso ao crédito agrícola?

5.10 O (a) senhor (a) entendeu a informação sobre o crédito? Alguém precisou lhe explicar sobre o crédito?

5.11 Que informações o (a) senhor (a) mais precisa ou usa?

5.12 Qual foi a última vez que o (a) senhor (a) precisou de uma informação?

5.13 Para que o (a) senhor (a) precisou dessa informação?

5.14 O (a) senhor (a) obteve a informação?

a) Se sim. O que aconteceu?

b) Se não. O que aconteceu?

ANEXO B - Roteiro da entrevista com os agricultores vizinhos e formadores de opinião

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 Qual o município que o (a) senhor (a) pertence?

1.2 Qual a comunidade que o (a) senhor (a) pertence?

1.4 Nome completo e como é conhecido (a) na comunidade?

1.5 Qual sua idade?

1.6 Qual sua escolaridade?

1.8 É membro de associação, cooperativa, sindicato, entre outros? Qual ou quais?

2. CONHECIMENTO SOBRE O PROJETO

2.1. O que o (a) senhor (a) sabe sobre o projeto?

2.2. O (a) senhor (a) já utilizou alguma informação fornecida pelos membros do projeto?

4. USO DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

4.1 Rádio

4.1.1 O (a) senhor possui rádio? Caso positivo qual a emissora que o (a) senhor (a) e sua família mais ouvem?

4.1.2 Quais os programas preferidos? Quais os horários que mais assiste? Por que assiste ao referido programa?

4.2 Jornais

4.2.1 O (a) senhor (a) lê jornais? Se lê, quais?

4.3 Revistas

4.3.1 O (a) senhor (a) lê revistas? Se lê, quais?

4.4 Televisão

Cont. do ANEXO B - Roteiro da entrevista com os agricultores vizinhos e formadores de opinião

4.4.1 O (a) senhor (a) possui televisão? Caso positivo, qual o canal que o (a) senhor(a) e sua família mais assistem?

4.4.2 Quais os programas que o (a) senhor (a) e sua família mais assistem? Quais os horários? E por que assiste a esse (s) programa(s)?

5. USO DE INFORMAÇÃO

5.1 O que o (a) senhor (a) entende por "informação"?

5.2 Quando o (a) senhor (a) sente necessidade para obter uma informação, onde e com quem procura?

5.3 Das plantas que o (a) senhor cultiva, alguma vez já foram atacadas por pragas e doenças? Caso afirmativo, onde o senhor obteve a informação para resolver o problema?

5.4 As informações que o (a) senhor (a) e sua família recebem para resolver determinado problema em seu lote chegam através de filmes, slides, palestras, reuniões, programa de rádio, excursões, entre outros.

5.5 Como o (a) senhor (a) gostaria de receber uma informação, de forma que ela pudesse lhe ser útil?

5.6 Sua família já sentiu necessidade de obter informação sobre assuntos como: vacinação das crianças, lazer, bolsa escola, drogas, entre outros?

5.7 A informação resolveu seu problema?

5.8 O (a) senhor (a) já teve acesso ao crédito agrícola? Caso positivo, como obteve essa informação? Caso negativo, por que não teve acesso ao crédito agrícola?

5.9 O (a) senhor (a) entendeu a informação sobre o crédito? Alguém precisou lhe explicar sobre o crédito?

5.10 Que informações o (a) senhor (a) mais precisa ou usa?

5.11 Qual foi a última vez que o (a) senhor (a) precisou de uma informação?

5.12 Para que o (a) senhor (a) precisou dessa informação?

5.13 Como o (a) senhor (a) obteve a informação?

a) Se sim. O que aconteceu?

b) Se não. O que aconteceu?

ANEXO C - Relação dos agricultores parceiros entrevistados

Nº	Agricultores Parceiros	Município	Localidade
01	Francisco Nélio Pereira de Lima	Igarapé-Açu	Comunidade Nova Olinda
02	José Luis Ramos das Neves	Igarapé-Açu	Comunidade Nova Olinda
03	João Francisco Lima Filho	Igarapé-Açu	Comunidade Nova Olinda
04	João Batista R. de Souza(*)	Igarapé-Açu	Comunidade Nova Olinda
05	Antonio Barbosa França	Igarapé-Açu	Comunidade Nova Olinda
06	Antonio Gomes da Silva	Igarapé-Açu	Comunidade N.S.do Rosário
07	Francisco Moacir de Almeida	Igarapé-Açu	Comunidade N.S.do Rosário
08	José Alves de Oliveira(**)	Igarapé-Açu	Comunidade N.S.do Rosário
09	Antonio Carlos Alves de Araújo	Igarapé-Açu	Comunidade São Matias
10	Antonio José Alves de Araújo	Igarapé-Açu	Comunidade São Matias
11	João Luis da Silva	Igarapé-Açu	Comunidade São Matias
12	Orlando Alves de Araújo	Igarapé-Açu	Comunidade São Matias
13	Raimundo Alves de Araújo	Igarapé-Açu	Comunidade São Matias
14	Antonio Francisco Moreira	Marapanim	Comunidade N.S.Aparecida
15	Maria Francisca da Conceição	Marapanim	Comunidade N.S.Aparecida
16	Pedro de Alcântara	Marapanim	Comunidade N.S.Aparecida
17	Benedito Raul da Silva	Marapanim	Comunidade São João
18	João de Souza Barros	Marapanim	Comunidade São João
19	João Pereira da Silva	Marapanim	Comunidade São João
20	Manoel da Silva	Marapanim	Comunidade São João
21	Ramiro Hagapito da Silva	Marapanim	Comunidade São João

(*) Foi substituído pelo irmão, uma vez que passou a residir em Belém

(**) Foi substituído na entrevista pelo filho, em virtude das atividades do lote serem desenvolvidas por ele.

ANEXO D - Relação dos agricultores vizinhos entrevistados

1. José Francisco Rodrigues
2. Valdemar Gomes da Silva (Sr. Dema)
3. Raimundo dos Santos Barros (Sr. Gordinho)
4. Alfredo dos Santos Neto
5. Sebastiana Leite das Neves

ANEXO E - Relação dos formadores de opinião entrevistados

1. Maria Eliete da Silva (Bel) Professora
2. Antonio Alexandre Ribeiro da Silva (Secretário do Sind.dos Trabalhadores e Trabalhadoras de Igarapé-Açu)
3. Mangediel de Lima Carrera (Agente de Saúde)
4. Janderson Mário Honorato Leite (Agente de Saúde)
5. Antônio Paulo Rodrigues de Paiva (Pres. da Associação N.S. do Rosário)